

LITERATURA do CACAU

Cyro de Mattos:
Estudos Literários

Reheniglei Rehem (Organizadora)

12

COLEÇÃO CADERNOS DE AULA

CYRO DE MATTOS: ESTUDOS LITERÁRIOS

COLEÇÃO CADERNOS DE AULA

Cyro de Mattos:
Estudos Literários

Reheniglei Rehem
Organizadora

12

Ilhéus-Bahia


Editora da UESC

2017



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
WALTER PINHEIRO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA
EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS
RITA VIRGINIA ALVES SANTOS ARGOLLO

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

André Luiz Rosa Ribeiro

Andrea de Azevedo Morégula

Adriana dos Santos Reis Lemos

Evandro Sena Freire

Francisco Mendes Costa

Guilhardes de Jesus Júnior

José Montival Alencar Junior

Lucia Fernanda Pinheiro Barros

Lurdes Bertol Rocha

Ricardo Matos Santana

Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti

Samuel Leandro Oliveira de Mattos

Silvia Maria Santos Carvalho



Colaboradores:

Estudantes da Universidade Estadual de Santa Cruz, do Curso de Letras, da disciplina Literatura Sul-baiana, no período de 2013 a 2015.



Alda Maria de Jesus Lima
Aline Taciana Santana Cruz
Amanda Santos Alves
Amara Sampaio de Oliv eira
Bárbara de Souza Freitas
Bárbara Luiza Menezes Lago
Cleudes Cotias dos Santos,
Cyro de Mattos
(escritor homenageado)
Elias Ribeiro Maia
Emni Al Arish Gusmão Massarra
Flávia Conceição de Oliveira
Iasmine Menezes Passinho
Josanne dos Santos Afonso
Joyce da Silva Soares
Juan Facundo Sarmiento
(professor convidado)
Juliene Santos Souza
Karina Silva Santos

Leandro Souza Borges Silva
Leonardo dos Santos Campos
Luciano Rodrigo Dias dos Santos
Luiza Lima Nogueira
Marcela Nascimento de Jesus
Márcia Brito Trindade
Petronilo Souza da Silva Neto
Rafaela Andrade dos Santos
Rute Praxedes dos Santos Korol
Sara Rodrigues de Queiroz
Suzeli Santos Santana
Sylvia Mara Silva Bouix
Taiane Silva Guedes Teixeira
Tatiana de Santana Suzart do Vale
Tiago Calazans Simões
Viviane Carvalho Lopes
Werlaine Miranda Oliveira
Yuri Andrei Batista Santos



Notas autorais:

1. O conteúdo e as opiniões expressadas pelos autores dos textos são de responsabilidade dos mesmos.
2. Autoriza-se a reprodução total ou parcial dos textos desde que citada sua autoria e procedência.

©2017 by REHENIGLEI REHEM
Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-000
Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126
<http://www.uesc.br/editora>
e-mail: editus@uesc.br

PROJETO GRÁFICO
George Pellegrini

DIAGRAMAÇÃO
Álvaro Coelho
Lária Farias Batista

REVISÃO
Genebaldo Pinto Ribeiro
Roberto Santos de Carvalho
Reheniglei Rehem

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C997 Cyro de Mattos : estudos literários / Reheniglei Rehem
 organizadora. - Ilhéus, BA : Editus, 2017.
 173 p. : il. ; anexos. - (Coleção Cadernos de aula ;
 n. 12)

Inclui referências.

Trabalhos desenvolvidos durante o período de 2013
e 2015 com turmas da disciplina Literatura Sul baiana
do curso de graduação em Letras, da Universidade
Estadual de Santa Cruz - UESC.
ISBN 978-85-7455-462-4

1. Literatura brasileira - História e crítica. 2. Mattos,
Cyro de, 1939-. I. Rehem, Reheniglei Araújo. II Série.

CDD 869.09

Ficha catalográfica: Maria José Serrão Nunes - CRB5/1643

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 9

LITERATURA E CRENÇA 15
Cyro de Mattos

I – POESIA

**NO LADO AZUL DA CANÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES
SOBRE A POESIA DE CYRO DE MATTOS** 27
Amanda Santos Alves, Marcela Nascimento de Jesus,
Suzeli Santos Santana, Werlaine Miranda Oliveira

**POESIA E TOPOFILIA: LUGAR E AFETIVIDADE EM *RIO MORTO*
E *RIO DEFINITIVO*, DE CYRO DE MATTOS** 43
Sara Rodrigues de Queiroz

II - PROSA

**CRÔNICAS DE LUGAR: A PROSA POÉTICA DE CYRO DE MATTOS
EM *O RIO* E *ÁGUAS DO MAR*** 57
Bárbara de Souza Freitas, Flávia Conceição de Oliveira,
Iasmine Menezes Passinho, Viviane Carvalho Lopes,
Yuri Andrei Batista Santos

**ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DA REGIÃO CACAUEIRA
SUL-BAIANA VISTOS EM CONTOS DE CYRO DE MATTOS** 71
Cleudes Cotias dos Santos, Márcia Brito Trindade,
Sylvia Mara Silva Bouix, Taiane Silva Guedes Teixeira,
Tatiana de Santana Suzart do Vale

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM *AULA* E *OS RECUADOS*: CONTOS
DE CYRO DE MATTOS** 83
Alda Maria de Jesus Lima, Bárbara Luiza Menezes Lago,
Emni Al Arish Gusmão Massarra, Joyce da Silva Soares,
Juliene Santos Souza

**CYRO DE MATTOS: UMA APROXIMAÇÃO CULTURAL
AO UNIVERSO LATINO-AMERICANO 95**
Juan Facundo Sarmiento

III- LITERATURA INFANTIL

***PALHAÇO BOM DE BRIGA: O LÚDICO E O IMAGINÁRIO
CIRCENSE EM CYRO DE MATTOS 105***
Luiza Lima Nogueira

***NATAL DAS CRIANÇAS NEGRAS: LITERATURA INFANTIL,
REALISMO E COTIDIANO EM CYRO DE MATTOS 123***
Aline Taciana Santana Cruz, Amara Sampaio de Oliveira,
Elias Ribeiro Maia, Leonardo dos Santos Campos, Karina Silva Santos

***O MENINO E O TRIO ELÉTRICO: O VERBAL, O IMAGÉTICO E O
CULTURAL EM CYRO DE MATTOS 137***
Josanne dos Santos Afonso, Leandro Souza Borges Silva,
Luciano Rodrigo Dias dos Santos, Rute Praxedes dos Santos
Korol, Tiago Calazans Simões

IV- RESENHA

***VINTE POEMAS DO RIO, DE CYRO DE MATTOS:
PALAVRAS DE EXALTAÇÃO POÉTICA 153***
Petronilo Souza da Silva Neto, Rafaela Andrade dos Santos

V – ENTREVISTA

***LITERATURA É VIDA: ENTREVISTANDO
CYRO DE MATTOS 163***
Reheniglei Rehem

APRESENTAÇÃO

Considerando a indissociabilidade do Ensino, Pesquisa e Extensão, os textos aqui apresentados tratam, sob diferentes enfoques, da obra de Cyro de Mattos, escritor nascido em 1939, na cidade de Itabuna, Bahia. Isto, a partir do resultado de atividades de aulas, pesquisas e seminários por mim ministrados e coordenados, em turmas de graduação de Letras/UESC, na disciplina Literatura Sul - baiana, durante o período de 2013 a 2015.

Neste contexto, foram selecionados doze trabalhos para compor este livro, assim distribuídos: dez artigos de autoria discente; um artigo do próprio Cyro de Mattos, intitulado “Literatura e crença”; outro do professor Juan Facundo Sarmiento, denominado “Cyro de Mattos: uma aproximação cultural ao universo latino-americano”; uma resenha crítica, também escrita por graduandos e mais a entrevista “Literatura é vida”, por mim realizada com o homenageado.

Quanto às análises textuais, as mesmas se desenvolveram, principalmente, com a discussão do conceito de “conto”, “poesia”, “sujeito-lírico”, “identidade”, “globalização”, “representações” e “topofilia”. Este último termo aqui empregado enquanto elemento identificador da relação afetiva do homem com o lugar e do escritor com o espaço físico. Lugar onde habitam e atuam os seus personagens - do menino de rua, do palhaço, do trabalhador rural ou simplesmente do cidadão comum -, todos eles configuradores da percepção lírica, social e “local” que permeiam a geografia pessoal deste artista da palavra, no nosso caso, Cyro de Mattos.

Assim visto, espero que este livro possa contribuir com a divulgação e circulação do conhecimento acadêmico, fazendo valer, assim, com o mencionado processo de retroalimentação do tripé Ensino – Pesquisa – Extensão do curso de Letras da Uesc.

Por fim, agradeço aos meus alunos e demais colaboradores pela realização deste “Caderno de Aula - Cyro de Mattos: estudos literários”.

A Organizadora



Momento da posse do escritor Cyro de Mattos como membro imortal da Academia Baiana de Letras, Salvador, 2016. Acervo da ABL.



Cyro de Mattos discursando na cerimônia de outorga do seu título de *Doutor Honoris Causa*, concedido pela UESC, em setembro de 2016.

LITERATURA E CRENÇA

*Cyro de Mattos*¹

Ressalto esses versos de Walt Whitman:

Ciclos fizeram navegar meu berço remando e remando sempre como
alegres barqueiros,/ para me darem lugar estrelas desviaram-se das
órbitas,/ mandaram influências espiar o que haveria de ficar comigo.

Com 75 anos de idade, busco reunir forças para continuar na jornada de escrever livros em prosa e verso, para as crianças e para os adultos. É uma condição da qual não consigo fugir, pois é meu ser-estar no mundo, minha maneira de me ritmar com sentimentos e razões, transitar na solidão solidária que me faz um homem real. Até o momento publiquei no Brasil trinta três livros pessoais e oito no exterior: Portugal (3), Itália (3), França (1) e Alemanha (1). Tenho contos e poemas inclusos em antologias importantes de Portugal, Alemanha, Itália, Dinamarca, Rússia e Estados Unidos. Neste ano de 2013 publiquei no Brasil estes livros: “O que eu vi por aí”, Editora Biruta (SP), infantil, “Ecológico”, Editora da Universidade Estadual da Bahia, poesia, “Onde estou e Sou/ Donde Estoy y Soy”, Ler Editora, Brasília, e “Um Grapiúna em Frankfurt”, Editorial Dobra, SP, crônicas. Publiquei em segunda edição: “Berro de Fogo e Outras Histórias”,

¹ Escritor, poeta, ensaísta e jornalista.

pela Editora da UESC, e “Os Brabos”, Ler Editora. No exterior: “Vinte e um poemas de amor”, Palimage Editora, Portugal, e “Il Bambini e Il trio Elétrico”, na Itália, Editora Romar, narrativa infantil. Está no prelo da Editora Biruta meu primeiro romance: “Nada Era Melhor”. Como se vê a safra está sendo boa.

Cabe agora a pergunta: Como tudo começou? Antes, bem antes de publicar meu primeiro livro, “Berro de Fogo”, contos, que retirei de minha bibliografia. Pensando, pensando, primeiro foi o ouvinte, que a seguir puxou o leitor. O ouvinte é aquele menino que me refiro neste poema:

Lembrança

Contava histórias
 Para ele sorrir,
 Contava histórias
 Para ele voar,
 Contava histórias
 Para ele dormir.
 De tanto ela contar
 Nunca se cansava,
 De tanto ele escutar
 Mais se encantava.
 Dono do mais belo
 E feliz dos sorrisos,
 No país dos sonhos
 Onde o menino morava.

Quando o menino deixou de escutar as histórias de mãe Josefina, apareceu então o leitor de calça curta, numa época em que sua cidade natal tinha a infância livre, com os queridos amigos aconteciam as peripécias, tudo era surpresa e novidade.

Minhas primeiras leituras foram almanaques de farmácia e revistas em quadrinhos, que os meninos de meu tempo chamavam gibi e guri. Nunca esqueci meus ídolos imbatíveis: Homem Submarino, Homem Aranha, Batman e Super-Homem. Com Robin Hood, Os Três Mosqueteiros e Cavaleiros da Távola Redonda, a vida era doçura pura nas matinês do Cine Itabuna, aos domingos. Quanta curtição no lado azul da canção, o bem sempre vencia o mal, causando aquela ovação geral da plateia quando a fita de bague-bague chegava ao final.

Em 1952 fui estudar interno no Colégio Nossa senhora da Vitória, dos Irmãos Maristas, em Salvador. Na biblioteca do grêmio estudantil descobri os poetas românticos, os romancistas José de Alencar, Visconde Taunay e Bernardo Guimarães. Em 1955 fui cursar o clássico no Colégio Estadual da Bahia (Central). Na biblioteca tomei conhecimento de alguns romances de Vitor Hugo, Balzac, Flaubert, Dostoievski, Herculano, Camilo Castelo Branco e Eça de Queiroz. Descobri a lira de Tomás Antônio Gonzaga, inspirada pela beleza de Marília, o Brasil oprimido de Euclides da Cunha, a sociedade desigual denunciada por Lima Barreto, a oratória de padre Antônio Vieira e Ruy Barbosa.

A curiosidade na leitura vindo da infância começava a se tornar um hábito, vínculo de concordância e gravidade. Depois que ingressei na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, em 1956, comecei a formar uma pequena biblioteca com livros que comprava na livraria Civilização Brasileira, na Rua Chile. Adquiria aqueles livros que produziam grande impacto e opiniões divergentes entre os companheiros de geração. Cito alguns: Grande sertão: veredas, de João Guimarães Rosa, Perto do coração selvagem, de Clarice Lispector, Corpo vivo, de Adonias Filho, Gabriela, cravo e canela, de Jorge Amado, Crônica da casa assassinada, de Lúcio Cardoso, A Metamorfose, de Kafka, A idade da Razão, de Sartre, e Calígula, de Camus.

Ao cursar o segundo ano na Faculdade de Direito, tomei coragem e enviei meu primeiro conto “A Corrida” para ser avaliado pelo editor do suplemento literário do Jornal da Bahia, João Ubaldo Ribeiro. Que alegria quando comprei o jornal e vi na manhã daquele domingo azul que meu conto havia sido publicado. Li e reli o texto não sei quantas vezes, era o rapaz mais feliz do mundo naquele momento. Da publicação do meu primeiro conto em diante, não mais parei de escrever.

Cabem agora duas perguntas: O que é ser escritor? A literatura vale alguma coisa. Em meu discurso de posse no Pen Clube do Brasil, em outubro último, faço minha profissão de fé no ofício do escritor e na literatura. Leio este trecho:

“Há quem ache que ser escritor é destino, fatalidade que começa mal desponta a manhã. Não deve ser nada bom. Não pode ser mesmo para quem sustenta, na sua maneira de achar estranha a vida, todo o peso terrestre, embora existam os pássaros cantando a madrugada com suas cores suaves. Para que serve a poesia? Respirar e viver, disse Borges. Expressar que dentro de mim o rio flui, o mar cerca por todos os lados, anotou Eliot. Para que serve o romance? Conhecer Deus e o diabo nas vastidões do sertão alado do mineiro Guimarães Rosa. Ler o mundo quando ele diz que maior do que os confins daquele sertão mineiro é o que descamba sem fim depois do lado de lá, naquele destampanho de um enigma que ninguém consegue decifrar. Precisamos da literatura como a atmosfera. Dela nos servimos para inaugurar novos sentidos da vida. Sem querer polemizar, penso que a literatura é uma profissão da qual não pode fugir quem a abraçou como fundamento da vida. É condição, ato ou efeito de professar, perseguir, proferir crenças e valores. Declarar publicamente ao outro que não vivemos sozinhos, navegamos em águas precárias em que as perplexidades avultam. Nosso discurso não é feito para agradar a grupos. Com a diversidade que celebra seres e coisas, seus ní-

veis estruturantes costumam perdurar nas lembranças, incertezas e esperanças. Se quiserem, pode ser uma missão, pois tudo dá ao outro sem nada querer de volta. A literatura é capaz de salvar o mundo. É o caminho para que os povos se encontrem como irmãos e se sintam em total união do amor como verdade.”

Estaria mentindo se dissesse que sempre quis chegar até aqui. Fui escrevendo, dando palavra ao sonho, e este com seus dedos invisíveis veio me levando, levando. Os prêmios literários de expressão que tenho conquistado ajudam-me a crescer nessa estrada. O Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, abriu-me as portas para que o livro *Os Brabos* fosse publicado pela Editora Civilização Brasileira. A edição da obra por editora tão importante na época, deu-me a oportunidade de ficar conhecido nacionalmente. E assim aconteceu com “O Menino Camêlô”, poesia infantil. Graças à premiação da Associação Paulista de Críticos de Artes tive o salvo conduto para que o livro fosse publicado pela Editora Saraiva. Encontra-se na décima segunda edição, já vendeu mais de 120 mil exemplares. É muito estudado nas escolas brasileiras, adquirido por instituições públicas de educação e cultura. Cito ainda o caso de “Cancioneiro do Cacau”, o carro chefe de meus 14 livros de poesia. Se não conquistasse o Prêmio Nacional de Poesia Ribeiro Couto, concedido pela União Brasileira de Escritores (Rio) para obras inéditas, provavelmente o livro não seria publicado pela Ediouro, uma das editoras mais antigas e expressivas da América Latina. Cinco mil exemplares da primeira edição do livro foram esgotados em três meses. Pode parecer pouco para um país de dimensões continentais como o nosso, mas se tratando de livro de poemas é um feito que nem sei se algum poeta já conseguiu isso no Brasil de hoje.

São quase 50 anos nessa estrada. Sei de meus limites, mas não posso deixar de considerar que meus livros são lidos, traduzidos, comentados e estudados em universidades. Se me perguntarem qual

o prêmio mais importante que consegui com meus livros, respondo que foi ter sido traduzido por Curt Meyer-Clason e publicado na Alemanha. Curt Meyer Clason foi um construtor de pontes literárias. O maior divulgador das literaturas ibero-americanas na Alemanha. Fez mais de 150 traduções de autores maiores do Brasil, Portugal e América Hispânica. Traduziu para o alemão, entre outros, Gabriel García Márquez, Jorge Luís Borges, Julio Cortázar, Juan Rulfo, Juan Carlos Onetti, Cesar Vallejo, Augusto Roa Bastos, Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Urbano Tavares, Almeida Faria, Miguel Torga, Sophia de Mello Breyner, José Saramago, Lobo Antunes, Eugenio Andrade, Fernando Namora, Machado de Assis, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Adonias Filho, João Guimarães Rosa, Cervantes, Miguel Unamuno e José Ortega y Gasset, grandes escritores da humanidade.

Se até aqui cheguei à minha jornada de escrever livros e prosa e verso, faço agora a última pergunta: um livro não deverá ser tanto melhor quanto maior o universo de ideias e sentimentos que resulta de um conjunto de palavras? Evidente, livro bom é aquele que é rico de sentidos, serve para todas as idades. Por isso não vejo razão para achar que um livro infantil é menor do que o destinado para o leitor adulto.

O ato de escrever leva a pensar em situações, atitudes, sentimentos, conhecimentos, vivências, convivências, enfim, num complexo de relações bastante singulares. O mundo em que estamos inseridos não basta, é em si mesmo falho, escreve-se por isso, afirmam alguns, para minimizar essa incompletude. Rilke fala da seiva imemorial que se alimenta de certo animal conhecedor. Pessoa diz que como o vento nós mesmos não ficamos. Para o genial poeta português, escrever poesia era sua maneira de estar sozinho. Thomas Mann acha que ser escritor é uma fatalidade, que começa cedo, terrivelmente cedo.

Contraditórios e provisórios, nós escrevemos para ser útil ao outro mais o mundo. Inaugurar novos sentidos, outras leituras dos seres e das coisas. Funciona como catarse para liberar fantasmas e pesadelos. A Literatura pode não ter mais importância do que comumente nós damos a ela, mas é fundamental atividade como forma de conhecimento da vida. A arte literária quando feita com amor e talento, inspiração e transpiração, compromisso com a vida do outro mais o mundo, reveladora do ser na existência, pode não salvar o indivíduo no seu conturbado lado de animal social, não resolver problemas econômicos e políticos, mas é ato que torna a existência sensível, viável, essencial. Viver sem ela seria mesmo impossível. Sem os sinais visíveis da escrita, pulsando em minhas intimidades e cumplicidades, sutilezas que especulam a alma e o devir, eu não sou capaz sequer de lamentar o que fazem hoje com a fauna e a flora, através de atos extremamente irracionais.

Daí terminar minha fala com a leitura desse poema:

Canto a Nossa Senhora das Matas

Já estão alegres os bichos
Da bem-amada nas serras,
Chão de cardo brota a flor,
Tronco morto vira árvore,
O gavião manso amanhece.
Tudo é canto pelos ares,
Lábios que o beijo acende
No seio fresco da mata.
Tom suave adorna o dia,
Ramo de luz sempre verde.
Jasmim tecido no sonho,
Fruta doce no colo virgem.

Riacho quando mina na pedra
Passa sereno na baixada,
Nave da noite com a lua
No areal derrama prata.
Formosa serrana, diáfana,
Como doem esses ais,
Cardumes morrendo à toa,
A cachoeira chorando suja.
Sob as asas maternas acode
O sol pálido que tosse,
O índio extirpado da taba,
Os passarinhos na gaiola.
Arminho protetor do filhote,
Dia de flor de laranjeira,
Na haste suspensa e leve
Reabre, senhora, passo de baile
Do beija-flor com a rosa.
Já não sai do oco a coruja,
Do azul a garça como noiva,
Carcará não pega, mata e come.
Jacaré não choca na lagoa
E a memória do couro abala
O meu ser ferido de desejo
Das águas puras e profundas.
Mastruço, capim-santo, alfazema,
Alívio de repetidas penas,
Cura-me dos grandes clamores
Nas visões da flora exilada,
Nas ruínas da fauna sombras.
Desde nosso irmãozinho grilo
Na relva da macia madrugada
Ao rumor azul das andorinhas

Quando vinha a Primavera
Trissando a manhã luminosa.
A alma flamante dos girassóis
E o sabor das goiabas maduras.
Quando a mata for deserta,
Não mais se colher a flor,
O rio se esconder da chuva,
A terra dormir amarga
E de Deus não cair a lágrima
Será esta a triste música?
Nessa luta contra o mal
Pelos quatro cantos do sol,
Pelos quatro prantos da lua,
Te fazendo verde nas nuvens
Molha a vida fera e solitária.
Ó abelha misericordiosa
Pousa em mim a esperança,
Em cada palma da mão
A operosa colmeia sonora.
Guardiã do mico-leão,
Tamanduá-bandeira, chorão,
Quero-quero, preguiça,
Ararinha azul, anta.
Embora fujam do verde
Odores do que me encanta
Além o azul inocente ressoa.
Penetra-me de vento e chuva,
Hora telúrica de outrora,
Com que emoção bendizia
Mão cheia de rações várias,
No crisar de casulo sopra
Ajuste de brilho na fábula,

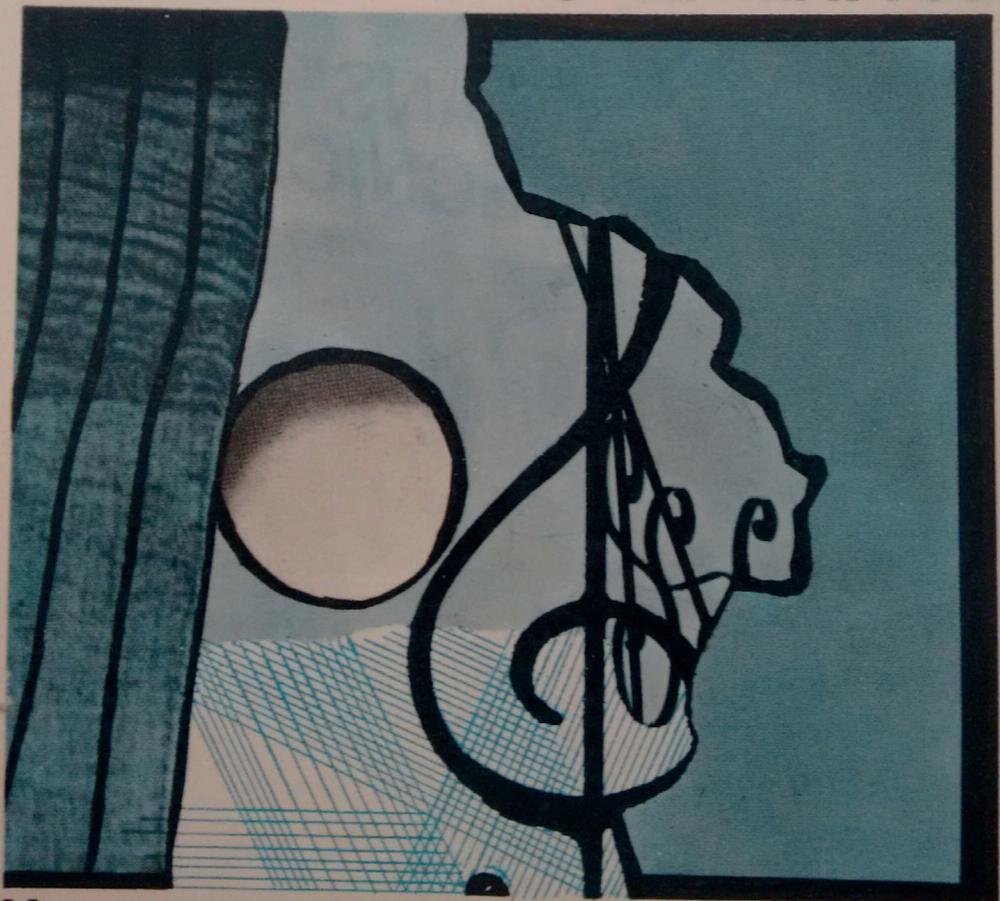
Sinais de frescor na amora.
Afugenta o raio assassino
Como a corça diante da onça.
Diz-me: Nunca mais! Nunca mais!
Equilibra frêmitos e lamentos,
Os animais vivem à sua maneira
Como simples notações do amor.
Em teu percurso de planta,
O dia e a estrela clareiam,
Desarma na capoeira o alçapão,
Apaga o fogo na queimada.
Ó seda levando voz perfumada,
Sol, chuva, arco-íris, aurora.

Sem a literatura, nada valho, não sou um homem real, nem sequer sinto-me cúmplice de um instante que risco no eterno, não me reinvento no deserto, onde como um grão tudo arrisco. Sem a literatura o caos subjuga-me.

NO LADO AZUL DA CANÇÃO

poesia

CYRO DE MATTOS



 EDITORA CÁTEDRA

Capa Luiz Falcão, Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1984.

NO LADO AZUL DA CANÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A POESIA DE CYRO DE MATTOS¹

Amanda Santos Alves
Marcela Nascimento de Jesus
Suzeli Santos Santana
Werlaine Miranda Oliveira²

RESUMO

Pretende-se, por meio deste artigo, apresentar o gênero lírico, evidenciando o lirismo moderno sob uma perspectiva histórica, assim como analisar as peculiaridades da poesia moderna na obra literária *No lado azul da canção* (1984), do poeta sul - baiano Cyro de Mattos, que se destaca pela ruptura com a tradição clássica através de sua liberdade estética, e pela nova configuração do sujeito lírico na poesia moderna.

Palavras - chave: Lírica; Modernismo; Poesia moderna; Literatura Sul - baiana.

1 Trabalho de literatura Sul - baiana orientado pela professora Reheniglei Rehem no curso de Letras da UESC, 2013.

2 Discentes do curso de Letras.

INTRODUÇÃO

Assim como a epopéia que cantava o coletivo, a lírica também surge na Antiguidade Clássica, voltada, agora, para a expressão de sentimentos mais individualizados. O termo “lírico” provém do grego “*lyrikós*”, que nomeia um instrumento musical primitivo, a lira, que acompanhava as composições líricas na Antiguidade grega.

Segundo Salete de Almeida Cara, “o lirismo se encontra onde se encontra uma expressão particular cuja figura é criada pelas relações – de acorde ou dissonância – entre som, sentido, ritmo e imagens. Essas relações são comandadas pela visão subjetiva de um sujeito lírico” (CARA, 1986, p. 69. Grifos nossos), onde se localiza a observação subjetiva do mundo em uma estrutura enunciativa com caráter rítmico é preponderante e faz da lírica uma forma de expressão de caráter individual e emotivo. A presença da subjetividade e da mediação individual nos temas líricos é apresentada desde Aristóteles como marca primordial do gênero, enquanto recorte subjetivo da realidade circundante. Para Adorno (2003):

Uma esfera de expressão que tem sua essência precisamente em não reconhecer o poder da socialização, ou em superá-la pelo *pathos* da distância [...]. Pois o teor [*Gehalt*] de um poema não é a mera expressão de emoções e experiências individuais. Pelo contrário, estas só se tornam artísticas quando, justamente em virtude da especificação que adquirem ao ganhar forma estética, conquistam sua participação no universal. (ADORNO, 2003, p. 65-66).

A colocação desse crítico alemão entra em consonância com o fragmento 34 de Novalis (1988) para quem “tudo aquilo que nos circunda, as ocorrências diárias, as relações costumeiras, os costumes de nosso modo de vida, têm uma ininterrupta, por isso mesmo imperceptível, mas sumamente influência sobre nós”. (NOVALIS, 1988, p. 122).

Assim exposto, esse artigo objetiva estudar e analisar as peculiaridades da poesia moderna do poeta sul baiano, Cyro de Mattos. Para ilustrar as características do lirismo moderno e a aplicação do mar nas poesias de Cyro de Mattos, foram selecionados da obra literária *No lado azul da canção* (1984) para análise, os poemas: *Na luáquatil* (p.28), *Na ondazul do peito* (p.29), e *No cerco das águas* (p.33), constituintes de *O coração Náutico*, primeira parte da obra, e *Hora das ondas* (p.57) presentes em *Magia das águas*, terceira e última parte da obra. De maneiras distintas, cada um deles traz em sua temática sentimentos com relação ao mar. Esse trabalho, portanto, justifica-se pela importância de Cyro de Mattos para a literatura regional do sul da Bahia, pois em seus contos, novelas e poesias se constituem a perenidade das coisas e gentes da terra grapiúna.

I – MODERNIDADE E MODERNISMO: CONTEXTO HISTÓRICO

A Modernidade enquanto momento histórico significou uma renovação completa não só na sociedade, mas também de todo o campo artístico e literário pela saída dos particularismos e entrada no universalismo, ou ainda pela entrada da idade da razão. Entretanto, muitas combinações do moderno e do tradicional podem ainda ser encontradas nos cenários sociais concretos. Isto porque há um formalismo muito grande voltado para a literatura e principalmente presente na poesia: palavras que não se podiam usar, termos que não eram poéticos, rimas, ou seja, regras fixas.

O modernismo, portanto, rompeu com todo o formalismo da época, ao qual se destaca a Semana de Arte Moderna, que foi o evento que marcou o início do modernismo no Brasil. Dessa

forma, o movimento modernista possibilitou uma renovação no campo das artes, diluindo a ideia dos gêneros literários e abrindo espaço para mudanças radicais na literatura mundial. Portanto, a modernidade é um movimento fundamental para entendermos as produções artísticas modernistas e contemporâneas.

Segundo Habermas em *O discurso filosófico da Modernidade* (1990), o conceito de modernização refere-se a um conjunto de processos cumulativos e de reforço mútuo: formação de identidades nacionais e expansão dos direitos e participação política são exemplos desses processos. Enquanto para Azevedo (1991), a Modernidade é sinônima de sociedade moderna, ou de civilização industrial, que está associada a um conjunto de atitudes perante o mundo, nos passando a ideia de que o mundo é passível de transformação pela intervenção humana.

À luz de Azevedo (1991), entende-se que a cultura moderna se formou lentamente, se definiu e se afirmou pelas revoluções científicas, industrial, tecnológica e informática; pelo Renascimento, Iluminismo, Liberalismo e Marxismo; pelas Revoluções Francesas, Americana e Soviética; pela filosofia a partir de Descartes e pelas ciências naturais e sociais; pela ideologia econômica, a partir da revolução monetária e comercial-mercantil; pelos sistemas sociopolíticos e econômicos em todas as suas versões e modelos de concretização histórica (nos últimos dois séculos especialmente); pela expansão colonialista e pela pressão neocolonialista, de cunho econômico, político ou ideológico. A modernidade é, portanto, a expressão da tensão entre uma tradição e os processos internos de sua reorganização, por isso, agita os meios social e político.

II - A POESIA DE CYRO DE MATTOS

O contista, cronista, poeta, autor de literatura infanto-juvenil, Cyro De Mattos nascido em Itabuna, cidade do Sul da Bahia, em 31 de janeiro de 1939, já publicou mais de 36 livros. O ensaísta Eduardo Portella, membro da Academia Brasileira de Letras caracteriza Cyro como um autor que se compraz em valorizar a raiz e reverenciar a origem, em reconhecer o fundamento radicalmente imune ao fundamentalismo, como um poeta enraizado, mas que se recorda para frente, livremente, como quem retira dos filtros do passado lições para a construção do amanhã.

Para o romancista Assis Brasil, o poeta se movimenta entre as suas vivências transformadas em linguagem poética, com amplos recursos na área da aliteração e da homofonia, do ritmo e da metáfora visual. Linguagem rica de significações sintáticas, um jogo pendular da imagem e realidade, que fazem obras como *Cancioneiro do Cacau* um motivo exemplar do fazer poético. Cyro de Mattos é copartícipe da vida e da criação, sem o que nenhum escritor realiza o seu projeto estético. Ele imprime em suas obras, uma bela imagística do seu discurso poético, recorrendo às palavras reveladoras de uma sincera e visceral integração com a natureza.

Para o contista Ledo Ivo, a respiração do amor rege os versos da poesia deste autor, ora como uma confiança, ora como uma palavra alta. Essa modulação constitui o atrativo fundamental de sua poesia, é a música de uma maré que avança e se torna vazante, o rumor de uma terra habitada pela esperança e perplexidade dos homens.

III - NO LADO AZUL DA CANÇÃO: CYRO DE MATTOS E O LIRISMO MODERNO.

Além de a Grécia Antiga ter sido o berço da poesia lírica, ela é outra vez o cenário que constitui o novo modo como o sujeito se relaciona com o mundo objetivo, substituindo o sujeito heróico, pela relatividade do mergulho na subjetividade.

Em A poesia Lírica, Salete Cara já distingue o poeta romântico, como aquele que pensa a poesia como expressão do “eu”, do poeta moderno que “se vê projetado no mundo exterior, sabendo que desse mundo poderá fazer apenas uma tradução parcial.” (CARA, 1985, p.40).

Diferentemente da poesia clássica, que valoriza o sublime, a poesia moderna, a partir da Semana de Arte Moderna (1922), rompe com a tradição clássica, buscando por meio da liberdade estética e temática, apresentar com toda a sua complexa desarmonia, não o belo imaginado, mas o homem do século XX, que inserido em um sistema político-capitalista dominador, vive em um espaço de contradições de valores e supressão de sua própria identidade.

Dessa forma, a heterogeneidade estética em um conjunto de inovações temáticas significativas em relação à tradição clássica são características marcantes da lírica na modernidade. Danglei de Castro Pereira (UEMS/PG-USP), em seu artigo *A lírica moderna: diálogos e permanência*, diz que:

O percurso de síntese e a incorporação de temas polêmicos à tradição figuram como procedimentos temáticos resultantes de um sujeito fragmentado e humanizado. No plano estético a reorganização do verso tradicional, a utilização de um novo padrão rítmico e de uma maior liberdade no processo de criação são fatores interessantes ao pensarmos na lírica moderna como uma nova forma de lidar com a retórica clássica. (PEREIRA, 2012, p.1)

Pensar a modernidade compreende, neste sentido, verificar em que medida os limites fixos da tradição literária são flexibilizados por uma atitude contestadora, muitas vezes, rebelde. A poesia moderna, portanto, observa subjetivamente o mundo em uma estrutura enunciativa em que o caráter rítmico é preeminente, o que faz da lírica uma forma de expressão de caráter individual e emotivo.

Tomemos, portanto, o poema *Na luáquatil*, do poeta contemporâneo Cyro de Mattos para ilustrar o caráter emocional de seus versos marcados por recursos sonoros e imagéticos:

<i>Na luáquatil</i>	seiva pulsa Alba
Se maré abraça	em luar marinho
praia de gaza	lua acetilena
platina no limbo	tear de estrelas
em alado idílio	areia vidrilha
baile das vagas	seios de dunas
ventos veleiros	brincam sereias
enfunam jangada	verdes cirandas
remanso de garça	tempo de esparras
no ninho glauca	afago de fráguas
palmeira se banha	beijos ressumam
em amena maresia	rumor de anáguas
coração ao balanço	(MATTOS, 1985, p.28)

Infere-se que o sentimento pelo mar é predominante nas poesias da obra *No lado azul da canção* (1985), pelo fato de o poeta Cyro de Mattos, ter vivido algum tempo na cidade de Salvador, ao qual podemos relacionar ao conceito de topofilia, que está vinculado à afetividade, aos laços estabelecidos com o ambiente, e a subjetivação humana. Então, a poesia reproduzida trata-se de uma composição lírica, uma vez que

há o extravasamento dos sentimentos do eu lírico ao mar.

Destarte, constatamos em cada verso do poema *Na luáquatil*, a preeminência de vocábulos que remetem ao campo náutico, que com tamanha maestria, é relacionado aos sentimentos do “eu - lírico”. É importante observar que no próprio título do poema *Na luáquatil*, há também uma característica da poesia práxis, o neologismo.

No nível formal, o poema rompe com a tradição clássica, não se estruturando em estrofes, nem seguindo os esquemas rítmicos tradicionais. No entanto, nota-se os recursos imagéticos e sonoros presentes em cada verso que nos remonta à pensar diversas paisagens através das perfeitas descrições que se dão com a simplicidade das palavras.

Há ainda a presença de uma figura de linguagem muito comum em poesias, a metáfora, que consiste no emprego de uma palavra com sentido incomum à determinadas outras palavras. Observe as expressões metafóricas extraídas do poema em análise: “Se maré abraça” (v.1), “palmeira se banha” (v.10), “coração ao balanço” (v.11), “em luar marinho” (v.12), “tear de estrelas” (v.14), “seios de dunas” (v.16), “verdes cirandas” (v.18). Nestas expressões metafóricas identifica-se ainda o processo de animização dos elementos referentes ao mar, como por exemplo, em “Se maré abraça” (v1), ou “palmeira se banha” (v.10).

Além das observações já apresentadas, a força das palavras e a economia do discurso são relevantes na poesia de Cyro de Mattos, pois em versos simples, permeados de expressões adjetivas, e verbos no presente do indicativo. Constata-se, portanto em *Na luáquatil*, uma fusão entre sujeito e objeto, poeta e mar.

Na onda zul do peito
Apesar dos rugidos
E sua hora de arpão
O tempo azul desviado
Em suas marés de medo
Em alguma onda solitária
Por uma réstia de luz
A canção está acontecendo.
(MATTOS, 1985, p.29)

Em todos os versos do poema “*Na ondazul do peito*” constatamos a presença do sentimento náutico combinado com os sentimentos do eu lírico e a relação do sujeito e objeto. Tanto no título quanto no decorrer do poema o “eu lírico” compara os seus sentimentos que carrega no peito com o que ocorre com as ondas do mar, externando assim seus sentimentos.

Através da descrição contida nos versos é possível visualizar as imagens marítimas, bem como perceber o medo, solidão e sentimentos expressados pelo eu lírico. É válido ressaltar que o poema contém ambiguidade no sentido, pois tenta combinar seus sentimentos com um fenômeno da natureza (fenômeno das marés), no título essa duplicidade fica mais evidente, pois são causadas duas impressões, a de que o eu lírico está expressando seu sentimento pelo mar ou que em seu peito ocorre algo parecido com o que acontece com as ondas.

O poema *No cerco das águas* de Cyro de Mattos é evidenciado assim como em outros poemas seus, a relação do sujeito e objeto. Onde o objeto torna-se uma extensão ou complemento do indivíduo e que por sua vez torna-se característica notória em suas poesias. Em síntese, *No lado azul da canção* compõe o corpo principal de análise dessa pesquisa pela inegável riqueza e liberdade poética, e pela descrição

do cenário que cerca o poeta, principalmente o mar, contrastando natureza e forma, símbolo e imagem.

No cerco das águas
 Em cada porto
 no navio do meu corpo
 onda por onda
 na correnteza dos homens
 Entre ostra e vento
 mais sei dos mares
 bebo água do mistério:
 não consigo chegar perto.
 (MATTOS, 1985, p.33)

Ainda no título, *No Cerco Das Águas*, percebe-se essa relação de homem e objeto, que no caso de seus poemas é a relação entre o homem e o mar, onde o eu lírico relaciona seus sentimentos com a temática náutica, o que é estabelecido já no título essa associação, em que o eu lírico para fazer-se entender ele compara o que está sentindo naquele momento com a sensação de estar cercado por águas, ou seja, a sensação de um indivíduo no meio de um oceano. Destacam-se também os versos: “*Em cada porto/ no navio do meu corpo*”, pois percebe-se mais uma vez essa associação feita entre homem e objeto, ou seja, “*o homem diante do fato, a descoberta; e em seguida o fato integrado ao homem*”. O eu lírico a todo o momento faz relações dos seus sentimentos com o mar, o que dessa forma faz refluir poesia em cada verso, com imagens, sons e mistérios.

E aos mistérios presentes neste poema ficam por conta das metáforas presentes nos versos: “*na correnteza dos homens*”, “*bebo água do mistério*”, que também se tornam associações criativas, pois para as poesias de Cyro de Mattos a criatividade

era indispensável. Destaca-se também neste poema o uso de ritmo e sonoridade. “*No cerco das águas*” é um poema que não cede espaço para uma realidade monótona, pois tem a subjetividade como característica, e que esta por sua vez traz um toque de ilusão e enigma, carregados de imaginação.

“*No cerco das águas*” é um poema de versos simples e curtos, que não faz uso exagerados de tempos verbais, mas que carrega a grande expressividade dos sentimentos do eu lírico, atribuindo-se de metáforas, e de vários outros recursos de conotações de sentidos.

Hora das ondas
 Ora alvibus ora ocultas
 Ora avançam ora recuam
 Ora elétricas ora escuras
 Ora navegam ora se chocam
 Ora próximas ora lonjuras
 Ora raivosas ora múrmuras
 Ora ociosas ora devoram
 Ora diurnas ora sonâmbulas
 Ora onde ondas andam
 Ora onde áureas oram
 Ora onde hora ornam
 Hora das ondas
 Hora de (H)oras
 (MATTOS, 1985, p.57)

Como um poema lírico moderno, o poema *Hora das ondas* é caracterizado pela subjetividade, e a figura é criada pelas relações de som, sentido, ritmo e imagem. O título procura explicar o que está contido nos versos, o sentido do poema sugere o movimento das ondas, e a oscilação da intensidade com que reagem a cada momento. A escolha das expressões, estrutura, e

termos revelam às relações imagéticas; o ritmo através da combinação e repetição contínua das palavras, associado com a sonoridade dos versos e as imagens projetadas. Esses traços de linguagem traduzem a imagem que nos reporta à realidade.

O poema pode ser considerado uma melopeia quando seus versos possuem a capacidade de “produzir correlações emocionais por intermédio do som e ritmo da fala” (Pound, *apud* CARA, 1986, p.8), sendo esta uma característica essencial da lírica. A imagem do mar nos acompanha no decorrer de todo o poema, despertando certa emoção lírica, pois nos envolve com a sonoridade das palavras e unidades rítmicas. O poeta usa da originalidade, e sendo um poeta lírico moderno é ousado ao fazer suas escolhas, tanto do ponto de vista estético, quanto do ponto de vista léxico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante o exposto percebe-se que a poesia moderna de Cyro de Mattos é caracterizada principalmente pelo rompimento com a tradição clássica, pois seus poemas não seguem estruturas fixas, nem esquemas rítmicos tradicionais. No entanto, são inegáveis os recursos imagéticos e sonoros presentes na poesia de Cyro, que nos possibilita pensar diversas paisagens através das descrições que se dão com a simplicidade das palavras.

Sendo assim, os poemas de Cyro de Mattos são constituídos por grande singularidade que caracteriza a era modernista, um período conhecido pela adoção da conduta consciente, face às transformações temáticas e estéticas do passado, e principalmente pela ruptura do tradicional. Portanto, Cyro de Mattos é um autor que se distingue pela subjetividade, pela

originalidade, e principalmente pela liberdade com que faz seus poemas, não abrindo mão de expressões livres em seus versos e nem da sua criatividade peculiar, apresentando sempre um conjunto de inovações constituídas também de uma heterogeneidade estética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. L. W.. **Notas de Literatura I**. São Paulo: editora 34, 2003.

AZEVEDO, M., **Entroncamentos e entrechoques**: vivendo a fé em um mundo plural. São Paulo: Loyola, 1991, p. 73-74.

CARA, Salete de Almeida. **A poesia lírica**. São Paulo: Ática, 1986.

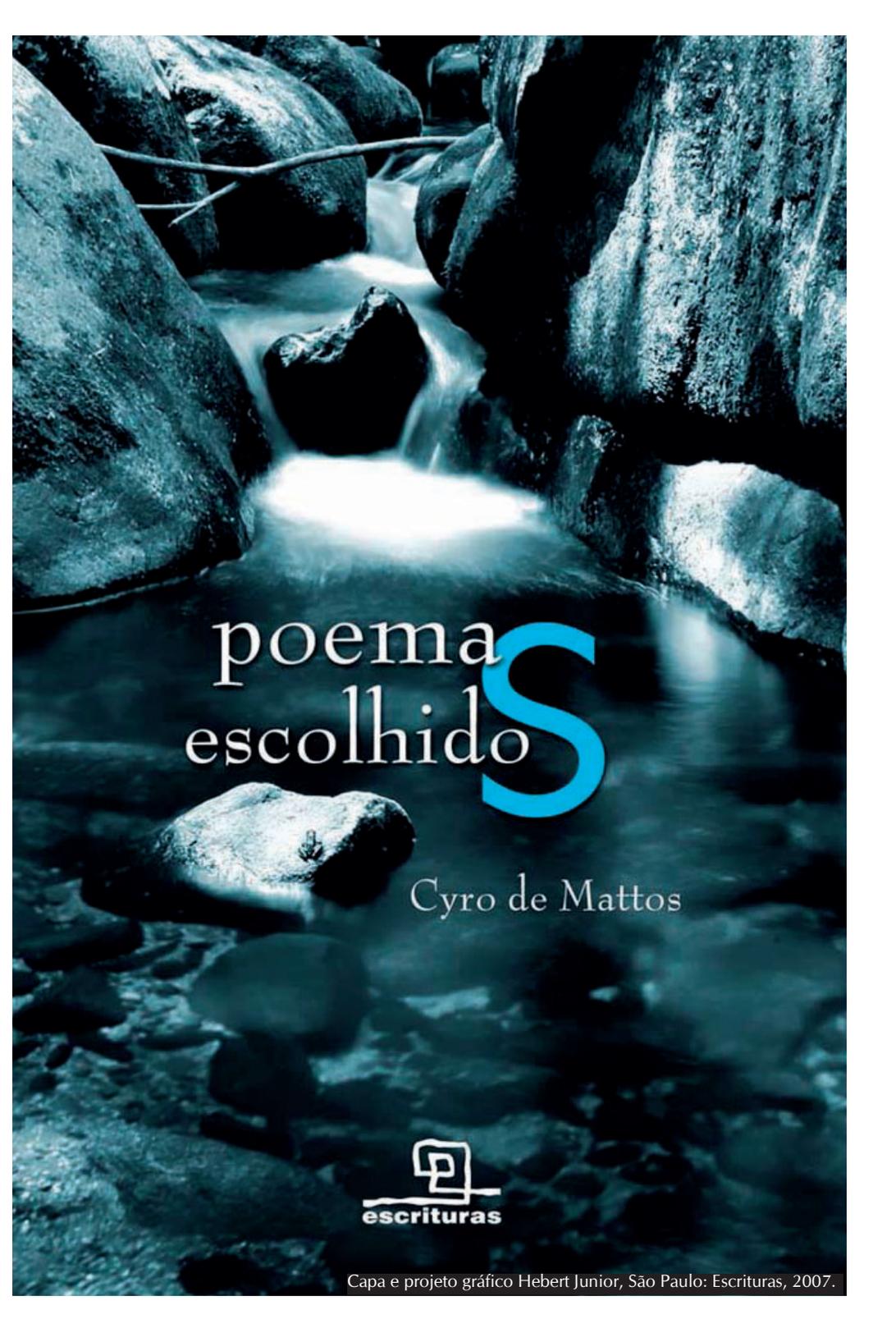
GIDDENS, A.; PIERSON, C. **Conversas com Anthony Giddens**: o sentido da modernidade. Rio de Janeiro: FGV, p. 73.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico da Modernidade**. Lisboa: Dom Quixote, 1990, p. 9.

MATTOS, Cyro de. **No lado azul da canção**. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1984.

NOVALIS, Friedrich von Hardenberg. **Pólen**: fragmentos, diálogos, monólogo. São Paulo: Iluminuras, 1988.

PEREIRA, D. C.. **A lírica moderna: diálogos e permanência**. Revista de Estudos Literários. Vol. 23, set. 2012, p. 1-72



poema
escolhido S

Cyro de Mattos


escrituras

POESIA E TOPOFILIA: LUGAR E AFETIVIDADE EM *RIO MORTO* E *RIO DEFINITIVO*, CYRO DE MATTOS¹

*Sara Rodrigues de Queiroz*²

RESUMO

Este estudo, ainda inicial, tem como objetivo identificar aspectos topofílicos nos poemas “*Rio Morto*” e “*Rio Definitivo*”, de Cyro de Mattos, que estão incluídos na sua antologia *Onde estou e sou/ Donde estoy y soy* (2013). Nesse contexto, analisaremos de que maneira a paisagem e o Cachoeira - rio que banha Itabuna - contribuem para a formação da memória da cidade natal do poeta. A pesquisa será de cunho qualitativo, enfatizando o conceito de “sentimento topofílico” presente no eu-lírico dos poemas citados. O conceito de “topofilia” será norteado a partir de Tuan (1998). Para complementar o nosso quadro teórico-metodológico, trabalharemos, também, com Cara (1985) e Paz (1982), os quais procuram recuperar o conceito de poesia lírica desde Platão à atualidade. Diante disso, acreditamos que esta pesquisa pode contribuir com os estudos literários e a va-

1 Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, em literatura Sul – baiana, Letras, Uesc, orientado pela professora Reheniglei Rehem, 2013.

2 Graduada em Letras pela Uesc, 2013.

lorização do meio - ambiente, visto que a região cacauceira se constitui, aqui, como cenário ficcionalizado da poesia de Cyro de Mattos, objeto da nossa análise.

Palavras - chave: Literatura Sul - baiana; Poesia; Lirismo; Topofilia.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende identificar aspectos topofílico nos poemas “Rio Morto” e “Rio Definitivo”, inclusos na antologia *Onde estou e sou/ Donde estoy y soy* (2013), do autor Cyro de Mattos. A metodologia utilizada neste trabalho se caracteriza como pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, com análise descritiva dos poemas constantes na referida obra. Nesse contexto, descreveremos de que maneira o rio Cachoeira, que está localizado em Itabuna, Bahia, cidade natal do poeta, contribuiu para a memória da cidade, além de buscar entender a relação que se estabeleceu entre o homem e a natureza, ou mais especificamente, entre o sujeito lírico e a paisagem grapiúna. Além disso, consideraremos importante, fazer uma reflexão de como o rio Cachoeira apresenta-se como um bem simbólico e cultural da região cacauceira do Sul da Bahia.

Em relação à biografia do autor, Cyro de Mattos é escritor, poeta, advogado e jornalista. Nasceu em Itabuna, Sul da Bahia, em 1939. É membro da Academia de Letras da Bahia. Estreou como ficcionista com o livro de contos *Os brabos* (Prêmio Afonso Arinos, Academia Brasileira de Letras). Como poeta publicou, entre outros, *Vinte poemas do rio*, *Cancioneiro do cacau*, *Vinte e um poemas de amor*, *Canto a Nossa Senhora das Matas*, *Os Enganos cativantes* e dos inéditos, *Rumores de relva e mar*, *Agudo mundo* e *Devoto do campo*. Através dos poemas contidos na

obra *Onde estou e sou/ Donde estoy y soy* (2013), que será o nosso objeto de estudo, percebe-se os “rastros de vida” do poeta e as suas viagens interiores bem como o seu sentimento por sua terra natal na maneira como este ficcionaliza o cenário que rememora parte de sua infância.

Para compor o nosso quadro teórico, selecionamos alguns estudiosos que se dedicaram a estudar o gênero lírico, como Paz (1982) e Cara (1985), os quais procuraram recuperar o conceito de poesia lírica desde Platão, percorrendo o histórico do lirismo ao longo dos tempos. Esse trabalho também será norteadado pelos estudos críticos de Yi-Fu Tuan, o qual discorre sobre o conceito de Topofilia, onde afirma que Topofilia é “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal” (TUAN, 1980, p.107). Assim, para Tuan, a palavra Topofilia é um neologismo, utilizada pelo autor que possui um sentido amplo quando se trata de todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Já o conceito de Literatura, será pautado nos estudos de Pound (1970) que define a Literatura como uma “linguagem carregada de significado” (POUND, 1970, p. 32). O autor esclarece a forma como a linguagem pode ser diferenciada para se adaptar as circunstâncias, de modo que possa estabelecer uma comunicação, seja pela fala, pela escrita, por imagens e símbolos. Enquanto na literatura, existe uma variação na exatidão e depende da avaliação individual de cada um.

Diante do exposto, enfatizaremos em estudo teórico-crítico sobre a presença do sentimento topofílico nos poemas supracitados. Assim, iniciaremos a pesquisa com dados biográficos de Cyro de Mattos a partir da edição bilíngüe do livro *Onde estou e sou/ Donde estoy y soy* (2013). Logo após, discutiremos o conceito de literatura, poesia e to-

pofilia. Em seguida, apresentaremos um contraponto entre os poemas “Rio Morto” e “Rio Definitivo” através de uma análise interpretativa. Por fim, apresentaremos as considerações finais.

I - O RIO CACHOEIRA NO CONTEXTO DA LITERATURA SUL-BAIANA

Por se tratar de poemas, consideramos importante fazer algumas abordagens sobre a função do sujeito poético dentro do texto. Assim, segundo Silva (1983), o sujeito poético é quem fala num texto lírico, que se manifesta através de sua escrita e nos revela a sua interioridade e pensamento, pois:

[...] a poesia lírica não se enraíza no anseio ou na necessidade de descrever o real empírico, físico e social, circunstante ao eu lírico, nem no desejo de representar sujeitos independentes deste mesmo eu [...], enraíza-se, em contrapartida, na revelação e no aprofundamento do eu lírico [...] (SILVA, 1983, p. 583).

No texto lírico, o autor expressa os seus sentimentos mais profundos, suas emoções, reminiscências, enfim, as suas vivências mais interiores. O eu - lírico expõe ao leitor o sentimento existente no poema. Os poemas de Cyro de Mattos evidenciam esse sentimento do sujeito poético pela sua terra natal. O autor nutre uma afeição especial pelo lócus que fez parte da sua infância e que hoje se constitui como símbolo sociocultural para o escritor grapiúna. De acordo com Paz (1982), “a poesia pertence a todas as épocas: é a forma natural de expressão dos homens. Não há povos sem poesia, mas existem os que não têm prosa”. (PAZ, 1982, p. 12). Assim, podemos afirmar que a poesia contribui para o imaginário social do

eu - lírico, bem como, se constitui uma forma de expressão dos seus sentimentos. O autor ainda afirma, que a prosa não é uma forma de expressão inerente à sociedade, por outro lado, não é possível formar uma sociedade sem as suas “canções, mitos, ou outras expressões poéticas” (PAZ, 1982, p.13).

Tendo em vista a diversidade poética de Cyro, seja através de contos, poesias, literatura infantil, é que destacamos aqui dois de seus poemas: “Rio Morto” e “Rio Definitivo”, considerando o fato de que ambos estabelecem um contraponto entre o “Rio Ideal” e o “Rio Real”, frutos do imaginário do autor. Partindo desse pressuposto, destacamos aqui dois poemas que falam sobre o rio Cachoeira, que está localizado na cidade natal do poeta (Itabuna), justificando assim, a presença do sentimento topofílico em ambos os textos.

Dessa forma, por meio dos poemas de Cyro de Mattos, é possível perceber, que o rio Cachoeira enquanto um bem simbólico e cultural da região cacauieira Sul-baiana, contribuiu para a memória da referida cidade, como também, permitiu entender a relação que se estabeleceu entre homem, poeta e natureza. Entretanto, não podemos deixar de relacionar a importância do elemento real, o rio Cachoeira e o poeta, o que pode garantir a ilustração deste cenário ficcional na literatura de Cyro de Mattos. Diante disso, esperamos que esta pesquisa possa contribuir com o incentivo e a valorização da literatura regional, aqui considerada como palco de importantes obras da literatura brasileira. Nessa perspectiva é importante que se faça um estudo desses novos textos que agora discutem a identidade cultural, memória, história, saudade da infância, por exemplo.

II – POESIA, LUGAR E AFETIVIDADE

O lirismo está presente nos dois poemas de Cyro de Mattos. Assim, no que tange ao fato do rio Cachoeira existir no contexto real, Tuan (1998) afirma em seu livro, que uma imagem para ser verdadeira precisa se basear nos fatos. Desta maneira, pode-se relacionar esta afirmativa ao poema “Rio Morto”, porque o leitor, habitante dos municípios de Ilhéus e Itabuna, consegue reconhecer que as descrições elaboradas pelo autor na construção do texto literário, induzem para uma analogia com o rio Cachoeira, sobretudo porque na superfície textual, um leitor atento, percebe as marcas da autoria e pressupõe a menção explícita que o escritor imprime em sua poesia quando escreve: “Cachoeira o teu nome/ do rio que chora água” (MATTOS, 2013, p. 22). Mais tarde, Cyro pretende mostrar para o leitor que o recurso hídrico foi afetado e que hoje ele continua com o nome de rio Cachoeira, mas, deve-se ser considerado como um rio morto, pois não é capaz de trazer benefícios para quem antes se servia dele, assim, nos versos de sua poesia, ele expressa e lamenta juntamente com quem o lê: “Tua morte lentamente com sede inventada nas bocas de vômito [...]” (MATTOS, 2013, p. 22).

Deste modo, quando o escritor traz a nostalgia da infância e coloca o menino como protagonista daquele cenário do rio, ele narra fatos que ocorreram como se ele descrevesse “de longe” uma passagem de acordo com suas memórias. Ao pensar na relação do sujeito-autor com rio, pode-se inferir como sendo este menino o próprio Cyro, o qual recupera parte do cenário infantil através da nostalgia da sua infância. Porém, ao rememorar a infância e trazer a ingenuidade na presença do menino em uma paisagem adjetivada como luminosa. Cyro de Mattos objetiva convencer o leitor a entrar em seu jogo discursivo preparando-o

para o que viria seguir: a morte do rio. Assim sendo, seria necessário fôlego para encarar a mudança das palavras “claridade”, “céu azul”, “paisagem luminosa por ares sombrios”, “o sol sem vidrilhar”, “bocas de vômito” e outras expressões de cunho negativo, as quais manifestariam o triste testemunho de um sujeito que assiste a morte do rio em uma manhã de banho ausente. A partir desse ponto de vista, é que o leitor pode entender o sentido do título que recebe o poema: “Rio Morto”, ou seja, sem vida.

Tomando este poema como referência, infere-se que Cyro de Mattos se baseou na sua própria história com o rio, que de igual forma como é descrito na poesia, hoje não possuía a mesma vivacidade e movimentação de antes. Ao compreender o contraponto existente entre o “Rio Morto” e “Rio Definitivo”, entende-se o lugar que ambos ocupam no livro de Cyro, sendo a proximidade entre as páginas justificada por um poema, descrever o rio de antigamente e o outro, descrever o rio no período da decadência, talvez após as intempéries ambientais cujos registros literários projetam a imagem de um recurso hídrico ameaçado pela poluição. Sendo assim, temos a clara concepção do autor através dos apontamentos sobre o antes e sobre o depois do rio como descrições que contemplam a temporalidade do rio descrito pelo poeta. Vale ressaltar, que a relação topofílica revela como indício no título do primeiro poema: “Rio Definitivo”, rio de antes, que possuía vida e o que se configura enquanto “ideal” para o escritor, visto que não importa a época em que esteja situado, ele sempre será definitivo para o poeta por conta da relação afetiva que ele traz consigo no palco de sua memória atrelada ao local onde reside.

Outro ponto relevante são as lavadeiras, que são mencionadas e o menino, descrito no poema, como personagens que estiveram contato com este recurso hídrico, conforme se pode comprovar nos trechos: “Eu sou aquele menino / magro, esperto,

traquino / em tua paisagem luminosa” (MATTOS, 2013, p. 22). Esta perspectiva da infância, influência no folclore da tradição mítica local, que sempre atribuiu figuras inusitadas como guardiãs das águas bem como os monstros que fariam mal a quem trouxesse o mal para as águas, deste modo os que estavam e viviam próximo ao rio, eram os responsáveis por eternizar o mito, transmitindo-o de geração a geração. Em concordância com esse fato, Tuan (1998) elucida que os sujeitos que viviam muito tempo em algum lugar criam um sentimento de familiaridade e até uma afeição pelo local.

Portanto, os poemas de Cyro de Mattos em questão, indicam que o sentimento topofílico dito por Tuan, perpassa toda a obra do escritor devido ao seu afeto com o rio Cachoeira, cuja relação é expressa no seu poema “Rio Definitivo”, onde o autor vai argumentar que mesmo com a abundância de águas do Amazonas e com as dádivas do Nilo, ele ainda assim não abre mão do rio supracitado “com seus remansos e outros seus trampolins improvisados” (MATTOS, 2013, p. 20). No que se refere ao poema “Rio Morto”, podemos constatar a tristeza do autor decorrente de ter sido testemunha da decadência do rio, conforme os trechos apontam: “Tristes meus olhos testemunham/ tua descida pobre e monótona” (MATTOS, 2013, p. 22). Dessa maneira, Cyro de Mattos toma como base a história do rio Cachoeira e ao descrever as alterações que este sofreu nota-se uma nostalgia. Isto é, visto por conta das imagens, são reportadas pela memória do indivíduo, por isso há uma identificação imediata, mesmo diante das mudanças que ocorrem com o tempo. Entende-se que os versos finais do poema rompem com o imaginário do rio, fruto da época de menino, que devido ao declínio do rio, serão descritas com tristeza, lamento e angústia pelo sujeito-autor.

Ao final desse poema têm-se a noção de que o homem de hoje é resultante daquele menino de ontem, que se apropriou

das riquezas fluviais, aproveitou a proposta livre da vida e vislumbrou a face invisível do rio na claridade de suas águas. Por fim, das profundezas das águas cristalinas da poesia ribeirinha, baseando-se na imagem positiva do rio supracitado bem como do sentimento topofílico que perpassa toda a obra, é que se convida e se recomenda a leitura destes poemas como fonte de inesgotável prazer e ao mesmo tempo, como um registro atual que repensa as questões ambientais relativas ao rio Cachoeira para que este recurso natural não caia no esquecimento, mas seja eternizado na memória dos leitores assim como permaneceu na memória do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a leitura e análise interpretativa dos poemas supracitados, podemos afirmar que o rio Cachoeira constitui-se como um bem simbólico e cultural para o referido autor, já que esse rio fez parte da sua infância e hoje permanece na sua memória. Dessa forma, o sentimento topofílico se faz presente pelo afeto que Cyro de Mattos tem por um ambiente que fez parte da sua vida e que hoje não é mais tão valorizado. Hoje o que lhe resta são as lembranças e a nostalgia desse rio.

O vínculo afetivo do autor pela sua terra natal é notório e através de seus poemas foi possível perceber a relação que se estabeleceu entre homem, poeta e natureza. Desse modo, a afetividade se constrói mediante um símbolo do imaginário do autor, ou seja, o rio Cachoeira. O fato de o rio existir tanto no contexto ficcional quanto no contexto real, permite que os leitores da obra reconheçam algumas descrições elaboradas pelo autor na construção do texto literário. Além disso, induzem para uma analogia com o rio Cachoeira, sobretudo porque na

superfície textual um leitor atento percebe as marcas da autoria do escritor supracitado.

Posto isso, de acordo com as análises e leituras interpretativas realizadas, alcançou-se o resultado primordial, identificar nos poemas “Rio Morto” e “Rio Definitivo” o elo afetivo que o escritor Cyro de Mattos nutre pelo rio que fez parte da sua infância e que até hoje permanece na sua memória. Portanto, pode-se afirmar, em síntese, que o sentimento topofílico se faz presente nos versos nostálgicos dos poemas que estão inseridos na obra *Onde estou e sou/ Donde estoy y soy* (2013).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodoro. Palestra sobre lírica e sociedade. In: _____.
Notas de Literatura I. São Paulo: Ed. 34, 2003, p. 65-90.

ARISTÓTELES. **Arte poética.** São Paulo: Martin Claret, 2003.

CARA, Salete de Almeida. **A poesia lírica.** São Paulo: Ática, 1985,
p. 5-70. (Série Princípios).

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 2:** teoria da lírica e do
drama. São Paulo: Ática, 1995, p. 56-121.

ELIOT, T.S. Musicalidade da poesia. In: _____. **A essência da
poesia.** Rio de Janeiro: Arte-Nova, 1972.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura:** uma teoria do efeito estético.
São Paulo: Ed. 34, 1996.

MATTOS, Cyro de. **Onde estou e sou/ donde estoy y soy.** Brasília:
LER Editora, 2013.

PAZ, Octavio. **O arco e lira.** Tradução de Ari Roitman. Rio de
Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

POUND, Ezra. **ABC da literatura.** Tradução de Augusto de Cam-
pos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.

SILVA, Vítor Manuel Aguiar e. **Teoria da literatura**. 5.ed., Coimbra: Almedina, 1983.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. Tradução de Celeste Ainda Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e meios ambientes. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1998.

Cyro de Mattos

Alma mais que tudo

crônicas



L·G·E
EDITORA

CRÔNICAS DE LUGAR: A PROSA POÉTICA DE CYRO DE MATTOS VISTA NOS POEMAS *O RIO* E *ÁGUAS DO MAR*¹

Bárbara de Souza Freitas
Flávia Conceição de Oliveira
Iasmine Menezes Passinho
Viviane Carvalho Lopes
*Yuri Andrei Batista Santos*²

RESUMO

Tendo como embasamento teórico o estudo do conceito de *crônica*, de Jorge de Sá, este artigo objetiva analisar o conceito de prosa-poética presente em “O Rio” e “Águas no mar”, crônicas que fazem parte da obra *Alma mais que tudo: crônicas*, de Cyro de Mattos. Por meio de metodologia do tipo qualitativa e descritiva, identificaremos nesses dois textos traços líricos que evidenciem a subjetividade da prosa-poética desse escritor baiano, evidenciada pela marcante presença dos “corpos de água”, simbolizada pelo rio e o mar, aqui considerados como elementos característicos da literatura Sul - baiana.

Palavras-Chave: Crônica; Prosa poética; Lírico; Cyro de Mattos.

1 Trabalho de literatura Sul – baiana orientado pela professora Reheniglei Rehem, no curso de Letras da UESC, 2014.

2 Graduandos de Letras, UESC.

INTRODUÇÃO

Atualmente, o gênero literário crônica utiliza-se de temas livres, relatando a vida cotidiana em pequenos textos, em prosa e faz uso da linguagem coloquial. No entanto, no período do Renascimento, a crônica era um “gênero histórico”, um “relato cronológico dos fatos sucedidos em qualquer lugar” (COUTINHO, 1995, p. 305, 306). De acordo com Jorge de Sá (1985), a crônica surgiu do folhetim, que informava sobre os acontecimentos diários ou semanais, e, com o tempo, assumiu uma nova roupagem a partir de João do Rio, mudando a linguagem e estrutura do folhetim. Dessa forma passou a interpretar os fatos de maneira subjetiva, acrescentando até mesmo tons de ficção aos relatos. Embora seja típica do âmbito jornalístico, a crônica adotou uma essência literária, pois é a partir do *eu* artístico, das características do próprio escritor que os relatos tomam forma. “A crônica é na essência uma forma de arte, arte da palavra, a que se liga forte dose de lirismo” (COUTINHO, 1995, p. 305). Nesse sentido, o lirismo está fortemente presente em alguns cronistas, como é o caso do autor Cyro de Mattos, especialmente nas crônicas “O Rio” e “Águas do Mar”. O cronista coloca as suas impressões, carregadas de sentimento, adquiridas das suas próprias vivências. Ainda se tratando de lirismo, “em todos os cronistas há um certo lirismo, pois é através dos seus estados de alma que eles observam o que se passa nas ruas” (SÁ, 1985, p. 57).

Devido a mais uma necessidade de se classificar as crônicas, de acordo com as características presentes nelas, surge o termo “crônica poema” que vem a se definir por uma “prosa de conteúdo lírico, como mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele carregados de significado” (COUTINHO, 1999, p. 133 apud NEVES, 2013, p. 299). Essa definição torna-se pertinente nas crônicas de

Cyro, que carregadas de lirismo, toma o “Rio” e o “Mar” como paisagens a serem descritas subjetivamente, expondo as memórias do autor relacionadas a esses corpos de água.

I - ASPECTOS E EVOLUÇÃO DO GÊNERO CRÔNICA

Considerando que a crônica é um gênero marcado pelo registro do circunstancial, pela descrição e narração de fatos que unem o literário ao real, ela configura-se numa leitura rápida e objetiva e, por este motivo, é comumente veiculada em jornais. Dessa maneira, o narrador atua como o que Jorge de Sá, em seu livro *A crônica* (1985), nomeou de *narrador-repórter*, “descrevendo, num limite de espaço de laudas, os elementos necessários para tornar um texto uma unidade significativa [...]” (p. 78). Com o passar do tempo, porém, a crônica foi deixando de ser um meio de comunicação, narração rápida, para dar lugar a um texto configurado numa construção mais literária e ficcional. Sobre esse tom literário da crônica, Sá afirma que “[...] em vez de um simples registro formal, o *comentário* de acontecimentos que tanto poderiam ser do conhecimento público como apenas do imaginário do cronista, ‘deveria ser analisado ‘pelo ângulo da recriação do real’” (SÁ, 1985, p. 9). Devido a essa nova característica, a crônica foi, por muitas vezes - e ainda é - relacionada ao conto. Porém, embora haja uma proximidade entre o conto e a crônica, a sua linha divisória é a densidade.

O conto distancia-se da crônica por ser organizado numa análise profunda de tempo, espaço e personagens. Diferentemente da crônica, que constrói sua narrativa expondo o essencial, de mais importância dos fatos. Nesse sentido, Sá (1985) aponta a

crônica e sua transitoriedade como marcadas pelo diálogo construído entre cronista e leitor. É através desse dialogismo que a crônica cria um equilíbrio entre o coloquial e o literário, assim o cronista mistura a espontaneidade da crônica com a sensibilidade do gênero. Dessa forma, quando o cronista se utiliza dessa mistura, a crônica passa a ser aquela que trará leveza para a realidade, o lirismo atual que é “um repensar constante pelas vias da emoção, aliada à razão.” (SÁ, 1985, p. 13), configurando o lirismo reflexivo. Dessa forma, o narrador-repórter faz uso da sensibilidade para capturar o real em sua essência, sem deixar escapar o lirismo no mundo, narrando os acontecimentos da vida no seu ato de escrever, eliminando, porém, os excessos.

II - FICÇÃO E REALIDADE EM CYRO DE MATTOS

Como já visto nesse mesmo texto, os cronistas, de uma forma geral, apresentam traços líricos em suas crônicas, pois é pelo seu estado de espírito que observa e analisa o ponto chave desse gênero, o cotidiano. Seguindo esse princípio, alguns cronistas inserem nas suas obras questões particulares, porém estas servem apenas de embasamento para as construções textuais. Isso é desenvolvido a partir da relação de sua vida com os aspectos externos, o autor atribui marcas ficcionais a pessoas e fatos da realidade, mantendo o distanciamento “necessário” para que haja o caráter crítico da crônica. Como exemplo do uso desse mecanismo, destaca-se Carlos Heitor Cony que, constantemente, faz “de si mesmo e de suas filhas matrizes dos personagens por ele inventados” (SÁ, 1985, p. 59). Além disso, Cony, concebendo a crônica como uma forma de “buscar a leveza do espírito” (SÁ, 1985, p. 64), revela nas suas obras uma nostalgia de sua infância, tal qual Cyro de Mattos, que traz para os seus textos os

elementos que faziam parte do seu cotidiano – como o rio e o mar – e a expressão de um saudosismo em relação a esses elementos. Ambos os autores, Cony e Mattos, compartilham desse resgate da infância nos seus textos, configurando um intermédio entre ficção e realidade, nesse processo de criação atrelada a elementos da vida dos escritores.

Entretanto, é impossível não notar a presença constante de um Cyro personagem no âmbito das crônicas analisadas, transgredindo assim, os limites, ainda que tênues, entre autor e autoria. Nesse sentido, Mattos não mantém um distanciamento regular nas prosas “O Rio” e “Águas do mar”, pois, embora seus textos apresentem o caráter crítico inerente ao gênero crônica, eles são, antes de tudo, espaço de elocução da sua subjetividade.

Tendo em foco a prerrogativa de que recursos estilísticos como musicalidade, subjetividade e sua expressão nas construções textuais configurem-se como característica típica do lírico é cabível a definição de “crônica - poema” à prosa escrita por Mattos nas crônicas aqui analisadas. É nesse sentido que o termo prosa poética se insere como qualificador da escrita de Mattos. Em “Águas do Mar”, por exemplo, revela-se, além de uma evidência do “eu” do cronista sob a perspectiva da infância, a dor e inquietude do poeta em relação à vida: “Vontade de ser homem, vontade de ser menino. A consciência em eterno retorno me faz existir no limite de tudo. [...] não é de agora que sei como dói sentir a vida como simples acidente.” (MATTOS, 2006, p. 48). Ainda nessa obra, o cronista faz uso de aliterações para, ainda que seja numa prosa, produzir musicalidade na sua construção,

Pulsa uma substância que se chama o eterno, impelindo-se através de sua mesma índole natural e impulsionando a própria fonte dos seres e coisas, a qual de si mesma se alimenta e tece sua natureza nos fios de uma fábula suprema. (MATTOS, 2006, p. 48. Grifos nossos).

No trecho anterior, verifica-se a recorrência do fonema “s” nas palavras, que faz com que a relação do “eterno” com o mar (de “índole natural” e que impulsiona “a própria fonte dos seres e das coisas”), tenha seu valor metafórico marcado pelo efeito da sonoridade no uso desse recurso.

Como se observa na poesia, Cyro de Mattos constrói a sua narrativa mantendo semelhante relação entre o “eu lírico” prosaico e ao que este se refere no espaço da prosa. Assim, o cronista-poeta mantém a “imagem poética” de sua narrativa, dando lugar à prosa-poética. Nesse processo de construção da prosa-poética, o cronista adota um elemento ou imagem – no sentido de representação – que será a direção para o desenvolvimento da obra como prosa, mas enriquecida e norteadada por recursos poéticos. Como registra Sá (1985), “O cronista-poeta não fantasia sensações, registra-as usando os seus recursos estilísticos, mas sempre consciente de que a crônica oscila entre o visto e o imaginado.” (p. 71). Nas obras de Mattos, essa oscilação entre o visto e o imaginado tem como fundamento para o ficcional o contexto da infância do autor, na qual “os corpos de água”, mar e rio, provavelmente, foram protagonistas, baseando-se na frequência e na representação desses elementos nas obras do cronista.

III- O RIO, O MAR E SUAS RELAÇÕES SIMBÓLICAS COM A POESIA DE CYRO DE MATTOS

Os “corpos de água” são elementos comuns na escrita de Cyro de Mattos, não somente em suas crônicas, mas também em outros gêneros textuais por ele trabalhados. Em muitos de seus escritos, nos quais esses “corpos de água” são citados, Cyro de Mattos lhes confere uma visão inteiramente saudosista e nos-

tálgica, dado ao vínculo com suas experiências de vida, impressas ao longo de sua obra. Curiosamente, como comprova Luís Serrano (2006) em uma crítica ao livro de Mattos, *Vinte poemas do rio*, uma das palavras que consecutivamente acompanha a figura do rio é “menino”, claramente atrelando essa figura hídrica à infância do escritor. O trecho a seguir do poema “Rio morto”, deste mesmo livro, corrobora o argumento anterior:

Eu sou aquele menino
que engoliu tua piaba
para ter o fôlego forte.
Eu sou aquele menino
que pegou tuas borboletas
nos barrancos voando em
bando.
Eu sou aquele menino
que sentiu em tuas boninas
a proposta livre da vida.
Eu sou aquele menino
magro, esperto, traquino
em tua paisagem luminosa.
(MATTOS, 2003, p. 52)

Nas crônicas selecionadas para esse trabalho, nota-se valor sentimental semelhante, ora em face do rio, na crônica “O Rio”, ora em face do mar, na crônica “Águas do mar”. Em ambas as crônicas, o autor atribui ao corpo de água em questão, características pertencentes a seres com vida, fazendo, através da personificação com que o rio e o mar sejam vistos como “seres animados”, atuantes elementos da narrativa em andamento.

No texto de “O Rio”, o narrador onisciente descreve com extremo ar saudosista, a beleza e o valor do rio de “sua infância”, contrastando o passado daquele rio com a forma em que

atualmente se acha. Na descrição seguinte, nota-se uma tristeza do narrador em relação ao estado apresentado pelo “seu” rio, outrora cheio de encantos, hoje poluído e viscoso devido aos detritos eliminados pelas “bocas de vômito”.

Não como o rio de minha terra, que há anos chora água em sua descida triste. Nem de longe parece o rio de minha infância. De tão viscoso agora, com os detritos despejados por bocas de vômitos, de dia e de noite. (MATTOS, 2006, p.13)

Em “Águas do mar”, a paisagem marítima se apresenta como um *locus amoenus*, um espaço livre de indagações e incertezas da vida, convidando o narrador a largar suas preocupações e fazer daquele lugar um ambiente de introspecção. Neste local, o narrador teria liberdade para ser e fazer o que quisesse, até mesmo viver emoções esquecidas pelo tempo:

Diante de mim leões espumam o e-l-é-t-r-i-c-o-n-o-a-r, despertam-me para um romance antigo, que fala dum amor feito de sonho, brisa e beijo. O cronista sabe do epílogo desse romance, acontece com mil vozes a murmurar. No triunfo de verde espera, onda, areia, céu e mar. (MATTOS, 2006, p.49)

O valor simbólico das figuras “rio” e “mar” acabam por desnudar o *escritor* Cyro de Mattos, reduzindo, de certa forma, o distanciamento necessário entre autor e obra, revelando um Cyro “menino”, amante das fluentes águas de seu tão amado Rio Cachoeira, observador de suas caudalosas águas e de todo o seu espaço a cercar; um Cyro enamorado do mar e de sua convidativa brisa, lugar onde “É bom embarcar para o reino sem volta num beijo suave dado pelas ondas.” (MATTOS, 2006, p.48).

Acima de qualquer outra coisa, o rio e o mar, como a imagem por si só falam, sugerem intensa liberdade, fluir inin-

terrupto, espaço propício à introspecção e ao reviver do já acontecido. Além disso, em Cyro de Mattos, esses elementos hídricos tecem um *locus* onde entre autor e personagem não se faz clara distinção. Um espaço que traz à tona uma enchente de memórias e que levam em sua corrente as visões de um passado, que não permanecem ali ancoradas, mas sim, rumam em frente, a desaguar num dado futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vinícius de Moraes considera que “Escrever prosa é uma arte ingrata” (MORAES, 1962, p. 3) para os prosadores do cotidiano, dado tanto aos seus objetivos funcionais, como à flexibilidade que o autor precisa ter ao escrever esse gênero ligado ao jornalismo, que é a crônica. Sobre o que Cyro de Mattos faz de maneira magistral, revelando em suas crônicas “Rio” e “Águas do mar”, um lirismo forte e evidente, que se apodera dos “corpos de água”, de sua infância, do mundo a sua volta, e o transforma em prosa-poesia. É relevante notar que: “Tal como acontece na poesia, a crônica também ensina que o homem se encontra no que está fora do homem. [...] para viver é preciso ser mágico – a que acrescentamos: ou poeta e cronista.” (SÁ, 1985, p. 72). É nesse sentido que a crônica e mais amplamente, a literatura, cumpre o seu papel, revelando-nos a nós mesmos através do olhar do outro e exercitando a nossa alteridade.

Nesse sentido, fica manifesto que Cyro, nos seus textos, abre espaço à forma prosa-poética, e que a sua vida, está sim, presente em seus textos. Essas características, que estão ligadas ao processo associativo, são reveladas no poético saudosismo juvenil, ligado diretamente à sua relação intensa

com o mar e, principalmente, com o rio cachoeira, que está presente em suas reminiscências e no “imaginário social” da região cacaeira do Sul DA Bahia, revelado nesta obra. Por assim visto, a rica produção literária do autor grapiúna não foge do mundo ao seu alcance e assim, nos alcança, tornando mais poético o nosso cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SANCHEZ FILHO, Saul Edgardo Mendes; SIMÕES, Maria de Lourdes NETTO. A diversidade de olhares sobre o Rio Cachoeira como bem simbólico no texto literário Sul-baiano e na linguagem fotográfica. **IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, Salvador. 2008. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14544.pdf>> . Acesso em: 26 Abr. 2014

MATTOS, Cyro de. **Alma mais que tudo**: crônicas. Brasília: LGE Editora, 2006.

_____. **Vinte poemas do rio/Twenty river poems**. Manuel Portela. 2ª edição bilíngue. Ilhéus: Editus, 2003.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios).

SERRANO, Luís. **Crítica a “Vinte poemas do rio”**. “O 1º de Janeiro”- Suplemento Literário “Artes e Letras”. Porto: Porto Editora, 2006.

Cyro de Mattos

Berro de fogo

e outras histórias



2ª edição

editus
Editora da UFSC

Capa e projeto gráfico Alencar Junior, Ilhéus: Editus, 2013.

ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DA REGIÃO CACAEIRA SUL-BAIANA VISTOS EM CONTOS DE CYRO DE MATTOS¹

Cleudes Cotias dos Santos

Márcia Brito Trindade

Sylvia Mara Silva Bouix

Taiane Silva Guedes Teixeira

Tatiana de Santana Suzart do Vale²

RESUMO

Temos por objetivo identificar aspectos socioculturais da região cacaueira do Sul da Bahia a partir da análise textual dos contos *Bastantemente solidão* e *Aula*, de Cyro de Mattos. Buscando mostrar um olhar diferenciado entre o início e a atual abordagem estrutural e contextual da sua escrita. Para tanto, utilizaremos os pressupostos teóricos de Nádya Gotlib, em *Teoria do conto*, onde a autora se reporta para a evolução do conto, desde as suas origens até a modernidade, citando e comentando outros estudiosos do gênero “short story”, a exemplo de Edgar Allan Poe, Julio Casares e Julio Cortazar. Esperamos encontrar nesta pesquisa características estilísticas inerentes ao “conto

1 Trabalho desenvolvido na disciplina Literatura Sul - baiana, orientado pela professora Reheniglei Rehem, UESC, 2014.

2 Graduandas do curso de Letras da UESC.

tradicional” e ao “conto maravilhoso”, relacionando-as com a escrita e o contexto sociocultural presentes nos mencionados contos do baiano Cyro de Mattos.

Palavras - chave: Literatura Sul - baiana; Sociedade; Conto.

INTRODUÇÃO

O conto é uma literatura que representa o mundo através da palavra. Constitui-se de uma mescla entre o imaginário e o real, levando o adulto e a criança a um mundo encantado de sonhos e fantasias ou mostrando-lhe a realidade. Sendo assim, a literatura possibilita a apreensão do real e do imaginário e as emoções que os mesmos provocam.

A história do conto [...] pode se esboçar a partir deste critério de invenção, que foi se desenvolvendo. Antes, a criação do conto e sua transmissão oral. Depois, seu registro escrito. E posteriormente, a criação por escrito de contos, quando o narrador assumiu esta função: de contador – criador - escritor de contos, afirmando, então, o seu caráter literário. (GOTLIB 1998, p.13)

Esta narrativa adquiriu algumas características próprias, como a unidade de tempo, lugar e ação, o que o tornou monotemático e sintético. Com o passar do tempo, a unidade monotemática assume novos caminhos e novos arranjos estruturais são apresentados. Esta nova dinâmica provoca a união entre espaço e tempo no conto contemporâneo. O teórico Norman Friedman (*apud* GOTLIB, p. 64) chega à conclusão que: um conto é curto porque, mesmo tendo uma ação longa a mostrar, a sua ação é mostrada numa forma curta ou numa escala de proporção contraída. Cyro de Mattos obedece a essa afirmativa nos contos analisáveis.

A narrativa do conto maravilhoso é aquela que se baseia em

acontecimentos do cotidiano onde os mais velhos contavam para os mais novos em forma de fantasia transformando as histórias em estórias, fantasia, contadas e posteriormente escritas da mesma forma simples e informal de falar. Essa narrativa possui características específicas, dentre elas a sequência temporal de fatos. Como podemos ver no conto “Bastantemente solidão” que se inicia com “um protesto contra o descaso do Governo em não tomar medidas urgentes para a solução do preço do cacau” (MATTOS, 1997, p.12) seguindo uma sequência de fatos, até seu desfecho, ou seja, o suicídio do cacaucultor.

Nesse conto é percebida a fantasia e o imaginário no desfecho final no qual o coronel comete suicídio, “Em cima, as andorinhas faziam dança, em voos serenos, no descambar da tarde. Os urubus saltitavam nas pontas dos telhados”. (MATTOS, 1997, p.16). Vê-se, também, na escrita a linguagem oral tal como é falada, como podemos observar a seguir:

Compreende nossos interesses **apois** tem os mesmos problemas. [...] Veja o que **‘stá** fazendo, homem depois diga que não avisei. [...]. **Moendo** o tempo na tristeza sem fim para morrer de boca **qu’eta**. (MATTOS, *Bastantemente solidão*, 1997, p.13; 15. Grifos nossos).

No conto moderno, segundo Bader, (citado por GOTLIB, 1998, p. 64) a narrativa permanece com a mesma estrutura do conto antigo; o que muda é a sua técnica, uma vez que a narrativa desmonta o esquema tradicional onde, ação e conflito passam pelo desenvolvimento até o desfecho, com crise e resolução final:

Os valores da arte como os do equilíbrio e o da harmonia, que eram reunidos em principio ou normas estéticas a serem aprendidas e imitadas por outros. Uma delas era esta: a de se obedecer à ordem de início, meio e fim na estória, ou a regra das unidades: uma só ação, num só tempo de um dia e num só espaço. (GOTLIB, 1998, p. 29-30).

Sean O’Faolain, (citado por GOTLIB, 1998, p. 31) reco-

nhece mudança na natureza do incidente, do argumento, do enredo: passa-se a uma aventura da mente, ao suspense emocional ou intelectual, ao suspense mais estranho, ao clímax a partir de elementos interiores da personagem, ao desmascaramento do herói não mais pelo vilão e sim pelo autor ou pelo próprio herói. Tais afirmações podem ser encontradas no trecho a seguir, retificando o desmascaramento do professor-vilão como herói:

Descobriu que nosso professor perdera a esposa e o único filho num desastre de carro, com poucos anos de casado. Morava sozinho numa casa longe do centro da cidade, fazia refeição numa pensão modesta perto da estação velha e não acreditava em Deus. Não tinha amigos e nunca compareceu a qualquer acontecimento social. À noite recolhia-se aos livros, corrigia provas, preparava deveres, anotava lições que seriam ministradas no outro dia. (MATTOS, *Bastantemente solidão*, 1997, p.14).

Com relação à questão sociocultural, neste mesmo conto *Bastantemente solidão*, percebe-se que a narrativa se passa no início da crise do cacau, onde o coronelismo começa a perder sua força, a partir do momento que não consegue mais manipular o governo e a população. O coronel pede a Anísio que não vote em determinado candidato, e sim no seu, que é coronel, conforme a citação:

– Coronel Anísio, vamos apoiar a candidatura do coronel Farias, amigo leal, sergipano de água boa, como nós, lutador desde o início nesta região, compreende nosso interesse, após tem os mesmos problemas, ficamos por cima, com força total, e o resto que se aguenta. (Idem, 1997, p. 13)

A comprovação da perda do poder do coronelismo é visto no trecho onde o coronel Marcolino não tem seu pedido atendido, uma vez que Anísio recusa-se em votar em seu apadrinhado,

como pretexto de que seu candidato é uma pessoa “estudada”.

Nem ligou, respondeu co trovoadas: “- Precisamos de sangue novo, gente nova, Marcolino, para governar o nosso Estado. Nosso tempo já passou. Ademais, doutor Paulino é filho de coronel também, é homem de letras e instruído, por cima.” Nem precisava ir a tanto, inda relutei: “- Esse negócio de sangue novo só serve pra virar a cabeça do povo, com umas idéias comunistas, mire-se no exemplo lá de casa, veja o que ‘stá fazendo, homem, depois diga que eu não avisei.” (Idem, 1997, p. 13)

Nota-se a importância que os coronéis davam à educação que vinha de fora, ou seja, da capital. Desejavam que seus filhos tivessem acesso a essa educação. Para eles, esse era o investimento que faziam na sua prole para posteriormente obter retorno lucrativo. A educação dos filhos era vista como mercadoria de troca. Os coronéis tinham consciência do quanto eles ganhavam na lavoura e queria contar com a ajuda dos filhos “estudados” para aumentar o patrimônio e a lucratividade da família.

Tomei gosto, sonhei com Rubinho formado, doutor-advogado, em casa, dando cobertura nos negócios, dava água na boca pensar depois, ia ser força ainda mais. Foi só botando diploma debaixo do braço, chegou falando grosso, sisudo, umas idéias diferentes, nada do agrado, só falava em trabalhador oprimido, toda vez que reclamava com empregado de roça tinha que ser escondido, depois não tinha razão nunca, já perdia autoridade, cortada pelo próprio filho, que tanto confiei, sim senhor. (Idem, 1997, p. 14)

Outra questão abordada neste conto é o trabalho não regulamentado. Na fazenda do coronel Marcolino, os empregados trabalhavam praticamente em regime escravo, não tinham carteira de trabalho assinada pelo patrão. Vejamos:

Ora, já se viu, em vez de pensar na gente, vivia o tempo todo em preocupações com os trabalhadores de roça, uns bichos que nas-

ceram pra boi-de-canga: sempre foi assim, os dedos das mãos não são iguais, e Rubinho, doutor-advogado, filho do coronel Marcolino, querendo consertar tudo de uma vez, querendo ser Jesus que nem pôde com este mundo emborcado. (Idem, 1997, p.14)

Os coronéis deixavam claro que se preocupavam exclusivamente com o lado financeiro, além de demonstrarem extrema ganância e apego material com tudo o que se relacionava com as suas terras, sem se preocupar com o bem-estar alheio. No conto *Bastantemente solidão*, a esposa do coronel Marcolino trabalhou por toda a sua vida ao lado do marido, ajudando-o na casa e na criação dos filhos, mais não recebia qualquer reconhecimento emocional ou financeiro por parte dele, como é demonstrado nos trechos:

E Damiana? Pobre mulher, infeliz, trabalhadeira, ajudou muito, não descansou trabalho nas costas até quando deu de aparecer umas doenças, tanto doutor ficou rico com as operações, quase some o dinheiro com tantas. (Idem, 1997, p.14)

A gente morre tem que deixar muita coisa, pra ficar a fama. Quem não sabe que nada se leva desse mundo. Se desse jeito, enterrava minhas roças no caixão, abraçadas comigo, juntinho, no outro mundo ia brincar com elas, livre de tanta perseguição, desassossego. (Idem, 1997, p.15)

O coronelismo imperava nessas regiões, o fruto amarelo reinava, e quem mais o obtivesse mais rico seria. Com isso, os grandes fazendeiros compravam dos mais apressados, ou como na maioria das vezes tomavam as terras dos pequenos posseiros utilizando para tal feito a força dos jagunços e seus caxixes. Os filhos dos coronéis eram enviados a capital para estudar já que seus pais não os queriam trabalhando na terra, quando voltavam, traziam ideias, na maioria das vezes comunistas e abolicionistas. Assim sendo, concluímos que talvez “essa crise” narrada por Cyro de Mattos no conto, em estudo, tenha sido a primeira

de muitas outras que vieram ocasionando assim um declínio que dura a mais de vinte anos e que levou vários fazendeiros de cacau ao suicídio como narra o autor.

Já no conto *Aula* percebemos a influência sociocultural no que diz respeito à autoridade do professor que assumia o papel educador responsável pelo futuro de seus alunos, para tal, humilhava-os e castigava-os, para obter êxito nos seus ensinamentos. Dessa forma conseguiria enfim entregá-los à sociedade como exigia a época. Atualmente os castigos são proibidos, mas a responsabilidade de educar continua sendo do professor. A maior vontade dos alunos e dos seus pais eram que eles ingresassem na única escola de ginásio da região que, na época, era sinônimo de glória e de família importante.

Neste conto, Cyro de Mattos narra a história de um professor rígido, que sofre pela morte de sua esposa e filho e desconta todas as suas “angústias” nos seus alunos. Tal afirmação pode ser observada no trecho a seguir:

Nosso professor tinha uma voz que infundia medo. Quando falava, dava a sensação de estar quebrando coisas frágeis ou imprensando na parede criaturinhas indefesas. Usava óculos de aro grosso e lentes com grau forte, a cabeça lisa como uma bola de bilhar. Nas provas mensais gostava de caminhar vagarosamente entre as carteiras, vigiando com cuidado os alunos, (MATTOS, *Aula*, 1987, p. 14).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta análise podemos perceber que as características literárias da narrativa de Cyro de Mattos se aproximam das teorias do conto apresentadas por Nadia Gotlib no seu livro homônimo, *Teorias do conto*, no que diz respeito ao conto maravilhoso e ao conto moderno, pois neles encontramos as características específicas de cada um deles, tais como

brevidade, sequência temporal dos fatos, acontecimentos do cotidiano, fantasia e imaginário.

Portanto, assim como no conto *Bastantemente solidão* em que os coronéis valorizavam a educação de qualidade para seus filhos, no conto “Aula” observa-se a ênfase que é dada aos estudos das crianças por parte dos seus pais, pois ingressar na escola era sinônimo de prestígio social. Observa-se, mais uma vez, o tratamento dado pelo autor Cyro de Mattos à educação:

Era um tempo de desafio constante em sua atmosfera povoada de sombras. Cada aluno queria atingir metas, melhorar de nível, por isso suportava o massacre diário, com exercícios aritméticos, lições de português, ciências naturais, geografia e história, (MATTOS, *Bastantemente solidão*, 1997, p.14)

Portanto, vimos que ao contrário do coronel Marcolino do conto *Bastantemente solidão*, que prezava apenas o lado material e que, por conta disso, sofreu e acabou suicidando-se, o professor do conto *Aula* demonstra dureza de caráter devido a perda da sua esposa e filho. Ambos os personagens passaram por situações difíceis em suas vidas, porém, o professor consegue se reerguer emocionalmente depois que recebe o carinho dos seus alunos, ao contrário do coronel ambicioso que visava apenas o dinheiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOTLIB, Nádía. **Teoria do conto**. São Paulo. Editora Ática. 1998.

MATTOS, Cyro de. *Bastantemente solidão*: In: ——. **Berro de fogo**: contos, Mattos Rio de Janeiro: Leitura, 1997.

MATTOS, Cyro de. *Aula*: In: ——. **Os Recuados**. Porto Alegre: Tche, 1987.

Cyro de Mattos



Os recuados



Via Litterarum
EDITORA

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM AULA E OS RECUADOS: CONTOS DE CYRO DE MATTOS¹

Alda Maria de Jesus Lima
Bárbara Luiza Menezes Lago
Emni Al Arish Gusmão Massarra
Joyce da Silva Soares
Julienne Santos Souza²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo geral analisar comparativamente os elementos representativos entre as relações sociais e a caracterização dos personagens apresentados nos contos *Aula* e *Os Recuados* da obra homônima do autor Cyro de Mattos. Para tanto, foi feito levantamento, seleção, leitura e fichamento da produção literária do autor. Tendo como fundamentação e referência teórica o livro *Teoria do Conto*, de Nádya Gotlib. Cyro de Mattos é um autor regionalista, mas percebe-se que, nos contos analisados, as personagens possuem aspectos típicos da realidade nacional, uma extensão psicológica aprofundada nos dramas coletivos, observando também uma reflexão interior e oculta, atribuindo vida psíquica aos mesmos. Desta

1 Trabalho orientado pela professora Reheniglei Rehem, na disciplina literatura Sul – baiana, graduação em Letras, UESC, 2014.

2 Graduandas do curso de Letras da UESC.

forma, esperamos obter como resultado dessa pesquisa nos contos citados a identificação dos elementos representativos e contributivos para a formulação da construção identitária na literatura Sul - baiana.

Palavras-chave: Literatura Sul – baiana; Representatividade; Gênero Conto.

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa um melhor entendimento sobre a representatividade das relações sociais, no âmbito da Literatura Sul - baiana dentro do gênero conto. Para isso, analisaremos comparativamente os contos *Aula* e *Os Recuados* do autor Cyro de Mattos. Para uma breve biografia de sentidos, ele nasceu em Itabuna, cidade do sul da Bahia, em 31 de janeiro de 1939, filho de Augusto José de Mattos e Josephina Pereira de Mattos. Teve os seus primeiros estudos na cidade natal. Completando o ginásio no Colégio Marista, em Salvador, faz o curso clássico no Colégio da Bahia (Central). Em 1962, diplomou-se em advocacia pela Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia. Como universitário dirige o jornal “A Palavra”, do Centro Acadêmico Ruy Barbosa. Advogado aposentado, depois de militar durante quarenta anos nas comarcas da região cacaueteira baiana. Atuou no jornalismo, com passagem na imprensa do Rio de Janeiro, em que foi redator do “Diário de Notícias”, “Jornal do Comércio” e também “O Jornal”.

Reconhecido nacionalmente pela versatilidade, expressividade e linguagem moderna em suas obras, o escritor alcança críticas significativas dentro da literatura contemporânea. Seu trabalho, que transita entre a prosa e a poesia, vem conquistando diversos prêmios literários dentre os quais estão: Prêmio

Nacional de Contos Leda Carvalho da Academia Pernambucana de Letras, Prêmio Jorge Amado do Centenário de Ilhéus, com o patrocínio Prefeitura Municipal de Ilhéus e o Prêmio Fernando Chinaglia da União Brasileira de Escritores, Seção do Rio de Janeiro 1981 (Menção Honrosa), todos com a obra *Os Recuados*, na qual estão inseridos os contos analisados neste trabalho. Conforme o parecer de Orlando Parahym, da Academia Pernambucana de Letras:

Os contos de *Os Recuados* prendem-nos intensamente a atenção pelo poder descritivo que distingue o autor, pelo realismo das situações criadas, pelo senso psicológico com que são tratadas as personagens. Tudo se harmoniza para conferir a cada episódio narrado um timbre acentuado de arte literária. (Citado por MATTOS, 1987. Contra Capa)

Em seus contos, Cyro de Mattos consegue representar o imaginário social regional através da caracterização das personagens e dos relatos de sua experiência enquanto ser crítico e social. Segundo Gotlib (2006, p. 17) “o gênero conto realiza-se justo nesta sua capacidade de abertura para uma realidade que está para além dele, para além da simples estória que conta”. Nos contos analisados percebe-se que as representações sociais ultrapassam os limites da região cacauêira do Sul da Bahia se expandindo em âmbito nacional.

I- ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS CONTOS *AULA* E *OS RECUADOS*

No conto *Aula*, percebe-se um personagem que carrega no íntimo a amargura da perda e da solidão que procura omitir de forma violenta, ele oprime e humilha os semelhantes, tornando-se um carrasco para os seus alunos. O professor, em sua amargura, afasta-se de todos, mas quando seus discentes

conseguem fazê-lo sentir o calor humano novamente, este retroage e se volta para a reflexão de seus atos, percebendo seus erros. A dimensão psicológica dada à personagem transmite a complexidade do seu ser e do imaginário daquele homem enquanto um ser social, pertencente a uma época que agrega valores sociais, culturais e econômicos em que a instituição mais forte ainda é a família e a sua falta causa a perda de sentido na vivência social e na sua atuação como indivíduo. As características dadas pelo autor à personagem retratam a importância dos valores de uma sociedade estruturada na posição financeira, na importância da educação escolar e da família na formação do indivíduo.

Quanto aos alunos e seus pais, representam uma fatia da sociedade em que a educação escolar é símbolo de prestígio social e representativo de poder econômico e político. Para estes, a educação não é apenas um meio de ascensão, mas a representação da sua cultura, em que mesmo diante de tantas humilhações e castigos aos quais as crianças são submetidas, elas conseguem objetivar o prestígio da educação e letramento. Já no conto *Os Recuados*, que é homônimo ao livro no qual está inserido, observa-se a dura realidade de uma família matriarcal que sofre com o alcoolismo e a doença mental do filho. Retrata não mais que a cruel realidade em que se encontram milhares de famílias, sem recursos financeiros para cuidar de seus entes queridos para amenizar a triste sina que os aguardam. A mãe que, em seu último ato desesperado de resgatar o filho da condição desumana a qual lhe foi imposta pela vida, mata-o acreditando ter lhe devolvido a humanidade retirada pelo álcool e pela doença mental, pondo um fim ao seu sofrimento.

Durante o julgamento, a plateia se cala diante do depoimento da personagem, recuando frente àqueles argumentos que conta

algo que vai além da dor suportável por um ser, contrariando tudo o que é considerado “normal” e passível de julgamento humano. A emoção transmitida pelas palavras daquela senhora em estado de profunda tristeza e “inocência” em narrar o envenenamento do próprio filho faz o júri recolher-se e calar.

Os recursos utilizados pelo autor na descrição da cena e dos momentos de cada conto em análise conseguem conferir-lhe realismo, não apenas pelo tema que retrata acontecimentos frequentes na atual sociedade, mas pelas características psicológicas dadas aos personagens que representam homens e mulheres que sofrem mazelas similares e acabam se identificando com os personagens dos contos. Mas qualquer narrativa que venha a ter aspectos fora da realidade em *Cyro de Mattos* está correta, pois o conto, no entanto, não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, a realidade e ficção não têm limites precisos. “Um relato, copia-se; um conto, inventa-se”, afirma Raul Castagnino (citado por GOTLIB, 2006, p. 31). A esta altura, não importa averiguar se há verdade ou falsidade: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo.

Portanto, até aqui, vimos que a literatura é uma arte das representações da cultura de um povo. Desse modo os textos analisados são produto do meio social ao qual pertencem e, por tanto, refletem as mazelas da sociedade sulbaiana, que com a decadência do cacau, muitos valores sociais, culturais, políticos, religiosos e éticos foram também modificados, causando um profundo impacto no seu imaginário identitário. O reflexo dessas transformações, no atual contexto sócio - econômico do Sul da Bahia, pode ser observado com os crescentes problemas e dificuldades que assolam a região, invertendo as concepções a cerca do homem enquanto ser social e cidadão.

II- FLAGRANTE DO COTIDIANO NOS CONTOS *AULA* E OS *RECUADOS*

Retomando o conto *Aula*, é extremamente enriquecedor no que tange aos sentimentos que faz do homem um ser forte, destemido, mas ao mesmo tempo frágil e débil (MATTOS, 1987, p.13). Este homem é o professor Fragoso que se viu posto a prova pelas atitudes ditatoriais que vinha acometendo com os alunos. Estes sabiamente conseguem tocar no seu íntimo, no qual escondia uma falta de carinho e amor que foi destituída pela perda de sua mulher e filha num acidente.

A história se ambienta em uma escola descrita pelo autor: “Nossa escola ficava num prédio de esquina. Tinha apenas um enorme salão, com grandes janelas na frente e de lado.” (Idem, 1987, p.13), no qual o professor é o carrasco que advoga as suas leis em bases de repreensão e violência para àqueles que não seguem as tais regras:

Triste do aluno que faltasse a aula e não viesse depois com o pai justificar a sua ausência. Recebia o pior castigo. Nosso professor fazia vibrar cinco vezes enorme régua em cada nádega do aluno faltoso, que ficava em posição quadrúpede diante dos olhos horrorizados dos colegas. (MATTOS, 1987, p.14).

O que exige reflexões acerca disso: O que queremos compartilhar com os nossos futuros cidadãos? É através da repreensão, do medo, da intimidação que educamos afinal? É através das nossas próprias frustrações, do coração abatido que nos tornamos vencedores? E, sobretudo, é com espinho que oferecemos a quem nos dá flores? Outra análise a ser a mostrada pelo autor é que o algoz é por vezes vítima das amarguras que a vida lhes oferece e o professor foi um desses que se embriagou pelas suas próprias amarguras fechando-se na mais completa solidão resultando num ser antissocial, amargo, de poucas alegrias, mas

que é rompido pela atitude das crianças que o faz enxergar que o perdão e o amor ao próximo é que traz todo o sentido da vida.

Em *Os Recuados*, o enredo expressa toda a preocupação do mesmo não apenas em narrar o fato, mas em entender suas almas, seus desígnios e intercedendo em favor do homem enquanto ser frágil e impotente diante da dor. Narra o julgamento da mãe que em sua última tentativa de “salvar” o filho, mata-o para arrancá-lo da condição de “bicho” na qual vivia: “Ele estava muito bêbado, com a barba e cabelo grande, o rosto todo ferido. Ele tinha aparecido na sala com uma corda de cebola na cabeça e um ramo de flores murchas no bolso do paletó velho. Ele andava muito sujo, maltrapilho [...]”.

As personagens do conto vagam na incerteza de seus destinos, voltadas para dentro de si mesmas, seguindo sua própria sina. A condição miserável e desumana na qual sobrevive o filho representa flagrantes da realidade social em que vivem diversas pessoas e seus familiares: “A senhora não tinha outro jeito de abreviar o sofrimento do seu filho? – Não tinha. Não suportava mais vendo ele todo dia dormir na sarjeta e chegar em casa bêbado” (MATTOS, 1987, p. 84). Dessa forma assim descrita, as personagens criadas por Cyro de Mattos não são apenas tipos populares que desempenham seu papel atuando nos conflitos sociais. Mas tem uma dimensão interior enraizada na explosão dos dramas e das misérias coletivas.

III- EXTENSÃO E EFEITO DE LEITURA NOS CONTOS

Pode-se notar que a extensão e o efeito causados no leitor da literatura de prosa de cunho social são o mesmo nos dois contos. Segundo Allan Poe (1842), citado no livro *Teoria do Conto* de Nádya Gotlib,

No conto breve, o autor é capaz de realizar a plenitude de sua intenção, seja ela qual for. Durante a hora da leitura atenta, a alma do leitor está sob o controle do escritor. Não há nenhuma influência externa ou extrínseca que resulte de cansaço ou interrupção. (GOTLIB, 2006, p.34)

E,

Já havendo selecionado um efeito, que deve ser tanto original quanto vívido, passa a considerar a melhor forma de elaborar tal efeito, seja através do incidente ou do tom. [...] E em seguida busca combinações adequadas de acontecimentos ou de tom, visando a “construção do efeito”. (GOTLIB, 2006, p. 35-36)

Cyro de Mattos consegue demonstrar em um texto enxugado, sem deixar de lado os detalhes onde o leitor possa criar uma imagem sobre a narrativa seu lado humanista. Ele escolheu a comoção como efeito a ser usado no leitor, pois quando o mesmo se depara com a história do professor que perde a esposa e o filho em um acidente, tornando-se um ser cruel com seus alunos e a mãe que mata o filho para aliviar o sofrimento do filho e da família, em momento o leitor se sente no direito de julgar aquele ser humano, que se tornam tão frágeis e abandonados pelo destino aos olhos de quem acompanha a narrativa.

Em *Aula*, pode-se perceber uma narrativa sobre uma sala de aula com uma didática de ensino tradicional, uma educação sem dinamismo, em que o professor tinha total liberdade de castigar seus alunos com palmatórias por qualquer motivo. Era o aprendizado à base da pressão por um reconhecimento da sociedade e para não ser castigado. Ainda no conto “Aula” percebe-se uma conexão com o real, tendo em vista que sempre ouvimos de nossos pais e avós relatos da época em que eles frequentavam a escola, nos revelando alguns castigos adotados pelos professores, de palmatórias a reguadas nas nádegas se por acaso o aluno errasse a tabuada ou escrevesse com a mão esquerda (caso dos canhotos).

Em *Os Recuados*, o drama social narrado é o mesmo que milhares de famílias que tem um de seus entes queridos vivendo na condição de indigente por causa de algum vício ou problema mental. Muitas dessas famílias tentam mudar esta situação, mas não conseguem nenhum avanço, umas por falta de condição, outras porque o indivíduo não quer ser ajudado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

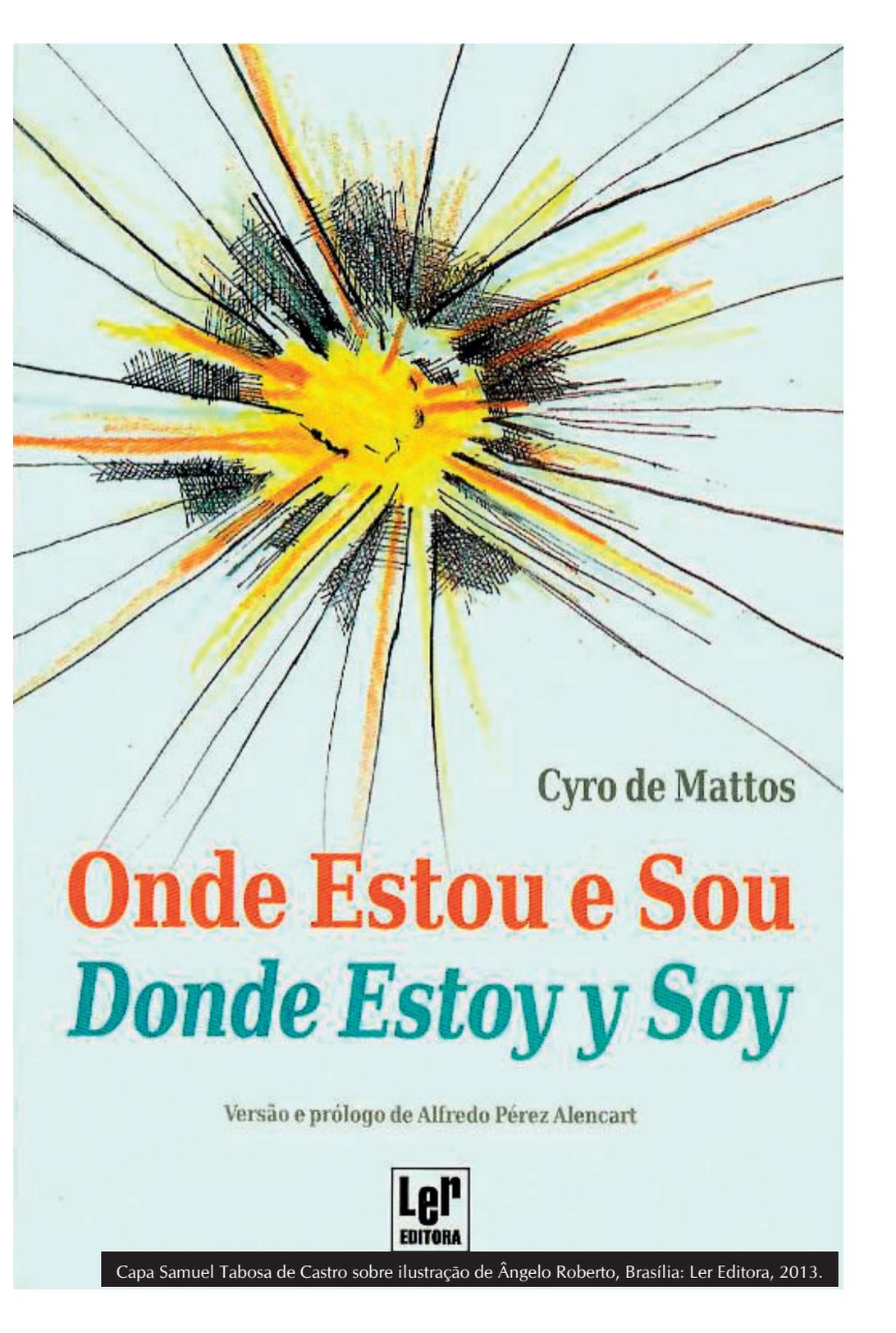
Assim visto, este artigo analisou comparativamente os elementos representativos e as características psicológicas das personagens, visando um melhor entendimento sobre as relações sociais na Literatura Sul - baiana. Dessa forma, entendemos que as personagens se caracterizam pela complexidade da natureza humana e sua vida psíquica, conferindo-lhe uma dimensão interior, penetrando minuciosamente nos dramas e mazelas sociais mostrando que o ser humano é frágil diante das misérias coletivas. Logo, foi possível constatar que nos contos *Aula* e *Os Recuados*, os personagens são representativos dessa condição humana que os faz recuar e voltar-se para dentro de si mesmos e perceber a sua própria impotência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOTLIB, Nádya Battella, **Teoria do conto**. 11 ed. São Paulo: Ática, 2006.

MATTOS, Cyro de. **Os Recuados**. Porto Alegre. Tchê. 1987.

_____. Aula. In: **Os Recuados**. Porto Alegre. Tchê. 1987, p. 37-56.



Cyro de Mattos

Onde Estou e Sou
Donde Estoy y Soy

Versão e prólogo de Alfredo Pérez Alencart

Ler
EDITORA

Capa Samuel Tabosa de Castro sobre ilustração de Ângelo Roberto, Brasília: Ler Editora, 2013.

CYRO DE MATTOS E UMA APROXIMAÇÃO CULTURAL AO UNIVERSO LATINO-AMERICANO

Juan Facundo Sarmiento (UESC)¹

[...] porque no se trata solamente de que estamos utilizando el mismo idioma sino de que nos estamos moviendo en un terreno común.

Julio Cortázar

INTRODUÇÃO

Dentro da antologia em edição bilíngue, intitulada *Onde estou e sou: donde estoy y soy* (2013) encontramos uma cativante coletânea de poemas de Cyro de Mattos. A versão à língua espanhola foi realizada pelo poeta Alfredo Pérez Alencart quem anuncia no prólogo “A Poesia, quando na verdade é Poesia, pouco tem a ver com a literatura”. Esta afirmação aponta, de alguma forma, o caminho que será seguido na presente reflexão e que parte de um convite realizado pela Reheniglei Rehem para participar do evento *Conversa com Cyro de Mattos*, realizado no dia 4 de dezembro de 2013, na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Durante o evento, além da leitura de diferentes obras do autor em português e espanhol foi destacada a

1 Professor de língua, literatura e cultura hispânicas no curso de Letras da UESC.

importância de continuar com o estudo da literatura Sulbaiana dentro da academia.

Seguem algumas considerações realizadas por mim após a leitura do poema *Agudo Mundo* (*Duro mundo* em espanhol) e que propõem uma possibilidade de vincular a leitura da literatura do sul do estado com América Latina dentro de uma formação crítica.

I - UM DURO MUNDO, ENTRE A GLOBALIZAÇÃO E O ENSINO

Atualmente, não são poucas as reflexões feitas, dentro do âmbito acadêmico, que tentam explicar quais as características desse mundo em processo de globalização no qual, tal como indicado por Garretón M. (2008), existe uma interpenetração econômica, comunicacional e também cultural entre as diversas sociedades. Este tipo de problematização a nível mundial cobra especial significado quando estudamos e pesquisamos sobre processos sociais, políticos e históricos latino-americanos que particularmente nos interessam como contexto para o desenvolvimento do estudo de questões relacionadas com língua e educação. Importante frisar que entendemos língua como o mais importante meio pelo qual um povo consegue se comunicar e também veicular sua cultura, história, conhecimentos e tradições.

O referido processo de globalização, atualmente em curso, não pode ser visto como o começo de uma nova etapa ou o início de uma nova forma de relação entre os povos. Quijano (2000) afirma que “a globalização em curso é, primeiramente, a culminação de um processo que começou com a constituição da América e a do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado como um novo padrão de poder mundial”. Por tanto, estamos

nos referindo a um processo de origem colonial que teve suas origens há mais de quinhentos anos e do qual somos parte.

Ainda, de acordo com Garretón M. (2008) o que atualmente pode ser discutido é de que forma este processo de mundialização está se dando ou se dará, mas não se ele existe ou não, pois ele já é uma realidade. Da mesma forma, afirma que a integração dos países latino-americanos a essa realidade global pode dar-se através da conformação de blocos apoiados em um elemento fundamental que é a cultura. Ela conforma uma força produtiva que é, ao mesmo tempo, o que estrutura outros tipos de lutas, debilitados já os estados nacionais. A luta contra os poderes transnacionais da economia ou outras formas políticas de dominação, pode ser empreendida desde a cultura. Oportuno também lembrar que de acordo com Yúdice (2006), após 1989, os setores neoliberais comemoravam o que seria a concretização de uma metáfora fantástica: o mercado livre. O autor afirma que, da mesma forma, alguns neoconservadores, como Francis Fukuyama, previam a ausência de ideologias. No entanto, Yúdice assevera que a luta passou do plano da ideologia para centrar-se no plano da cultura. Desta forma, muitas culturas locais e identidades se veem influenciadas pelo que denomina de “sonhos globais” do capitalismo transnacional.

Esta realidade, à primeira vista, pode parecer distante do nosso dia a dia como pesquisadores, professores ou professores em formação. No entanto, acredito na necessidade de pensarmos a educação não apenas como a apropriação de um saber isolado que visa o cumprimento de uma função de ordem técnica e sim como uma forma de promover a consciência sobre o presente momento histórico. O entendimento dos processos sociais atuais, como a globalização e suas implicâncias que vão mais além da proliferação das comunicações e o acesso à Internet, nos permitirão mensurar o impacto de uma globalização cultural que

talvez não seja discutida totalmente dentro da universidade. A formação de professores deve abandonar definitivamente o paradigma modernista que tende à descontextualização do saber e orientar-se à formação de educadores que questionem a realidade, as verdades absolutas e que sejam conscientes do seu contexto e da sua herança cultural.

Na atualidade, a existência de tensões entre o global e o local exige um compromisso político do educador que permitirá conhecer quais são as características do contexto no qual nossa atividade docente está inserida. A formação de professores deve ser concebida como um processo abrangente que ultrapasse os conhecimentos próprios da área específica do saber e se projete sobre a realidade para tentar compreendê-la ou, pelo menos, estudá-la e analisá-la almejando sua compreensão. Cavalcanti (2013, p. 212) se refere à formação do professor de línguas afirmando que:

Nessa visão de educação linguística ampliada, entendo que um curso de licenciatura neste mundo de diáspora, imigração e migração, de mobilidades social cada vez mais emergente, precisaria enfatizar a formação de um professor posicionado, responsável, cidadão, ético, leitor crítico, com sensibilidade à diversidade e pluralidade cultural, social e linguística etc.

Por este motivo acredito na importância do trabalho com bens culturais locais que promovam o debate sobre identidade cultural como uma vinculação necessariamente consciente relacionada com a escolha e com o contraste. Ou seja, como ser de uma forma e não de outra. Especialmente na atualidade, onde a globalização e o acúmulo de informação midiática influenciam culturas locais, esta forma de abordar o ensino permitirá entender ou inferir de forma mais correta o porquê da existência de determinadas características no objeto de estudo.

Esta questão é pertinente na área de línguas e neste sentido *Onde estou e sou: donde estoy y soy* (2013) quebra uma das primeiras barreiras que se levanta ao trabalhar, por exemplo, com língua estrangeira e é precisamente o fato dela ser “estrangeira”. A antologia é um nexos artístico entre duas línguas de singular importância na região cumprindo o papel de um promotor cultural entre dois universos linguísticos que se unem e dialogam através da arte. A temática e a identificação com o autor facilitam o acesso a uma língua que começa a ser apropriada pelo leitor. O trabalho com um objeto irreal ou distante poderia, talvez, diminuir o interesse por ser considerado como distante. No entanto, o uso da literatura regional carrega de sentidos o ensinar-aprender e propõe discussões relacionadas com a cultura e sobre como ela pode ser vista desde outra língua. Assim, se conseguem discutir os significados contidos na obra e se tem a possibilidade de desconstruir ou reforçar valores, crenças e identidade.

América Latina se apresenta, muitas vezes, como um dilema identitário para o brasileiro que não sabe se faz ou não parte desta região, deste espaço geográfico caracterizado pela diversidade cultural e étnica, mas também por algumas imagens negativas provenientes do imaginário colonizado. Nesse sentido, Lessa (2010, p. 205-206) fala sobre a existência de uma “invisibilidade da América Latina” para muitos estudantes de língua estrangeira que, conforme pesquisa realizada pela autora, não reconhecem as semelhanças culturais existentes com o Brasil e, por conseguinte, se consideram não pertencentes a essa comunidade. Propiciada pela mídia, essa “invisibilidade” reflete uma das consequências da globalização, a exclusão de vozes e propagação de discursos hegemônicos que fazem com que bens culturais de determinadas comunidades sejam amplamente divulgados e consumidos em detrimento de outros. Sendo assim, facilmente pode-se ter acesso a produções culturais oriundas dos

Estados Unidos ou Europa, geográfica e culturalmente distantes do nosso contexto sócio histórico, porém, não temos a mesma facilidade em relação a nossos vizinhos latino-americanos e é nessa instância onde esta obra em edição bilíngue contribui para que se forjem as identidades de professores e estudantes em um âmbito regional.

Enquanto sujeito ideologicamente construído e em conformidade com o que afirma Lessa (2004, p. 472, apud RODRIGUEZ, 2009, p. 14) “o professor ocupa um lugar de poder e, consequentemente, de possibilidade de influência na formação dos alunos... Dentro dessa perspectiva, é preciso que o professor tenha consciência de seu papel e de suas opções na sala de aula”. Ainda, de acordo com a autora, é necessário que possa mediar a construção de uma visão positiva e crítico-reflexiva das identidades latino-americanas em contraste com a própria identidade nacional.

Nesse panorama, a formação de professores se revela uma prática que ultrapassa a aquisição de conhecimentos linguísticos e traz consigo a necessidade do exercício da reflexão sobre o outro e sobre si enquanto sujeito historicamente construído, cujas crenças, valores e imaginários irão refletir em sua prática e na formação de outros sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro deste contexto de globalização, acredito que a leitura de literatura baiana em espanhol contribua para discutir este processo e suas consequências dentro da região buscando o conhecimento dos processos sociais, políticos e históricos que são a base da formação cultural de um povo que se concebe como parte de uma realidade maior. O professor crítico-reflexivo, sob

esse viés, tem o papel de possibilitar aos estudantes a ampliação de suas consciências e, como afirma Lessa (2010), tornar visível essa América Latina à qual pertencemos, desconstruindo certos discursos colonizadores que ainda permeiam o imaginário nacional e a quebra daquilo que Foucault denomina regimes de verdades, ou seja, crenças e valores sociais dentro de alguns grupos que são legitimados sem que haja qualquer tipo de questionamento ou discussão e que nos levam à construção de determinados estereótipos que podem ser desconstruídos através da aproximação proposta pela língua, manifestação da cultura das comunidades desse mundo globalizado em que vivemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, Marilda. Educação linguística na formação de professores de línguas: intercompreensão e práticas translínguas. In: MOITA LOPES, Luis Paulo da. **Linguística aplicada na modernidade recente**. São Paulo: Parábola, 2013, p.211-226.

GARRETÓN M., Manuel Antonio. El espacio cultural latinoamericano revisitado. In: RUBIM, L.; MIRANDA, N. **Transversalidades da cultura**. Salvador: Edufba, 2008, p. 45-57.

LESSA, Giane. Ensino de E/LE: tornando visível e reconstruindo uma América Latina invisível. In: GIMENEZ, T.; MONTEIRO, M. C. de G. **Formação de professores de línguas na América Latina e Transformação Social**. Campinas: Pontes, 2010, p. 203- 215.

MATTOS, Cyro de. **Onde estou e sou: donde estoy y soy**. Brasília: LER editora, 2013.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/libros/lander/quijano.rtf>>. Acesso em: 27 jul. 2014.

RODRIGUEZ, Myrna Eliza. **Os espaços que formam leitores: no berçário isso é possível?** Monografia do Curso de Especialização em Educação Infantil: “Desafios do trabalho cotidiano: a educação das crianças de 0 a 10 anos”, UFRRJ, 2009, Disponível em: <http://www.ufrrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafioscotidianos/arquivos/integra/integra_RODRIGUEZ.pdf> Acesso em: 30 jul. 2014.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

PALHAÇO BOM DE BRIGA

Cyro de Mattos



L&PM
EDITORES

Capa e ilustração Rose Gaiewski, Porto Alegre: L&PM, 1993.

PALHAÇO BOM DE BRIGA: O LÚDICO E O IMAGINÁRIO CIRCENSE EM CYRO DE MATTOS¹

Luiza Lima Nogueira²

RESUMO

O objetivo geral deste estudo é analisar as características da poesia presente no livro de poemas infantis, intitulado *Palhaço bom de briga* (1993), do autor baiano Cyro de Mattos. Tendo como objetivos específicos, verificar como a temática circense é trabalhada de forma lúdica pelo autor e reconhecer a função atrativa e influenciadora do modo lúdico utilizado nas poesias infantis. O embasamento teórico deste trabalho se sustenta em estudos realizados por Candido (1995), Coelho (2000), Huizinga (2000) e Iser (1996). Como pesquisa do tipo bibliográfica e qualitativa, a metodologia se dará por meio da seleção, leitura e análise de textos teóricos, literários e críticos aplicados ao objeto literário investigado. Esperamos chegar à conclusão de que, utilizando o circo e o lúdico como eixo temático, Cyro de Mattos consegue demonstrar para o leitor de todas as idades a relevância da literatura infantil na educação das crianças de modo divertido e interativo.

Palavras - chave: Literatura infantil; Imaginário; Circo; Lúdico.

1 Trabalho de Conclusão de Curso – TCC Letras orientado pela professora Reheniglei Rehem, 2015.

2 Graduada em Letras pela UESC, 2015.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo geral analisar a importância do lúdico e a temática circense na poesia destinada às crianças. Sobretudo, reconhecer como essa temática contribui para esta poesia, mostrando como a linguagem lúdica utilizada pelo autor Cyro de Mattos, em seu livro *Palhaço bom de briga* (1993), facilita o imaginário do circo, e contribui para que a leitura do público infantil seja mais prazerosa.

Cyro de Mattos nasceu em Itabuna (Bahia), em 1939. Filho de Augusto José de Mattos e Josephina de Mattos. Iniciou a carreira de escritor na linha regionalista, com *Os brabos* (Prêmio Afonso Arinos – Academia Brasileira de Letras). Participou em 1998 do III Encontro Internacional de Poetas/Universidade de Coimbra (Portugal). É membro da Academia de Letras da Bahia, em sua biografia, registram-se cerca de duas dezenas de títulos de contos, poesia, crônicas e antologias. Em 1991, estreia como escritor para crianças com os poemas de *O menino camelô* (1991).

Atualmente Mattos possui doze livros infanto-juvenis publicados; “*O menino camelô* (1991)”, “*Cantos de contos* (1992)”, “*Palhaço bom de briga* (1993)”, “*Oratório de natal* (1997)”, “*O circo do cacareco* (1998)”, “*Histórias do mundo que se foi* (2003)”, “*O goleiro Leleta e outras fascinantes histórias de futebol* (2005)”, “*O menino e o boi do menino* (2007)”, “*O menino e o trio elétrico* (2007)”, “*Roda da infância* (2009)”, “*Lorotas, caretas e piruetas* (2011)”, e “*O que eu vi por aí* (2013)”.

Muitos deles premiados, dentre estes podemos observar que três possuem como tema o mundo circense, o que corrobora com a hipótese deste artigo. Mattos como um autor empenhado no resgate do imaginário circense na literatura infantil através da ludicidade.

A fim de mostrarmos uma literatura que expresse essa ludicidade, daqui em diante utilizaremos a narrativa destinada ao público infantil *Palhaço bom de briga*, publicada no ano de 1993, de Cyro de Mattos, como objeto de análise deste trabalho. Para Mattos:

A literatura é a expressão mais completa do homem, como ente que pensa e sente. Todas as outras expressões referem-se ao homem enquanto especialista de uma atividade. Só a literatura concebe e apreende o homem enquanto homem. Sem distinção nem qualificação alguma. É a via mais direta para que os povos se entendam e se encontrem como irmãos (MATTOS, 2015, Internet).

Desse modo, a literatura se torna essencial porque permite que o homem compreenda não apenas o próprio mundo, mas também os seus semelhantes, uma vez que as obras literárias falam diretamente a imaginação e aos sentimentos. Através da literatura nos comunicamos com os demais, compartilhamos aquilo que consideramos importante, preservamos o que nos é caro, e assim interagindo com o outro, construímos a nossa identidade. Segundo Candido (1995) a literatura é, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, até as formas mais complexas de produção.

Assim, compreendemos que a literatura não está vinculada a distinções nem qualificações, que ela faz parte da trajetória humana, estando presente em todas as sociedades, em todas as culturas, independente do seu nível de complexidade. Contudo, para que todos possam usufruir desse bem inalienável que é a literatura, é preciso desde a mais tenra idade investir na formação de leitores capazes, sendo assim, a literatura infantil se mostra imprescindível neste processo.

Para Coelho (2000) a literatura infantil funde sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e a sua possível

realização. Mais do que informação, mais do que conhecimento, a literatura infantil leva ao encontro da criança um mundo de encantamento e sonhos, de emoções, sentimentos, descobertas e experiências. Onde, através do texto literário, elas se desenvolvem emocionalmente e psicologicamente, despertando assim, o prazer pela leitura. Nessa perspectiva, é que se entende que a literatura possibilita o encontro do real com a fantasia. A fabulação presente na arte literária facilita o entendimento da complexidade da realidade a nossa volta. Fabular é necessário, é um jogo entre a leitura e o imaginar, que nos transforma e nos forma. Segundo Marinho (2014) ninguém consegue viver sem conviver com momentos de fabulação, o feliz casamento do sonho com o irreal que se realiza plenamente através da arte literária. Um jogo de contar e imaginar a vida que revela como o mundo é e como o mundo poderia ser.

Diante disso, na literatura destinada ao público infantil, há algo que facilita a entrada da criança no mundo da imaginação e fabulação, ou seja, a presença da linguagem lúdica. A ludicidade é um recurso que torna a leitura mais prazerosa, que quebra limites e barreiras que impedem a aprendizagem da criança. O que para Coelho (2000) é um jogo com palavras e ideias:

Situações expressas através de brincadeiras inteligentes com a palavra e seus jogos sonoros, seu duplo sentido, visando o puro entretenimento e prazer... Mas que fazem ver as coisas comuns por outros prismas (COELHO, 2000, p. 253).

Desse modo, entende-se que esse jogo inteligente com as palavras torna a leitura mais agradável. O lúdico é um estímulo, é uma mediação entre o autor, leitor e obra. Ainda segundo Coelho (2000, p. 157), “cabe as obras destinadas ao público infantil apresentar um *Realismo Lúdico* que enfatize a aventura de viver, as travessuras do dia-a-dia, a alegria

ou conflitos resultantes do convívio humano”. Além disso, o ingresso da criança em um mundo lúdico é o marco de uma nova fase, é o modo mais fácil de lidar com o real, além de contribuir para a construção da identidade do sujeito. O lúdico é importante para a literatura infantil, porque ele vincula o divertido ao que é sério, e dessa maneira, pode tornar assuntos complexos mais fáceis de serem entendidos.

Portanto, a arte literária para criança, quando lúdica, possibilita que ela conheça o mundo a sua volta da sua maneira, ou seja, de um jeito alegre e cheio de fantasia. Esta literatura é o aprendizado expresso de modo divertido, característica que é sempre importante para o desenvolvimento de uma criança. Uma narrativa apresentada de maneira lúdica, seja na linguagem ou nos recursos visuais, não é apenas uma leitura, ela visa uma experiência de aprendizagem que estabelece uma conexão entre a imaginação e o real.

Ademais, a literatura infantil facilita a interação da criança com o meio que ela vive, facilita sua relação com um mundo, seu entendimento sobre o cotidiano. É uma oportunidade de amadurecimento. No entanto, para que a criança se torne um leitor assíduo, e goste de ler, ela precisa gostar do que ler, e é neste momento que entra a ludicidade, que deve ser entendida como uma estratégia. Logo, através de uma narrativa cheia de ludicidade, pode-se mostrar a criança que ler é tão prazeroso quanto brincar, que ela também pode se divertir quando se debruça sobre um livro. Cabe, ainda, ressaltar o caráter inovador deste artigo, visto que não há estudos críticos que abordam o resgate do imaginário circense feito por Cyro de Mattos em seu livro *Palhaço bom de briga* (1993), o que reafirma a pertinência do tema. Este artigo será dividido nos seguintes tópicos: “O lúdico e o circo”; “O lúdico e o palhaço”; e por último, “O imaginário e a ludicidade”.

I- O LÚDICO E O CIRCO

O lúdico tem sua origem na palavra latina “*ludus*” que quer dizer “jogo”. Huizinga (2000) define o jogo como um fenômeno cultural e não biológico, pois possui um fator lúdico de importância vital para a civilização. Podemos dizer que lúdico é qualquer movimento que proporcione prazer e diversão. Nesse sentido, a ludicidade tem como principal objetivo ensinar algo, pois, traz em si uma carga de significação, dentro de um dado texto ou situação. Como observa Huizinga:

[...] o jogo é mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. Ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica. É uma função significante, isto é, encerra um determinado sentido. No jogo existe alguma coisa “em jogo” que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Todo jogo significa alguma coisa (HUIZINGA, 2000, p.2).

Além disso, é importante compreender que o lúdico faz parte das atividades da dinâmica humana, caracterizando-se por ser espontâneo e satisfatório. As atividades lúdicas propõem a vivência plena do aqui - agora, integrando a ação, o pensamento e o sentimento. Desse modo, quando o autor utiliza do lúdico na produção de uma literatura voltada para o público infantil, ele está se apropriando dos instrumentos que a linguagem poética possui para, assim, poder adentrar no imaginário infantil e levar a criança a compreender assuntos complexos de uma maneira integrada ao seu mundo. Tendo como tema a alegria e as fascinantes particularidades do mundo circense, Mattos revela uma linguagem atrativa através da ludicidade, como podemos perceber no trecho a seguir:

Com o palhaço Besouro
E a sua boca de choro,
As longas pernas de pau
E a sua cara de mau,
Olho e nariz de limão
E a criançada na mão
(MATTOS, 1993, p.20).

Segundo o Dicionário Aurélio (2004), a palavra “circo” vem do latim *circus*, e está relacionado à palavra grega *kyklos*, que quer dizer, círculo ou sua forma, referindo-se ao formato dos grandes anfiteatros onde os antigos se reuniam para jogos públicos que se repetiam regularmente. Vale ressaltar, que foi na Europa que o circo ganhou força e se desenvolveu. Mas foi a partir do século XVIII, que o circo apresentou valores e características que são preservadas até os dias atuais. O circo moderno apresenta várias atrações, como números equestres, adestramentos de animais, saltos acrobáticos, pantomimas e danças, e claro, é no circo que encontramos a figura do palhaço.

Há, portanto, na obra do autor, uma literatura lúdica através do mundo do circo. A literatura destinada ao público infantil de Mattos instiga os sentidos, é como um auxílio emocional e cognitivo. Através do lúdico, ele rompe os limites da aprendizagem, tornando-a divertida e atrativa para as crianças. Em suma, Mattos torna a sua narrativa lúdica revelando o imaginário do Circo. O imaginário é o conjunto de símbolos, conceitos, memória e imaginação de uma comunidade. Essas representações podem ultrapassar os limites do real, e adquirirem o mito, tornando-se a história de um povo e o patrimônio comum.

Desse modo, é possível enxergar o imaginário do circo em o *Palhaço bom de briga*, bem como as memórias do circo:

–Barulho no céu?
– Árvore caindo no chão?
– Não – diz o malabarista Nanico.
– É o palhaço Trovão
Anunciando ao povão
As atrações do circo.
(MATTOS, 1993, p.26).

O sujeito poético questiona o surgimento de um barulho inesperado, logo após temos a sua busca por uma explicação, e a descoberta de que se trata do anúncio das atrações do circo. De uma forma, totalmente lúdica, Mattos traz à tona esse momento histórico do circo, onde os seus integrantes saiam pelas ruas anunciando suas atrações e convidando o público para o espetáculo. Observa-se que para expressar essas memórias, o autor Cyro de Mattos usou uma linguagem lúdica, a fim de atrair o pequeno leitor e levá-lo a imaginar o mundo circense que o sujeito poético vivencia e prestigia, o cito:

Andou dizendo
A todo mundo
Lá no circo
Que é machão
No domingo
Foi convidado
Pra lutar boxe
Na televisão.
Tão logo
Entrou no ringue,
Se tremeu todo,
Deu um pum
E caiu no chão.
(MATTOS, 1993, p.34).

Assim, através da utilização do realismo lúdico, Mattos revela a realidade do dia-a-dia do circo, por meio de uma linguagem

simples, porém cômica e cheia de sonoridade. Como podemos observar na citação anterior com o uso das palavras: ‘machão’, ‘televisão’ e ‘chão’. Desse modo, percebemos que o sujeito poético atribui à palavra ‘briga’ um novo significado, o de brincadeira. Logo, compreendemos o jogo de palavras feito por Mattos no título do livro, o *Palhaço bom de briga*. No sentido de que ‘brigar’ equivale a brincar, dessa forma, o autor sugere que o palhaço é bom de jogo, o jogo das brincadeiras.

II- O LÚDICO E O PALHAÇO

Para Ferreira (2004) a palavra “palhaço” veio de *pajliaccio*, palavra formada a partir do italiano *paglia* (palha) que por sua vez, veio do latim *paleae* (palha). A palha era o material usado para encher as roupas extravagantes usadas pelos bufões e bobos da corte. O palhaço é o que poderíamos chamar de principal artista do circo. É o que se veste de uma maneira desordenada e cheia de cores, o rosto é pintado e colorido. Ele é responsável por gracejos, momices e trejeitos, às vezes combina tudo isso ao malabarismo, a fim de animar sua plateia. O palhaço é a principal temática da obra analisada, ratificamos. O sujeito poético nos revela as suas memórias do palhaço, sempre atrativo, engraçado, desastrado:

O palhaço Cuíca
Toca samba na barriga,
E o palhaço Goiabada
Fica todo lambuzado
Quando beija a namorada,
Enquanto o palhaço Lorota
Chuta a bola na platéia,
Dá um murro no juiz
E sai dando cambalhota.
(MATTOS, 1993, p.32).

Podemos dizer, ainda, que a figura do palhaço em si nos revela a ludicidade. O palhaço está sempre ligado a piruetas, brincadeiras e desastres. É uma figura engraçada, e atrativa. O autor usa de uma ferramenta lúdica (o palhaço) e desenvolve sua narrativa com situações cheias de graça e duplo sentido. O que torna a sua obra mais atrativa capaz de levar o leitor aos níveis mais altos da imaginação. É, pois, a figura engraçada e atrapalhada do palhaço que torna a narrativa mais leve e divertida para o seu leitor. Como podemos observar na citação que segue:

Me diga se pode haver
Uma cara mais medrosa
Que essa do Zé da Bola,
Um palhaço bem gabola,
Quando o coitado se vê
Jogado dentro da jaula
Sem saber o que fazer
Com a gorila Carola...
(MATTOS, 1993, p. 38).

Assim visto, o lúdico é composto por instrumentos e signos e estes são uma mediação entre a imaginação e o real. Expresso através da figura do circo e do palhaço na obra de Mattos encanta o leitor infantil, a ludicidade de sua linguagem faz com que a narrativa tenha verossimilhança com o mundo do seu público leitor.

Segundo Iser (1996), não há definições ontológicas nem do fictício nem do imaginário, só podemos apreendê-los mediante uma descrição operacional de suas manifestações. Essas manifestações seriam o produto de uma inter-relação entre o fictício e o imaginário que funciona como a matriz geradora da qual emerge a literatura:

O imaginário é por nós experimentados antes de modo difuso, informe, fluido e sem um objeto de referência, manifestando-se em situações que, por serem inesperadas, parecem arbitrárias situações que ou se interrompem ou prosseguem noutras bem diversas (ISER, 1996, p.14).

Deste modo, o fictício compele o imaginário a assumir forma, ao mesmo tempo em que serve como meio para manifestação deste. É através dos atos de fingir, que o imaginário ganha uma determinação, que não lhe é própria e adquire, deste modo, um atributo de realidade. Por meio desse fingimento, dessa fabulação que a literatura se realiza plenamente, e torna-se assim capaz de atuar na formação dos indivíduos. Através da ludicidade, este jogo com a linguagem feita somente por aqueles escritores que realmente conseguem adentrar no universo infantil que nós leitores aceitamos, e apreciamos tal atividade, apesar de sabermos que se trata de uma ilusão, vejamos:

Neste brinquedo que parece sonho
O estandarte é levado pelo pombo,
A sanfona, tocada pelo porco,
E o pandeiro, pelo galo que é rouco
(MATTOS, 1993, p. 36).

É neste momento, que segundo Iser (1996), um fator relevante entra em cena, a seleção. A escolha pelo autor do texto ficcional, dos sistemas contextuais preexistentes, sejam eles de natureza sociocultural ou literária. Ainda para Iser (1996), o ato de seleção cria um espaço de jogo, incorporando elementos novos ao texto, elementos que são dispostos numa desordem significativa, assumindo assim uma nova forma. Portanto, a escolha de Mattos em resgatar os sistemas de natureza sociocultural do sul da Bahia que retratam o imaginário infantil circense, a alegria e a simplicidade de uma forma de diversão que encanta as

crianças. Torna-se relevante, pois, este imaginário com o passar dos anos, com o advento das novas tecnologias e da internet, está se esvaindo e correndo sérios riscos de ser esquecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura, em especial, a infantil, através dos atos de fingir atribui ao imaginário uma determinação, que não lhe é própria, mas que por meio dela, passa a possuir um atributo de verdade. Através deste fingimento, dessa fabulação que a literatura se realiza plenamente, e torna-se assim, capaz de atuar na formação dos indivíduos. A literatura infantil é a possibilidade de se conhecer o mundo real a partir da imaginação e da fantasia. Poderíamos dizer que a literatura infantil está intimamente aliada ao lúdico.

O lúdico é mais do que um jogo de brincadeiras, é uma forma de se aprender brincando. Uma obra destinada ao público infantil, quando apresenta uma linguagem lúdica, ela atrai o seu leitor, e mais do que uma atração, uma leitura lúdica é uma experiência de aprendizagem. A ludicidade é uma mediação entre o autor, o leitor e a obra; é uma mediação do mundo da imaginação com o real. Cyro de Mattos nos apresenta em *Palhaço bom de briga* (1993) o mundo do circo em forma de poesia, composta por um realismo lúdico capaz de levar o leitor ao imaginário circense. Há na narrativa as memórias do circo vividas pelo sujeito poético que na verdade é Cyro de Mattos. O autor usa estrategicamente a figura do palhaço, que em si é lúdica, para tornar a leitura de sua obra uma experiência cheia de fantasia e ao mesmo tempo, realista.

As memórias do circo são apresentadas por Mattos através do que Coelho chama de jogo *inteligente com as palavras*, que

são as situações narradas com graça, diversão e duplo sentido. Resgatando assim, através de suas memórias de infância, a magia, o encanto do circo, a pureza da alegria infantil tão ausente nas produções modernas. Vale ressaltar, também, que esta pesquisa já tem um pré-resultado, pois, a mesma foi apresentada no XVII Encontro Baiano dos Estudantes de Letras, realizado em Seabra – Bahia, tendo obtido ótimos resultados, uma vez que a partir dela podemos discutir diversos problemas que se encontram presentes atualmente nas escolas brasileiras e refletir sobre o nosso papel neste processo. Nesta perspectiva, escolher bons livros infantis de autores que saibam adentrar de forma respeitosa e consciente no universo infantil é essencial para a formação da criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Maria Aparecida Leão et al. **Normas técnicas para elaboração de trabalhos acadêmicos.** Ilhéus, BA: Editus, 2010.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos.** 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil teoria, análise, didática.** 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CYRO DE MATTOS. UMA HISTÓRIA DA LITERATURA BAIANA. Disponível em: <<http://www.r2cpres.com.br/v1/2013/07/page/4/>>. Acesso em: 24mar. 2015.

FERREIRA, ABH. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 3. ed. São Paulo: Positivo, 2004, p. 410; 918; 1251.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludus.** 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ISER, A.Wolfgang. **O fictício e o imaginário:** perspectivas de uma antropologia literária/A.Wolfganglser. Tradução de JohannesKretschmer. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

MARINHO, Jorge Miguel. **Fabular é preciso.** Disponível em: <<http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista/384/fabular-e-preciso.html>>. Acesso em: 27 jun. 2014.

MATTOS, Cyro de. **Palhaço bom de briga**. Ilustrações de Rose Gaiewski – Porto Alegre: L&PM, 1993.

_____. **Uma história da literatura baiana**. Disponível em: <http://www.cyrodemattos.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=205:uma-historia-da-literatura-baiana&catid=46:artigos&Itemid=97>. Acesso em: 24 maio 2015.

NOGUEIRA, Luiza Lima; Reheniglei Rehem. **Cyro de Mattos: um resgate do imaginário circense na literatura infantil**. In: Encontro Baiano dos Estudantes de Letras, SEABRA: UNEB, 2014, (Comunicação oral).

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico: diretrizes para o trabalho didático-científico na Universidade**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.



Natal das crianças negras

Cyro de Mattos

Edição em 6 idiomas

The black children's Christmas

Le Noël des enfants noirs

La Navidad de los niños negros

Natale dei bambini negri

Weihnachten der schwarzen Kinder

Ilustrações de
Calasans Neto



NATAL DAS CRIANÇAS NEGRAS: LITERATURA INFANTIL, REALISMO E COTIDIANO EM CYRO DE MATTOS¹

*Aline Taciana Santana Cruz
Amara Sampaio de Oliveira
Elias Ribeiro Maia
Leonardo dos Santos Campos
Karina Silva Santos²*

RESUMO

Trata-se de estudo em desenvolvimento sobre a importância da literatura infantil na formação da identidade da criança-leitora. A partir dessa perspectiva, tomamos como objeto de análise o conto “Natal das crianças Negras”, de Cyro de Mattos. As articulações e relações entre a história, seus personagens e os elementos constitutivos do “realismo cotidiano”, mas precisamente dos contos exemplares, da literatura infantil, nos servirão de ponto de partida para a análise desse trabalho, baseada em pressupostos teóricos sobre: “gênero literatura infantil”, “realismo cotidiano” e “formação de identidade”. Assim exposto, nos parece que a ficção de Cyro de Mattos é o lugar que abriga o sentido da ficção, onde o texto se inscreve pela

1 Trabalho desenvolvido na disciplina Literatura Sul - baiana, orientado pela professora Reheniglei Rehem, no curso de graduação em Letras, UESC, 2014.

2 Graduandos de Letras, UESC, 2014.

necessidade de se trazer criticamente para o mundo infantil os problemas cotidianos por meio da linguagem imagética voltada para o público infantil.

Palavras - chave: Literatura Infantil; Realismo Cotidiano; Formação de identidade.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de uma pesquisa de abordagem qualitativa de cunho bibliográfico. Utilizou-se de seleção, leitura e fichamento da obra *Natal das Crianças Negras*, de Cyro de Mattos, considerado a partir das teorias e análises dos textos de Nelly Novaes Coelho referente a Literatura Infantil, além do uso de alguns pressupostos teóricos de Stuart Hall sobre identidade cultural.

O escritor por profissão Cyro de Mattos, nasceu em Itabuna (Sul da Bahia), sendo detentor de um vasto currículo, é: poeta, cronista, contista. Escreveu para crianças e adultos.

Trataremos a partir da perspectiva da construção identitária, na formação infantil, as articulações e relações entre os elementos constitutivos do “realismo cotidiano”, mas precisamente dos Contos exemplares, da literatura infantil, onde o sentido se inscreve no texto pela necessidade de trazer para o mundo infantil os problemas cotidianos.

Ao contrário de outras obras de Mattos destinadas a crianças, tais como, *O menino do Camelo* ou *O menino trio elétrico*, que contam também com a linguagem imagética, este conto especificamente privilegia apenas linguagem verbal, voltada para o público infantil. As produções caracterizadas pelo realismo maravilhoso no Brasil, geralmente, são destinadas apenas às crianças. Ressaltando a importância dessa tendência

dentro da Literatura, analisaremos traços inerentes à sociedade baiana, aspectos da realidade da população negra e pobre do país. Este conto, acerca do realismo cotidiano, tem a intenção de propiciar experiências sensíveis e inteligíveis ao público leitor, seja ele infantil ou adulto.

I- LITERATURA, REALISMO COTIADIANO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Os textos contemporâneos infantis possibilitam às crianças terem uma visão crítica do cotidiano em que estão inseridas. Em *Natal das Crianças Negras*, o escritor Cyro de Mattos mostra a dura realidade vivida por crianças negras de uma periferia. O autor inicia o texto dizendo: “Moravam no morro, a irmã era chamada de Bel, o irmão de Nel. Não rimavam com mel, muito menos com céu” (MATTOS, 2007, p.01). Este trecho, assim como o título, desperta para o leitor a criticidade social, já que a grande maioria das crianças do nosso país é negra, pobre e vive histórias muito parecidas com a das personagens Bel e Mel, que não moravam em castelos e nem nasceram príncipes ou princesas.

Através de uma linguagem simples e poética, Mattos mostra uma situação triste que está ligada ao cotidiano da realidade, sem a intenção de encerrar a história com um final feliz. Fator este que caracteriza a obra como um Conto exemplar, que segundo Nelly Novaes Coelho:

São narrativas breves, bastante frequentes na Literatura Popular e na Infantil. Registram situações retiradas, de preferência, do cotidiano e encerram uma moralidade, que se institui como exemplo de conduta. São, portanto contos realistas, na medida em que tencionam registrar acontecimentos familiares ou conhecidos dos leitores. (COELHO, 1991, p.162)

Nesse sentido, esta obra pode ser compreendida como *O Realismo Cotidiano*, o qual segundo Nelly Novaes Coelho (1993) subdivide-se em tendências, sendo elas: o Realismo lúdico, “obras que enfatizam a aventura de viver, as travessuras do dia-a-dia, a alegria ou os conflitos resultantes do convívio humano”; o Realismo Emotivo ou Humanitário, obras “que, atentas ao convívio humano, dão ênfase às relações afetivas, sentimentais ou humanitárias”; o Realismo Documental que são as “obras orientadas por uma intenção predominantemente informativa ou didática [...] incluímos nessa linha as biografias ou narrativas históricas” e o Realismo Crítico, obras “atentas à realidade social e cuja matéria literária é orientada ou filtrada por uma perspectiva político-econômico-social”. (coelho, 1993, p.139-140).

Destas quatro tendências daremos ênfase à última, citada anteriormente, isto por considerarmos que ela contempla a obra em análise. Os contos realistas Críticos não são permeados muito pela fantasia, mas estando no âmbito literário, tem o espaço para fluir a imaginação da criança, mesmo que despertem a criticidade. Além disso, há uma mudança na narrativa, que passa de segura a crítica, como mostra Nelly Novaes Coelho:

Acontece o experimentalismo com a linguagem, com a estrutura narrativa e com o visualismo do texto; substituição da literatura confiante/segura por uma literatura inquietante/questionadora, que põe em causa as relações convencionais existentes entre a criança e o mundo em que ela vive; questionando também os valores sobre os quais nossa sociedade está assentada. (COELHO, 1995, p. 63)

Sendo a literatura um dos muitos caminhos de aprendizagem para a criança, a obra analisada de Mattos objetiva se apropriar da verdade. A criança dependendo do momento, da experiência, das suas dúvidas, pode ter interesse por ler sobre um infinito de assuntos. Com linguagem fluida, Cyro de Mattos abordou dois temas principais, usou a comemora-

ção Natalina para falar da desigualdade social e racial. Ainda segundo Coelho (1991), analisando a natureza das obras literárias mais recentes, conclui-se que atualmente não há um ideal absoluto da Literatura Infantil (nem nenhuma outra espécie literária). Para a autora será “ideal” aquela que seja correspondente a uma necessidade profunda do tipo de leitor a que ela se destina, em consonância com a época que ela está vivendo. E afirma que:

A atual produção literária destinada a crianças e jovens, entre nós, apresenta três tendências mais evidentes: a realista, a fantasista e a híbrida. O que talvez seja novo em qualquer delas é a busca de sua identidade cultural, em que o Brasil contemporâneo esta empenhado. (COELHO, 1991, p. 264)

Nessa perspectiva, quando falamos de identidade estamos nos referindo aos conceitos de cultura que se torna essencial na construção do indivíduo. Resultado que depende das relações sociais construídas por cada grupo. Sobre isto, Stuart Hall (1999) fala da construção identitária na concepção de identidade sociológica, a noção de sujeito esta subordinada à interação entre o sujeito (interior) e a sociedade (exterior). A identidade não se fechava nela mesma, não é autônoma e independente, mas sofre influência de outros significados, “O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 1999, p.12). É dessa forma de pensar o sujeito que emerge a noção pós-moderna de identidade: a formação da identidade do sujeito na concepção pós-moderna também se dá a partir da relação do indivíduo e sua cultura. Ao mesmo tempo, a identidade deixa de ser algo fixo ou essencial, mas sim provisória e variável, ao passo que está submetida a constantes

mutações, de acordo com as formas que nos representam nos sistemas culturais que nos cercam, na medida em que não é dada e nem descoberta, mas sim criada e inconstante.

Com linguagem fluida, Mattos usou a comemoração Natalina para falar da desigualdade social e racial. Nesse conto a literatura infantil tem o papel de apresentar o olhar do outro, caracterizar um mundo real vivido pela grande maioria das crianças negras e pobres no país em que vivemos que não se reconhecem na cultura europeia, rica e branca, mas que também crescem desconhecendo a cultura e os problemas sociais do país onde vivem. Vai apresentar uma nova vertente, buscando identificar e representar a realidade dessas crianças marginalizadas, que moram em favelas e também necessitam construir sua própria identidade.

Escrever dentro da perspectiva do *Realismo Cotidiano* para crianças é complexo, pois é muito mais prático e prazeroso ver os problemas serem resolvidos em um “passe de mágica”, diferente do *Realismo Maravilhoso*, esta outra forma de escrita nem sempre soluciona os problemas, não trabalha com satisfação de ver os desejos difíceis serem conquistados. Mattos apresentou ao mundo infantil personagens, espaço e problemática retirados da realidade comum, conhecida por todos nós, entretanto quando ele leva esse cotidiano para o livro e o torna uma história infantil, o autor faz com que o olhar dos pequenos se volte com mais atenção: a história se passa em lugar concreto onde pode ser prontamente reconhecido, bem como suas personagens que passam pelos problemas gerados pela necessidade de adaptação da criança ou do jovem ao mundo adulto. Conscientiza os pequenos leitores quanto ao Brasil no qual eles estão inseridos, leva-os a um problema urbano e social agudo: a desigualdade econômico-social.

No conto podemos evidenciar uma situação de confronto de realidades quando Bel e Nelas enfrentam, sentem emocionalmente a falta do presente de natal, mesmo tendo escutado no dia anterior a música que alegremente dizia: “Seja rico, seja pobre, seja branco, seja preto, não se esquece de ninguém” (MATTOS, 2007, p.01). O conflito é gerado quando eles passam a acreditar na possibilidade de ganhar presentes, se identificaram com a música, que igualaram ricos e pobres, quanto aos presentes natalinos. A obra deu lugar rapidamente ao *Realismo Maravilhoso* representado por Papai Noel e seu mundo encantado, que atende aos pedidos de todas as crianças no Natal.

Além da música, as personagens Bel e Mel, se encantam com o clima natalino: com a imagem do velhinho de bochechas rosadas na televisão e pela alegria expressa no rosto das pessoas. Esquecem-se da sua realidade, esquecem que são de uma família de origem pobre e acreditam que receberão os presentes desejados ao colocar na janela de casa seus sapatos. Voltamos à perspectiva do *Realismo Cotidiano* quando as crianças percebem que não foram presenteadas e seus sapatos estão no mesmo lugar em que foram deixados. Nesse projeto de “narrativa realista”, pode-se dizer que os leitores e histórias inseridas no *Realismo Cotidiano* estão prontos para encarar, diga-se “sem ilusões”, os problemas que encontrarão mais tarde em suas vidas.

A formação baseada na fantasia e na realidade, no maravilhoso e no cotidiano, sedimentando as significações e representações culturais, à medida que estas se multiplicam, são necessárias para sedimentar a criticidade nas crianças. Como elucidada Stuart Hall:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação

e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente. (HALL, 1999, p. 13).

II- IMAGINAÇÃO E LEITURA

Geralmente, quando lemos um livro ou quando alguém conta uma história, podemos imaginar a cena escrita ou ouvida. Ela sempre será diferente de pessoa para pessoa. Cada um tem o seu arquivo de imagens e cria, de acordo com sua sensibilidade, o visual imaginário. Existem muitas coisas além do que a visão alcança e só é possível chegar até elas pelas vias do imaginário: ser levada pela narrativa da história ao tempo e lugar no qual ela está se passando, ter a sensação de ter conhecido pessoalmente a personagem ou intimamente sua história, por exemplo, são construções dessa imaginação, principalmente nas obras que não são compostas de linguagem imagética. Wolfgang Iser vai falar sobre a “imaginabilidade”:

Implica suplementar uma realidade com uma possibilidade, o que parece contradizer a relação, reiterada pela experiência, de realidade e possibilidade; relação que no faz crer que as possibilidades apenas existem em relação a realidade e vice-versa. [...]. Mas, como as realidades, por sua vez, são construtores não podem ter-se originado de si próprias. A interação de fictício e imaginário revela, portanto que as realidades referenciais do texto, por resultarem de possibilidades, são novamente nestas decompostas, liberando outras possibilidades que servem a produção de outros mundos. (ISER, 1996, p.270)

Assim visto, *Natal das Crianças Negras* é uma leitura que oferece essa experiência a partir das descrições narrativas, tais como: “Roupas coloriam as pedras [...] Pessoas entravam e saíam da loja, embrulho nas mãos. Gente adulta examina os brinquedos nas prateleiras” (MATTOS, 2007, p.01). Solicita a

participação do pequeno leitor para que este exercite suas capacidades de construções imagéticas através da leitura. Ambas as funções são complementares e fundamentais para a concretização da leitura. Em outras palavras, a leitura do livro infantil já é por si só um exercício de criatividade, pois a criança deve não apenas completar, mas montar sua própria história conforme seu momento de vida.

O texto e a imagem fornecem informações diferentes da mesma narrativa e esta interação gera múltiplas divisões de leitura. Nessa construção da leitura, a identidade da criança vai se sedimentando, definiu bem Culler:

A literatura não apenas faz da identidade um tema; ela desempenha um papel significativo na construção da identidade dos leitores. O valor da literatura há muito tempo foi vinculada às experiências vicárias dos leitores possibilitando-lhes como é estar em situações específicas e desse modo conseguir a disposição para agir e sentir de certas maneiras. As obras literárias encorajam a identificação com os personagens, mostrando as coisas do seu ponto de vista (CULLER, 1999, p. 110).

Podemos dizer que a memória de tudo que vemos, lemos e vivenciamos são elementos constituintes do sentimento de identidade, tanto individuais como coletiva, na medida em que eles são também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa em sua (re)construção de si. O importante é que a literatura infantil leve a criança a criar o seu texto, sua história e nela possa utilizar todos os seus voos de imaginação de criança para compreender o mundo “adulto” no qual vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confiamos na importância de escrever obras designadamente ao público infante / juvenil, de forma que ela seja compreensível, pois na criança o conhecimento da realidade se dá através do sensível, do emotivo e da intuição, ela ainda não tem uma formação psicológica crítico-social para reconhecer a partir da inteligência intelectual.

A obra literária trabalhada traz como protagonistas duas crianças negras que moram em uma periferia, expõem o cotidiano delas e as dificuldades que a condição social na qual estão inseridas lhe traz. Diferente da grande maioria da literatura infantil fantástica, que é composta de personagens brancas e têm aspectos da cultura eurocêntrica, percebemos o valor das problemáticas trazidas pelo *Realismo* para a formação cultural da criança: imprescindível, ele prepara psicológica-emocionalmente a criança para viver no “mundo real”.

A experiência de leitura das teorias voltadas para a Literatura Infantil nos mostrou que uns dos direcionamentos para que a criança entenda seu espaço como leitor é fazê-lo entender que, em textos literários, sempre irão aparecer confrontos que o obrigará a fazer escolhas para concretizá-las em seu cotidiano e a partir daí, construir sua identidade de leitor eficaz com capacidade de tomar decisões que lhe sejam favoráveis por toda sua existência, assim o livro infantil contemporâneo é um convite aberto ao inesgotável trabalho de atribuição de sentido e de interpretação do mundo e da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Nely Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX**. 4. ed. São Paulo: Ed.USP, 1995.

_____. **Literatura Infantil – Teoria, Análise e Didática**. Editora Ática, 5ª ed, 1991.

CULLER, Jonathan, **Teoria literária: uma introdução**. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Editora34, 1996. Vol. 1

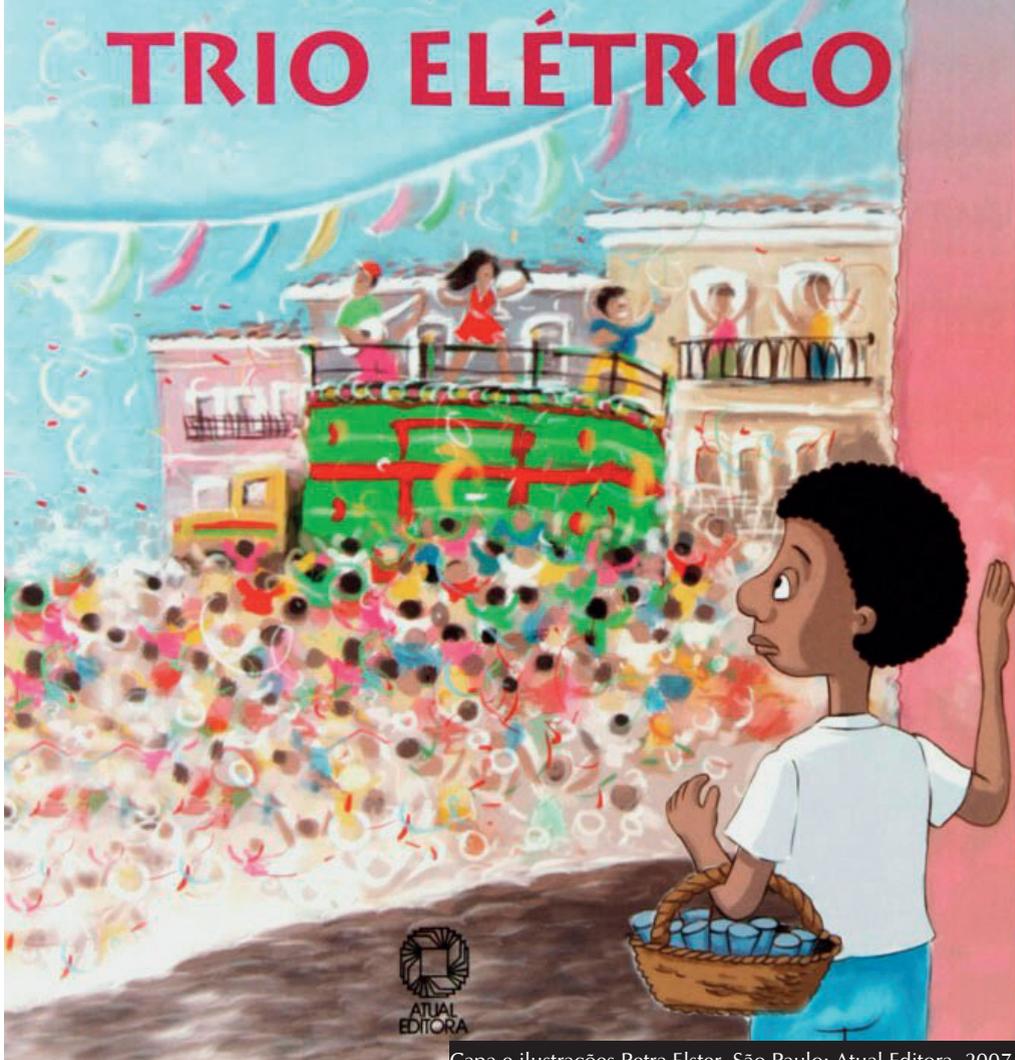
HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 1999. 1

MATTOS, Cyro de. **Natal das crianças negras**. Brasília, DF: LGE Editora, 2007.

CYRO DE MATTOS
Ilustrações: Petra Elster



O MENINO E O TRIO ELÉTRICO



ATUAL
EDITORA

Capa e ilustrações Petra Elster, São Paulo: Atual Editora, 2007.

O MENINO E O TRIO ELÉTRICO: O VERBAL, O IMAGÉTICO E O CULTURAL EM CYRO DE MATTOS¹

Josanne dos Santos Afonso

Leandro Souza Borges Silva

Luciano Rodrigo Dias dos Santos

Rute Praxedes dos Santos Korol

Tiago Calazans Simões²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo evidenciar marcas da cultura baiana na obra *O menino e o trio elétrico*, de Cyro de Matos, buscando estabelecer uma ponte entre as ilustrações e o realismo presente no texto a partir de elementos visuais (imagéticos), que mantém constante relação com elementos textuais (verbal) da obra. Nesse sentido, torna-se necessário a averiguação dos motores que possibilitam essa relação, constituindo assim uma análise imagético-textual do objeto a ser analisado. Nesse contexto, ainda serão considerados fenômenos que identificam o resgate das tradições africanas como aspecto motivador na formação da identidade da criança leitora. Para isso, trabalharemos

1 Trabalho realizado na disciplina Literatura Sul - baiana, do curso de Letras da UESC, sob a orientação da professora Reheniglei Rehem, 2014.

2 Graduandos de Letras, UESC.

com os pressupostos de Nelly Novais Coelho. Assim visto, a metodologia desta pesquisa bibliográfica será desenvolvida por meio de leitura, fichamento e análise dos textos literários e teóricos. Espera-se mostrar neste estudo as contradições sociais, as relações humanas e a valorização da cultura afro-descendente presentes nestes livros de Cyro de Mattos.

Palavras - chaves: Literatura infantil; Cultura baiana afro-descendente; Imagem.

INTRODUÇÃO

O fenômeno da literatura, tida como uma das manifestações artísticas mais nobres do ser humano tem sido, desde a antiguidade, objeto de estudo e análise de inúmeros pensadores, pesquisadores e cientistas de áreas distintas. De fato, as nuances fronteiriças que a literatura alcança ultrapassa os campos disciplinares, pois todo ato de produção humana implica escrita, organização, transmissão e estilo. A Literatura, então, se entrelaça com as áreas de saber e os interpreta, explica e a elas se funde, resultando de uma produção histórica rica em cultura, conhecimento e ciência.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar uma manifestação específica da literatura, que carrega em sua gênese características particulares, relaciona-se com a principal etapa de desenvolvimento do ser humano e, por isso, demanda uma série de procedimentos analíticos submetidos a repetidas leituras e exames. A Literatura Infantil, muitas vezes tida como atividade de pouca importância, configura-se historicamente como gênero literário e possui a especificidade que lhe dá caráter literário e tipológico, pois possui aspectos distinguíveis dos outros gêneros e com eles mantêm relação.

Partindo da premissa de que os fenômenos literários estão longe de serem ferramentas de entretenimento e distração, sendo também identificados como ferramenta social, histórica, psicológica e científica, o presente artigo se caracteriza como uma pesquisa do curso de Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz, produzida na disciplina literatura Sul - baiana, ministrada pela professora Reheniglei Rehem, no curso de graduação em Letras, da Uesc. Nesse enfoque, o objeto a ser estudado é o livro de literatura-infantil do escritor baiano Cyro de Mattos, *O Menino e o Trio Elétrico*.

Neste livro, Cyro de Mattos narra a estória de Chapinha, menino negro, pobre e cabisbaixo que mora em Salvador. Chapinha trabalha todos os dias, vendendo amendoim para ajudar no sustento da casa, onde moram sua mãe e sua avó. O garoto, como toda criança de sua idade, tem um sonho, o maior desejo de Chapinha é participar do carnaval, dançando as músicas agitadas, pulando ao som dos cantores e aproveitando a folia. Porém, essa possibilidade é materializada sobre o abadá, vestimenta que garante o acesso livre a festa. O nó da história se inicia quando o menino se dá conta de que carnaval e abadá são coisas que requerem dinheiro, e dinheiro nas palavras do garoto é coisa de gente rica, de branco estrangeiro que vem de fora para curtir a comemoração, como diz Rios (2012):

Em *O menino e o trio elétrico* (2007), Cyro de Mattos apresenta uma personagem pobre e contemporânea que sonha em participar da festa do carnaval em Salvador, saindo em um bloco famoso. A narrativa extrapola a temática da perseverança para realizar sonhos, ao denunciar diferenças econômicas e sociais (RIOS, 2012, p. 137).

A narrativa decorre des variadas tentativas de Chapinha em conseguir o abadá, entre essas tentativas, Cyro retrata o cotidiano da cidade, os costumes, a tradição e a religião, ao mesmo

tempo em que narra, sobre a visão do menino, a desigualdade, a miséria e as injustiças ao redor. Chapinha e a sua família depositam sua fé nos orixás, a presença dessas divindades se faz presente no enredo e se constitui como agentes místicos que influenciam na vida das personagens. Desse modo, o objetivo da presente análise é encontrar elementos que evidenciem o resgate das tradições populares e por meio da averiguação detalhada, desvendar os veículos imagéticos e textuais – próprios do gênero da Literatura Infantil – que evidenciem aspectos da mitologia africana. Portanto, além das premissas já descritas, se faz necessário a averiguação dos efeitos psicológicos e mentais da literatura infantil, bem como as maneiras de realizá-las.

Para isso será utilizado como referência teórica os pressupostos estipulados por Nelly Novaes Coelho. Segundo Coelho (1991), na literatura infantil existem seis tendências contemporâneas, que são: a do Realismo Cotidiano, a do Realismo Mágico, a do Maravilhoso, a do Enigma, a da Literatura Imagística e a da linha experimentalista. Nesse estudo daremos uma atenção especial ao Realismo Cotidiano, essa tendência tem por objetivos testemunhar o mundo em seu dia-a-dia, relatar costumes, hábitos e tradições populares, preparando a criança para os acontecimentos da vida.

A metodologia utilizada nesse trabalho é a de análise literária pautados na identificação dos elementos do Realismo Cotidiano, utilizando-se do recorte dos principais trechos do livro que evidenciem tais elementos e, por meio do referencial teórico de Coelho, correlacionar objeto teórico e literário a fim de fazer a confluência entre ambas. Assim, o modo de operação na construção do presente artigo foi de leitura, análise literária, identificação das características estilísticas do Realismo Cotidiano, recorte dos trechos relevantes que denotem a representação da cultura e a breve descrição dos recursos imagéticos e textuais que destaquem tais características.

Cyro de Mattos apresenta para o universo infantil o real sentido da cultura baiana mostrando, com uma linguagem apropriada e o uso de ilustrações, as diferenças sociais, as dificuldades, anseios, reflexões e rotina de uma criança sonhadora. Sob entendimento, esta pesquisa aponta para futuras abordagens acerca da literatura infantil, sobre o viés do ensino nas escolas, serve de subsídio para profissionais e interessados em questões literárias, culturais e pedagógicas.

I- O MENINO E O TRIO ELÉTRICO: CONTO DE “REALISMO COTIDIANO”

Sabe-se que a literatura infantil é tida como gênero específico, cujas características comportam elementos apropriados para crianças. No caso analisado, no que concerne às características estruturais, “O Menino e o Trio Elétrico” configura-se em linguagem simples e narrativa sumarizada que abarcam aspectos da coloquialidade, revelando-se pelo modo como o autor implícito conta a história, relatando ao leitor as variedades humanas e culturais que adentra o plano narrativo.

No que concerne aos aspectos intratextuais – tido aqui como a história narrada, no plano da diegese –, percebe-se as intenções do autor em salientar e explicitar a desigualdade presente na região soteropolitana, personificada sobre a imagem de Chapinha, garoto pobre e negro, vendedor de amendoim ambulante, que sonha em participar do carnaval. Hora, através disso, nota-se a dificuldade eminente que se tem em participar desse evento anual, pois, sendo que essa possibilidade recebe a denominação abstrata de sonho, fica eminente a impossibilidade de materializá-lo. Desse modo, a intriga principal da estória decorre-se nas tentativas frustradas de Chapinha em comprar

um abadá, sua porta de acesso à festa: “Só com grana é possível comprar o abadá e sair por aí pulando e cantando, todo animado no bloco. A festa só acontece para quem tem dinheiro, muita grana para beber, pular e fazer da vida curtidão pura”. (MATOS, 2007, p. 7- 8).

O relato da pobreza, do cotidiano, dos costumes e da precariedade que se instala em vários lugares da cidade – principalmente no ambiente que a personagem principal reside – tem denominação específica e tem-se revelado tendência estilística predominante na criação literária de muitos autores brasileiros. Desse modo, a acepção adotada na presente análise se apóia na concepção de literatura contra hegemônica e denunciativa, característica do tipo de produção que abre mão dos requisitos canônicos de uma corrente idealística eurocêntrica. Essa corrente estilística, segundo Coelho (1991), está situada no cotidiano, compondo obras atentas à realidade social, cuja matéria literária é orientada ou filtrada por uma perspectiva político-econômico-social.

Compreendendo que o Realismo Cotidiano é um novo elemento no gênero da literatura infantil, se faz necessário discorrer sobre os propósitos que essa tendência justifica e analisar os efeitos psicológicos que elas suscitam. Nelly ressalta que a leitura exerce forte poder sobre a criança, longe de ser ferramenta apenas para fins lúdicos, é possível averiguar os efeitos que a interação com o livro suscita na contribuição construtiva da identidade da criança e auxilia, assim, na sua interpretação do mundo e das pessoas que convivem ao seu redor. Assim sendo, compreende-se que:

[...] através do literário, dá-se o conhecimento da consciência-de-mundo [...] para que essa importante assimilação se cumpra, é necessário que a leitura consiga estabelecer uma relação essencial entre o sujeito que lê e o objeto que é lido. (COELHO, 1991 p. 45-46).

O processo de interação entre o menor e o livro apenas é efetivo se houver, como fruto dessa interação, a constituição da “consciência de mundo”, que se revela sobre o modo como a criança enxerga os fenômenos sociais que acontecem ao seu redor. Nota-se, então, que os efeitos da leitura sobre a criança exercem força motriz na sua formação enquanto sujeito que pertence a uma cultura e, por isso, precisa se adaptar a ela e submetê-la uma “leitura”, reconhecimento ou interpretação. Desse modo, pode-se observar que Cyro de Mattos constrói uma literatura de representação das minorias, no qual ultrapassa os objetivos de mostrar a tradição para abarcar, no contexto-geral, a dura realidade implícita no cotidiano do meio urbano.

Além disso, se faz pertinente observar que as características estilísticas discutidas em questão contribuem para o conhecimento das várias culturas na qual estão inseridas a humanidade. Por exemplo, por meio da leitura de “O menino e o trio elétrico”, a criança oriunda de família de grande poder aquisitivo, cuja tradição herdada muito se diferencia da tradição popular, irá reconhecer que existem realidades e situações muito diferentes das suas, contribuindo, assim, para sua conscientização.

Os mecanismos e ferramentas, que Mattos se utiliza para consolidar sua narrativa em *O Menino e o Trio elétrico*, são próprios do gênero, a saber, a da utilização de ilustrações. É visível o valor que as crianças atribuem às imagens, são elas responsáveis por atraírem os menores para as histórias, consolidando assim uma íntima relação, pois raramente vêem-se garotos e garotas que aceitam ler um livro sem que este tenha imagens que representem as personagens, os lugares e as ações. Novaes (1991) salienta que histórias curtas, feitas a partir de fatores imagéticos e textuais, é próprio do gênero infantil e adequa-se ao momento na formação psicológica da criança, que está propensa a estabelecer uma relação direta – e também indireta – entre

o verbal e o visual. Assim, pode-se chegar a conclusão de que a relação do texto com a imagem:

Concretiza relações abstratas que, só através da palavra, a mente infantil teria dificuldade de perceber. [...] Se elaborada com arte ou inteligência, a imagem aprofunda o poder mágico da palavra literária e facilita à criança o convívio familiar com os universos que os livros lhe desvendam. (COELHO, 1991, p.181)

A utilização da imagem em textos destinados às crianças surgiu da consolidação da literatura infantil como ferramenta pedagógica, a ser utilizada nas instituições educacionais de ensino e orientação, com o objetivo de facilitar o aprendizado do menor. Um dos precursores desse método foi Aucher, notório pedagogo que, conforme Coelho (1991, p.171-172), procurou o meio mais imediato e direto para um trabalho que atingisse mais fundo as crianças; que liberasse suas potencialidades e as orientasse para atividades em que se engajassem, livremente e por inteiro.

Com o propósito de iniciar uma prática que facilitasse a interação do educando com o aprendizado, a Escola Nova reconhece os efeitos cognitivos que a leitura e a imagem despertam no neófito e começa por elaborar projetos didáticos que atendem a essa expectativa. Nesse sentido, Coelho (1991) complementa que esse convívio com a imagem, associada à palavra nomeadora, facilitará a operação mental que identifica a percepção visual e a palavra correspondente.

As ilustrações contidas em *O Menino e o trio elétrico* se distribuem no livro e mantêm íntima relação com as ocorrências narradas no texto. Não apenas isso, as imagens mantêm íntima relação com os aspectos culturais e cotidianos de Chapinha, que faz parte da religião de matriz africana, o candomblé. Percebem-se também os objetivos das ilustrações em mostrar os cos-

tumes predominantes na região sul da Bahia como as comidas, as tradições, religiões, crenças e costumes:

Prometeram a Cosme e Damião que o caruru deles daquele ano ia ter como complemento não só caramelos, galinha, feijão preto, arroz branco, vatapá, farofa de dendê, mas também acaçá, banana frita, rolete de cana, bolo, doce, sem esquecer o abará e o acarajé, pratos tópicos da cozinha baiana. (MATTOS, 2007, p.22)

Nota-se assim, mais uma vez, o caráter representativo e contra canônico que esta obra de Cyro de Mattos estabelece, quebrando tabus e conceituando a religião africana como parte fundamental da estória. O autor, por meio do auxílio do ilustrador, faz uso de recursos imagéticos e visuais, a fim de facilitar e aproximar a compreensão do pequeno leitor sobre aquilo que ele lê. Nota-se que as figuras, coloridas e diversas, retratam com precisão aquilo que é narrado, estabelecendo uma relação entre texto e imagem. Na página 13, por exemplo, o narrador descreve e identifica os Orixás, e logo no rodapé da página, vêem-se as ilustrações desses Orixás com suas cores, características e nuances singulares. Desse modo, o livro estabelece um forte diálogo entre recursos verbo - visuais:

Assim tomava conhecimento das coisas por intermédio da doçura de Oxum, da bondade de Oxalá, das adivinhações de Ifá, da justiça de Xangô, da coragem de Ogum, da grandeza de Iemanjá, das espertezas de Exu, da esperança de Ossanha, das conquistas de Oxóssi, da compreensão de Nana Burucu, das curas Omolu, das brincadeiras de Cosme e Damião. (MATTOS, 2007, p. 13).

No objetivo de relatar uma religião, um costume e uma crença, Cyro de Mattos o faz de tal maneira que põe de lado todos os atos e enunciados preconceituosos feitos às religiões de matriz africana. Nesse sentido, a criança que pertence à religião em questão sente-se representada, valorizada e citada, o que

contribui na formação de sua identidade e solidificação de sua autoestima. Além disso, contribui para aquilo que aqui chamaremos de intercâmbio cultural entre as classes e nações, pois, como afirma Coelho:

[...] estórias de crianças de diferentes raças, apresentando (pelo texto e ilustrações) caracteres físicos, terras, ambientes, costumes e épocas diferentes, a fim de levar a criança a conhecer algo além de sua realidade comum, a comprovar valores, a situar-se no mundo diversificado que ela encontrará logo mais, ao crescer... (COELHO, 1991, p.175)

Ora, compreendendo a atual conjuntura social em que vivem as nações e classes do mundo, e sabendo da necessidade de uma política cada vez mais abrangente e igualitária, os aspectos descritos trabalham em favor de uma verdadeira ação que se opera a favor da tolerância e respeito entre as diferenças. Desse modo, a leitura empreendida com fins pedagógicos se utiliza de tais mecanismos para fundar na mente do menor, acepções de alteridade, respeito, representação, diversidade, multiculturalismo e história. Mattos tece, também, uma sucinta crítica ao carnaval de Salvador, ao fazer isso, por meio de um material destinado às crianças, o autor desperta no leitor o espírito crítico e contribui para a desmistificação da imagem exuberante do carnaval. De início, Cyro de Mattos estabelece o contraste presente na comemoração, primeiro descreve o glamour da festança e, em conjunto com o texto, posta as imagens que expressam o colorido, a alegria, a dança, os trios e cantores:

O trio elétrico impressionava a quem assistia à passagem dessa máquina de fazer alegria. Arrastava os foliões pela avenida numa onda embalada por um ritmo vibrante, levando todo mundo ao delírio. Dali em diante, Chapinha pensou em comprar seu abadá, para sair num desses blocos que o trio elétrico vai puxando durante o carnaval de Salvador. (MATTOS, 2007 p.2).

Posteriormente, o escritor estabelece a contradição ao descrever a frustração de Chapinha perante o carnaval de exclusão, exploração, com fins lucrativos e mercantis:

De uns anos para cá, parece até que o carnaval de Salvador virou festa de branco, e de branco rico, que vem de fora da Bahia e do estrangeiro. [...] “Pobre não tem dinheiro para curtir a folia, é essa a realidade, desigual mas verdadeira, oprime muita gente”, pensa Chapinha. (MATTOS, 2007 p. 7-8).

A imagem que consta na capa do referido livro mostra a personagem Chapinha com o semblante triste e reflexivo ao olhar para a folia. No decorrer Da narrativa é comum ver ilustrações do garoto Chapinha triste e desolado com a dura realidade. Em consonância com o texto, essas imagens operam a favor do reconhecimento do leitor em relação à situação da personagem, que reflete a de muitos cidadãos de baixo poder aquisitivo, conforme aponta Camargo (1998):

[...] a ilustração pode comunicar um sentimento, uma emoção. Estes podem ser expressos principalmente através de movimentos e expressões faciais de personagens, e pelos recursos gráficos que passam a transmitir certos sentimentos. (CAMARGO, 1998, p. 36).

O autor, dessa maneira, põe em pauta as contradições e contrastes do carnaval soteropolitano e as imagens trabalham em favor disso, mostrando as ações das personagens, os lugares, alegrias e tristezas de uma classe desprivilegiada. Ora, ao averiguar o Realismo Cotidiano, a quebra de estruturas canônicas, a descrição da cultura africana, a representação do jovem negro e a função psicológica que a imagem exerce, é pertinente retomar o papel pedagógico que a literatura-infantil vem ocupando nos espaços escolares e domiciliares do mundo. A proposta que aqui pretendemos ressaltar é de que a cultura negra, as minorias

e a população sejam representadas e debatidas em sala de aula, a fim de formar cidadãos conscientes e reivindicadores de sua condição participativa, democrática e igualitária na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o que foi analisado, é possível compreender que a Literatura Infantil é um gênero cuja especificidade lhe atribui características próprias que se formaram com o tempo. Sobre o viés estilístico do Realismo Cotidiano, Cyro de Mattos constrói a estória adequando-a para os pequenos que irão, futuramente, compor e atuar na sociedade em que vivem. Ora, partindo dessa premissa, percebe-se a importância inquestionável da Literatura Infantil enquanto ferramenta pedagógica a ser utilizada nas escolas, pelos professores, e nas residências, pelos pais. Quanto ao caráter social e crítico que Mattos constrói em seu livro, fica evidente a importância que essa iniciativa tem, pois ao representar uma população marginalizada pela sociedade, discriminada e segregada pela elite, o autor estabelece uma cisão com as estruturas pré-estabelecidas para o gênero, rompendo com dogmas e pressupostos eurocêntricos da elite conservadora.

Como foi observado, o uso de imagens e textos breves é utilizado por Cyro de Mattos neste seu livro como recurso de escrita para que são para as crianças a melhor forma de entendimento e interpretação do que é lido. Recursos imagéticos, relacionados aos verbais, formam um todo que a mente infantil sincretiza com mais facilidade e prazer. Desse modo, isso serve de alerta para alguns equívocos que podem ser cometidos no processo de educação da criança, os menores não sentem afinidade com textos longos, livros grossos e palavras complicadas. É necessário treiná-los para leituras mais densas e longas; a esse processo

de transição. Coelho (1991) ressalta que “se atendermos às exigências de cada fase, a criança passará, do interesse espontâneo pela linguagem visual imagética, pelo interesse mais profundo pela linguagem escrita”. Isso significa que se o período de dependência da imagem for violado, a criança pode adquirir aversão à leitura pelo resto da vida, dificultando seu aprendizado e desenvolvimento cognitivo.

A imagem de Chapinha, uma criança negra, como foi dito, contribui para a luta intensa contra o preconceito numa sociedade que se diz democrática, mas que coopta, consciente ou inconscientemente, com estereótipos e discriminações de todo tipo. Assim, nota-se a importância que produções como *O Menino e o Trio Elétrico* passam a ter na construção mental e cidadã das crianças nas escolas do país, servindo como objeto de entretenimento, ao mesmo tempo em que funciona como instrumento pedagógico.

Mattos retrata a cultura Africana com maestria no livro aqui analisado, isso devido ao gênero no qual a história foi escrita, apresentando ao pequeno leitor as tradições, costumes e crenças oriundas da cultura Africana e que hoje se mesclam a cultura brasileira, resultando numa cultura rica, singular, diversificada e que se tornou presente em todo território nacional, a cultura Afro-brasileira.

Portanto é crível e animador que obras do gênero infantil, com enfoque nas causas sociais e na denúncia das desigualdades tenham se tornado presente no campo nacional e internacional. Esse fenômeno, passível de sistematização e análise, prenuncia novos tempos. Longe de estipular possibilidades irreais e utópicas, o empreendimento da educação visa possibilidades concretas e verdadeiras, que são frutos do conhecimento adquirido com a história e que objetiva não o progresso pelo progresso, como preconiza a ideologia capitalista, mas o progresso intelectual, político e cultural do ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, Luis. **Ilustração do livro infantil**. 2 ed. Belo Horizonte: Lê, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 5. ed. rev. São Paulo: Ática, 1991.

MATTOS, Cyro de. **O menino e o trio elétrico**. São Paulo: Atual, 2007.

RIOS, Normeide da Silva. **Os caminhos da literatura infanto - juvenil baiana**: em sintonia com o leitor. Salvador: EDUFBA, 2012.

Cyro de Mattos

Vinte Poemas do Rio



Palimage
Imagem Palavra

VINTE POEMAS DO RIO, DE CYRO DE MATTOS: PALAVRAS DE EXALTAÇÃO POÉTICA¹

Petronilo Souza da Silva Neto
Rafaela Andrade dos Santos²

Publicada pela Editora Palimage, a obra bilíngue *Vinte Poemas do Rio* (2005), de Cyro de Mattos, apresenta uma coletânea de poemas originalmente publicados em 1985, que são certamente memórias acerca do rio Cachoeira. Com tradução para o inglês, feita pelo poeta e tradutor de poesia Manuel Portela, o livro consuma-se como um percurso fiel pelas margens e na profundidade de um rio que vive, dá vida e viverá, senão pela persistência, certamente pelas palavras que tão entusiasmadamente o canta.

Vinte Poemas do Rio inicia-se, pois, com o prefácio de Graça Capinha – “*Tão ser tão pedra tão água*” – que primeiro apresenta, ao leitor, como conheceu o poeta e, no decorrer de sua descrição, explica brevemente sobre as qualidades técnicas de alguns dos poemas contidos na obra.

Do ponto de vista da organização, o livro traz dois índices, um para cada língua, e estrutura-se desde a folha de rosto em torno da ordem tradução/original dispostas em páginas diferen-

1 Trabalho orientado pela professora Reheniglei Rehem, no curso de Letras, literatura Sul - baiana, UESC.

2 Graduados em Letras, UESC, 2013.

tes. Os vinte poemas que justificam o nome do livro são respectivamente: *Rio Definitivo*, *Canção Ribeirinha*, *O Aguadeiro* (I, II), *Lavadeiras* (I, II), *O Areeiro* (I, II), *Canoa*, *Ao Rio*, *Rio Morto*, *Soneto do Retorno*, *Soneto do Rio Cachoeira*, *Diante do Rio*, *O Menino e o Rio*, *Águas*, *Poema Branco*, *Pescador*, *Anotações sobre o Rio* e *Rio Enigma*. São todos, obviamente, sobre o rio-protagonista e concentram-se ora em cantar as memórias íntimas que ele evoca, ora em evocar as personagens emblemáticas que nele “cantam”.

Ao fim, a seção *A Crítica* encerra a obra com - como o próprio nome já sugere - a opinião e apreciação de poetas, romancistas, críticos, ensaístas e professoras acerca da produção de Cyro de Mattos. São todas palavras de exaltação àquele que se propõe a exaltar o “rio com seus remansos”. Claro, não podia ser o desfecho mais pertinente.

Cyro de Mattos é um renomado contista, poeta, cronista, ensaísta, autor de livros infantis e organizador de antologias. Nasceu em Itabuna, em 31 de janeiro de 1939. Atuou como advogado. Trabalhou como jornalista na imprensa do Rio de Janeiro. Já publicou 38 livros. Possui 50 prêmios literários nacionais e internacionais, e, entre eles, o Prêmio Nacional de Ficção Afonso Arinos, concedido pela Academia Brasileira de Letras para o livro *Os brabos*, o Prêmio Nacional Ribeiro Couto da União Brasileira de Escritores, Rio de Janeiro, para livros inéditos por seu *Cancioneiro do cacau* e o Segundo Prêmio Internacional Maestral e Marengo d’Oro, Gênova, Itália.

Naturalmente, só mesmo alguém com tão vasta produção e experiência poderia ter escrito algo como *Vinte poemas do rio*. A razão? Óbvio. O livro nada mais é que uma correnteza de palavras doces, potável à máxima potência. Bastante clara em sua proposta e execução – desde o título simples, mas extremamente significativo – à obra é autoconsciente. Isto é, o poeta

soube o que fazer com suas palavras, suas lembranças, histórias e vozes em redor. Tudo faz parte de um show comum e uno, sem fragmentos nem desvios para além daquilo a que se propõe. Pelo contrário, aliás, desde o leito ao desaguamento o “rio” de Mattos é todo, curvas e formas de um só caminho.

Mesmo quando o foco parece ser o areeiro ou a lavadeira, na verdade é o rio, aquele que os movimenta, que os impulsiona, que corre e leva consigo “pessoas-peixe e meninos-piratas”. É assim que o livro segue todo o tempo. Concentrado em seu foco mesmo que focalizado de diferentes formas e sob diferentes perspectivas. E isto é, irremediavelmente, um ponto favorável, pois algo que poderia se tornar enfadonho e repetitivo, ganha fôlego novo a cada página. É, portanto, um rio literariamente bem “oxigenado”, no sentido de que as palavras e poemas trazem sempre frescor novo a um tema que poderia ficar gasto nas primeiras leituras.

A escolha e disposição das composições também merecem destaque, pois se trata claramente de poemas dispostos numa ordem bem pensada – o que retoma a inquestionável ideia de que o livro é, mesmo, autoconsciente –, formando a partir de histórias, uma história completa, como se os poemas fossem na verdade capítulos e a poesia um pretexto para a prosa.

Nesse aspecto, destacamos os poemas *Rio Definitivo* e *Anotações sobre o rio*, não por acaso o primeiro e o antepenúltimo da obra; ambos são retratos de uma história e sem dúvidas partes importantes do álbum que na verdade é o *Vinte poemas do rio*. Afinal, ao ler os poemas a impressão que se tem é a de estar folheando páginas de um álbum onde as fotografias são feitas não de pixels como se vê atualmente, mas de palavras: a unidade mínima dos versos.

Em *Rio Definitivo*, por exemplo, há a consumação antecipada de um rio que para sempre bastará ao poeta por ter sido

antes uma “ilha com tesouro guardada por fantasmas”, lugar das lavadeiras com suas “cantigas coloridas de roupas” e areiros “com jumentos levando manhãs de argamassa”. Em suma, o primeiro poema é uma fotografia onde as personagens que mais à frente receberão um close-up estão reunidas, todas, à margem do tal rio.

Exaltado com propriedade de ser, para o poeta, mais importante que o Nilo e o Amazonas, o *Rio Definitivo* assim se consagra por ter história pessoal e causar intimidade, diferente dos outros. Claro, isto justifica o percurso histórico que é feito ao longo do livro e a construção da pintura de tons barrentos, arenosos e mesmo preto e branco, que ao contrário do que poderia ser comum, consoma uma paisagem vigorosa pelo seu excesso de calor. São os versos e as palavras bem escolhidas, as responsáveis por manter essa sensação térmica de fervor das lembranças e a ardência da saudade, mesmo que o tema central sejam as águas e não fogo.

Quanto às águas, elas são o elemento imagético que estão em todo o tempo movimentando o passar rápido e necessitado das páginas, formando poemas de estrutura sinuosa e levando fonemas ao desaguamento, como é indiscutível em *Anotações Sobre o Rio*.

Neste penúltimo poema da obra, Cyro de Mattos retoma suas primeiras palavras e caminha em direção às últimas. É a preparação para o desfecho, um quase epílogo-resumo que sustenta palavras anteriores e consoma as últimas: “tão ser tão pedra tão água”. É o rio movimentando tudo e se renovando. O rio que alitera o sono, o baile, a mancha, a dádiva e o azul *das águas*. E águas que contam a história, propositalmente em poucas palavras, de como a paz, animais, pessoas, lutas, cantigas e repteis margearam seu redor através dos anos.

São palavras do poeta, mas também de outros, dado o fato

de que ele não viveu tudo que conta, pois como Paz afirma, as palavras de um poeta são não apenas individuais, mas próprias de sua comunidade. Se assim não fossem não seriam palavras, portanto, Cyro de Mattos tem resguardado em obra aquilo não só que sente sozinho, mas o que se sente em muitos que de fato têm tais lembranças e o que pode ser sentido por aqueles que se entregam às suas palavras sem reservas.

Por fim, as anotações do poema que se encaminham para o desfecho do livro são o ser, a pedra e a água: tudo. E tudo isto vai se *d-e-s-a-g-u-a-n-d-o* exceto pela memória persistente e a afetividade revelada. É um caso agravado de topofilia, sentimento do eu lírico pelo lugar, espaço e paisagens, que se percebe ao longo do livro. Os sentidos, percepções e vivências do poeta se organizam para cantar com orgulho e nostalgia um dos principais personagens de sua terra: o rio.

A relação do eu - lírico de Mattos e o rio pode ser definida pela concepção de Yi - Fu Tuan acerca da topofilia como um elo de afeição entre o ser e sua terra tal como ela é (ou era). Independente do tempo verbal com que se vê permanece o valor inerente pela terra natal, algo que pode parecer difuso como conceito, mas certamente não como sentimento.

Por sua inegável qualidade técnica e seu valor expressivo dotado de um conteúdo temático diversificado e sob certo aspecto inovador, a suave, mas profunda, obra é absolutamente recomendada em toda sua essência e fórmula composta por água e afeição e afetividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MATTOS, Cyro de. **Vinte poemas do rio**. Tradução Manuel Portela. Editora Polimage, 2005.

PAZ, Octavio. **O arco e a Lira**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e meios ambientes. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1998.



An elderly man with thinning grey hair is seated in a red leather armchair. He is wearing a short-sleeved, button-down shirt with a blue and white grid pattern and light-colored trousers. He is gesturing with both hands as if in conversation. The background consists of a plain white wall with a light switch and light-colored curtains.

Several books are arranged on a dark wooden table in the foreground. From left to right, the visible titles and covers include:
- A book with a white cover and a yellow sunburst graphic, titled "Civiltà e Società".
- A book with a white cover featuring a profile of a man's head, titled "Ciro di Mezzo".
- A book with a white cover and a blue sky illustration, titled "L'eco...".
- A book with a green cover and a landscape illustration, titled "L'ecologia".
- A book with a blue cover, titled "Vite".
- A book with a white cover, titled "Ciro De...".
- A book with a white cover, titled "POESIE DELLA...".



Professora Reheniglei Rehem entrevistando Cyro de Mattos, na residência do escritor, Itabuna, 13/07/2014. Foto Laíse Galvão. Acervo da ASCOM/UESC, 2014.

LITERATURA É VIDA: ENTREVISTANDO CYRO DE MATTOS

*Reheniglei Rehem*¹

Na manhã de 30 de julho de 2014, fui recebida pelo escritor baiano Cyro de Mattos e a sua esposa Mariza para uma entrevista, na residência do casal, em Itabuna. Logo após as saudações prestadas por ele e sua esposa Mariza, fizemos um tour por sua biblioteca particular, onde ele me mostrou fotos, recortes de jornais, troféus, prêmios e alguns dos seus livros preferidos, sistematicamente dispostos nas estantes. De repente, mas calmamente, ele parou, contemplou o espaço livresco a nossa volta e disse com um ar reflexivo: “- Uma das vertentes de minha obra, professora, é motivada por minhas origens”. Daí então, pronto! Eis o mote que me faltava para iniciarmos a nossa conversa.

Reheniglei Rehem - Quando Fernando Pessoa escreveu “Da minha aldeia vejo de quanto da terra se pode ver no universo”, parecia que ele preconizava o conceito de “Aldeia Global”, de Marshall McLuhan, autor de “A Galaxia Gutenberg: a criação do homem tipográfico” (1962). Nesse sentido, como o senhor considera o alcance universal da sua obra literária?

Cyro de Mattos – Uma das vertentes de minha obra é motivada por minhas origens. Quando assim teço e aconteço, não quer dizer com isso que eu seja um escritor e poeta

1 Professora titular de literatura brasileira junto à UESC.

decorrentes daquele regionalismo estreito, ultrapassado, calcado na linguagem característica de um determinado lugar, fala deturpada do povo transposta para o nível literário, com tipos e psicologia específica. Não esqueço na escritura os muros da aldeia, mas penso que sou um autor da terra com perspectiva universal, pois o que me interessa mesmo é auscultar e interpelar a alma humana em seus desvãos, focar o outro mais o mundo em suas verdades essenciais. Críticos, escritores e poetas vêm ressaltando isso quando analisam e opinam sobre minha obra. É o caso da ensaísta Nelly Novaes Coelho, professora emérita da USP – Universidade de São Paulo, em estudo incluso no livro *Escritores brasileiros do século xx*, da Editora Letra Selvagem, São Paulo, 2013.

RR – No seu artigo “Literatura e Crença”, que abre este Caderno de Aula, o senhor diz: “Quando o menino deixou de escutar as histórias de mãe Josefina, apareceu então o leitor de calça curta [...], tudo era surpresa e novidade.” A partir daí, pergunto-lhe: O que ainda surpreende o “leitor adulto” Cyro de Mattos?

CM – Já não leio com a intensidade de antes, meu tempo é curto. Procuo concentrar-me na criação literária, na publicação de livros inéditos e reedições. Vejo que o suporte do livro hoje está mudando, em razão dos meios técnicos modernos, mas a obra impressa não irá desaparecer, como dizem. Quando surgiu o cinema, disseram que o teatro iria se esvaziar. O teatro aí está. Com a fotografia, falaram que o cinema ia perder bastante a força de seu alcance. E o cinema continua aí. O mesmo pode ser dito da obra impressa. Continuará para o leitor que gosta desse tipo de livro, que tem sua sedução e vantagens com relação ao livro digitalizado.

RR - Com mais de 50 livros publicados, sendo três deles em Portugal, mais três na Itália, um na França e outro na Alemanha, o que o senhor atribui à consolidação da sua produção literária

e, sobretudo, da sua inserção no tão cobiçado mercado editorial internacional?

CM - Certamente não é porque tenho uma varinha de condão [risos]. Quando publico um livro, costumo enviar para alguns escritores e críticos no Brasil. De uns anos para cá, comecei a enviar para tradutores de autores brasileiros no exterior, como Fred Ellison, professor emérito da Universidade de Austin, Texas, nos Estados Unidos; Curt Meyer-Clason, já falecido, tradutor de Guimarães Rosa, Jorge Luís Borges, Gabriel Garcia Márquez e Jorge Amado, na Alemanha, e Mirella Abriani, tradutora de Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade, na Itália. Esses tradutores gostaram do meu trabalho literário e resolveram traduzir meus poemas. Passaram a enviar-me traduções de minha poesia e tomaram a iniciativa de publicar a antologia de minha obra poética no exterior. Com a marca de tradutores de alto nível, a publicação de antologias poéticas no exterior foram acontecendo. Na Itália pela Editrice Romar, de Milão, Edizione Runde Taarn, de Varese, e, na Alemanha, pela Projekte-Verlag, de Halle. A Editrice Romar publicou ainda o livro infantil *Il bambini e Il trio elétrico*, com tradução de Mirella Abriani. No caso da antologia *De tes instants dans Le poème/De teus instantes no poema*, tradução do poeta Pedro Vianna, eu mesmo enviei o livro traduzido para Les Editions Du Cygne, em Paris. A boa surpresa é que o livro foi publicado na coleção Poesia do Mundo. Já em Portugal, onde tenho três livros individuais publicados, *Vinte poemas do rio/Twenty river poems*, tradução do poeta e doutor em Cultura, Manoel Portela, *Ecológico* e *Vinte e um poemas de amor*, todos eles pela Editora Palimage, de Coimbra, o meu primeiro livro foi editado depois que participei como convidado do Terceiro Encontro Internacional de Poetas da Faculdade de Letras, da Universidade de Coimbra, em 1998. Enviei os manuscritos de *Vinte Poemas do Rio* para a Editora

Palimage, que foram aprovados pelo conselho editorial. O livro foi publicado na coleção Imagem Palavra, em 2005. A Palimage publicou depois *Ecológico*, em 2006, e, no ano passado, *Vinte e um poemas de amor*. Nos Estados Unidos, tive poemas traduzidos por Fred Ellison e publicados em “Beacon”, revista da Associação de Tradutores Norte-Americanos, editada pelo doutor em tradução, professor Alexis Levitin, da Universidade de Plattsburgh, Nova Iorque. A antologia *Earth and river poems (Poemas da terra e do rio)*, traduzida por Fred Ellison, está a caminho de publicação. Tive uma correspondência salutar com esses tradutores. Eles recorriam a mim quando precisavam traduzir melhor uma expressão ou o significado exato de um termo. Pretendo organizar para publicar um dia a correspondência com esses tradutores e com escritores brasileiros. Trata-se de um legado precioso. Certa vez Curt Meyer-Clason chegou a dizer: “Li e reli seus poemas, com os sentidos encantados e admirado pelo seu talento mágico”. (Ich habe Ihr Werk gelesen und wiedergelesen mit dem Entzücken der Sinne und der Bewunderung für Ihr magisches Talento). Ressalto que, antes de ter livros individuais publicados no exterior, contos e poemas meus foram inseridos em antologias de expressão editadas em Portugal, Itália, Alemanha, Dinamarca e Rússia. Recentemente nove poemas de minha autoria foram inclusos na antologia *Decíamos ayer*, organizada por Alfredo Pérez Alencart para homenagear a Fray Luís de León, no XVI Encontro de Poetas Iberoamericanos, em Salamanca, Espanha.

RR - No seu Blog “Literatura e vida: Cyro de Mattos”, disponível em <<http://cyrodemattos.blogspot.com.br>>, há crônicas de sua autoria sobre o Campo da Desportiva de Itabuna e da Seleção Brasileira de Futebol. De onde vem essa sua afinidade com o futebol?

CM – O escritor é sua experiência de vida. Essa afinidade vem da infância. Gostava de jogar peladas com os amigos nos

terrenos baldios espalhados pela cidade. Eram improvisados como campinhos de futebol: o gol era marcado com duas pedras, em vez de trave. Joguei no Bahia, um time de garotos, eu era o ponta-direita. No internato do Colégio Maristas, em Salvador, fui campeão pelo time de minha classe. Defendi as cores do Guarani no campeonato juvenil da Federação Baiana de Futebol, na capital. Atuei na seleção da Faculdade de Direito da UFBA. Fui um torcedor privilegiado. Vi Pelé jogar pelo Santos na Fonte Nova e pela Seleção Brasileira no Maracanã. Vi também Garrincha pelo Botafogo na Fonte Nova, Maracanã e Campo da Desportiva. Fui torcedor veemente da Seleção Amadora de Itabuna, oito vezes campeã do intermunicipal. Torço com amor até hoje pelo Vasco, Corinthians, Bahia, Atlético Mineiro e Internacional. E, claro, pela Seleção Brasileira. O futebol, uma das paixões maiores do povo brasileiro, pulsa dentro de mim como uma coisa viva. Faz sorrir, diverte, alegra, entristece. Ensina-me como viver entre o alegre e o duro de ver, como agora na Copa do Mundo que foi realizada no Brasil. As emoções do futebol motivaram-me a escrever as histórias de *O dia em que vi garrincha jogar*, infanto-juvenil, que me deu o Prêmio Adolfo Aizen, da União Brasileira de Escritores (Rio), *O velho Campo da Desportiva*, crônicas e memórias, além de organizar a antologia *Contos brasileiros de futebol*, livro que foi aprovado pelo MEC no Programa Nacional de Biblioteca Escolar para ser distribuído nas escolas brasileiras, em uma edição de 20 mil exemplares. Gosto de voltar ao tema com crônicas que são publicadas em jornais e blogs e que depois são inclusas em livros.

RR – Como membro das Academias de Letras da Bahia (Salvador), de Itabuna e de Ilhéus, além de ex-diretor do Centro de Cultura Adonias Filho e da FICC – Fundação Itabunense de Cultura e Cidadania, de que forma o senhor considera o atual panorama político das ações culturais no Sul da Bahia?

CM – Nossa região tem uma cultura considerável, com suas tradições, valores artísticos e manifestações coletivas. Em Itabuna, seu contexto não se configura com eficácia, como ocorre em outros municípios baianos, porque falta uma política cultural de apoio mais sólida, que contribua para o reconhecimento e desenvolvimento dos elementos referidos, que informam o setor. Refiro-me a projetos amplos e duradouros, espaços culturais nos bairros, teatro municipal digno, centro de convenções, para não se falar de bibliotecas em bairros populosos, e, em especial, uma biblioteca municipal decente. Como contributo que também alimenta a cultura, a Biblioteca Municipal Plínio de Almeida, por exemplo, é um espaço pobre, uma tristeza. Dá pena ver as limitações do acervo, o mobiliário e o equipamento precários, com funcionamento sem programação adequada, estrutura física e material humano que ficam a desejar. Na área literária, destaco como ponto positivo no apoio ao desenvolvimento de nossa cultura a produção da EDITUS - Editora da UESC, responsável pela publicação de novos autores. Além das recentes editoras Via Litterarum e Mondrongo, sediadas em Itabuna.

RR – Recentemente, eu venho recebendo exemplares de seus lançamentos de literatura infantil, a exemplo do livro “O que eu vi por aí” (Editora Biruta, São Paulo, 2014). O que vem inspirando o senhor a escrever histórias e poemas sobre o imaginário e o espírito lúdico da criança, com tanta frequência?

CM – É que o meu coração ainda não cansou de ser criança. Sinto-me muito bem quando escrevo para crianças e jovens. Fico alegre por estar conversando com o leitor iniciante e em processo. É também a única maneira de retornar à infância, ao território onde tudo eram sustos esplêndidos, de tal sorte a inocência e a fantasia impregnavam suas cores na aventura da vida. Em meu livro infantil *A poesia é um mar, venha também navegar*, ainda inédito, digo no poema final, “A Estrelinha”:

Achei uma estrelinha
Que caiu no mar
E veio dar na praia.

Perguntei pra ela:
- O que vale mais,
Brilhar no céu
Ou no vaivém das ondas?

Ela então respondeu:
- O mundo me encanta
Quando brilho lá dentro
E nunca se apaga
O seu coração de criança.

RR – E para encerrar repasso-lhe a mesma pergunta que em 2013 o senhor fez para o supracitado professor da Universidade de Salamanca, Alfredo Pérez Alencart: “- Para que serve a poesia?”

CM – Tudo é travessia, entre o primeiro vagido e o último suspiro. Tudo é ilusão, sonhar é sabê-lo (Pessoa). Jogo intervalar entre o real e o imaginário, luzes e sombras. A poesia vale, vale muito, como forma corajosa de negar a morte e afirmar o conhecimento do outro mais o mundo em amanhecer fundamental. Com a poesia conhecemos melhor os seres e as coisas, postos no mundo para que sejam vistos e alcançados com profundidade. A poesia pode salvar o mundo. No reino da literatura, os povos podem se encontrar como irmãos, pois a Poesia, como a arte em geral, tudo dá ao outro, o saber e a emoção para ser, e nada quer de volta.

RR- Obrigada!

Itabuna – Bahia, 30 de julho de 2014.



CONVO MATTO

UE

O
Profa. Rehen
S

UNIVER
Depart
Campus



CONFERÊNCIA COM CYRO DE ALBUQUERQUE: POESIA, TRADUÇÃO E TOPOFILIA

4 de dezembro de 2013

UESC / Auditório Jorge Amado

Das 8h30min às 12h

Organização e coordenação:

Luiz Henrique Rehem e graduandos de literatura
Sul - baiana/Letras/2013.2

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ – UESC

Departamento de Letras e Artes / Literatura Sul - baiana

Rua Soane Nazaré de Andrade, Rodovia Jorge Amado

CEP: 45662-900. Ilhéus - Bahia- Brasil





Cyro e a sua esposa Mariza Mattos com a professora Reheniglei Rehem, em evento na Uesc, 2014.
Foto Laíse Galvão. Acervo ASCOM/UESC.

Estudantes da Universidade Estadual de Santa Cruz, do Curso
de Letras, da disciplina Literatura Sul-baiana, no período de
2013 a 2015

Amanda Santos Alves
Marcela Nascimento de Jesus
Suzeli Santos Santana
Werlaine Miranda Oliveira
Sara Rodrigues de Queiroz
Bárbara de Souza Freitas
Flávia Conceição de Oliveira
Iasmine Menezes Passinho
Viviane Carvalho Lopes
Yuri Andrei Batista Santos
Cleudes Cotias dos Santos
Márcia Brito Trindade
Sylvia Mara Silva Bouix
Taiane Silva Guedes Teixeira
Tatiana de Santana Suzart do Vale

Alda Maria de Jesus Lima
Bárbara Luiza Menezes Lago
Emni Al Arish Gusmão Massarra
Joyce Santos Soares
Juliene Santos Souza
Luiza Lima Nogueira
Kariene Silva Santos
Josanne dos Santos Afonso
Lenadro Souza Borges Silva
Luciano Rodrigues Dias dos Santos
Rute Praxedes dos Santos Korol
Tiago Calazans Simões
Petronilo Souza da Silva Neto
Rafaela Andrade dos Santos

ISBN 978-85-7455-462-4



9 788574 554624